

13

1.



ILVSTRAÇÃO
BRAZILEIRA

RIO DE JANEIRO
SETEMBRO DE 1920 .

Julio Vaz
Suí 8019

Illustração Brasileira

REVISTA MENSAL — PROPRIEDADE DA SOCIEDADE
ANONYMA O MALHO

RUA DO OUVIDOR, 164

REDACTORES: Tobias Moscoso, Fabio Barros,
Felipe D'Oliveira, Homero Prates, Rodrigo Octa-
vio Filho, Ronald de Carvalho, Afonso Lopes de
Almeida, Pantaleão Pessoa, Leoncio Corrêa, Adal-
berto Mattos.

DIRECTOR-SECRETARIO: Alvaro Moreyra.

A ILLUSTRACÃO BRAZILEIRA conta com a collabo-
ração dos mais notaveis escriptores nacionaes.

ASSIGNATURAS

PARA O BRAZIL

Um anno 30\$000 (Pelo correio,
Seis mezes. 16\$000 (sob registro.

PARA O ESTRANGEIRO

Um anno 36\$000 — registrada.

As assignaturas começam e terminam em qual-
quer época.

Numeros avulsos: No Rio, 2\$000. Nos Estados,
2\$500. Atrazados, 3\$000.



247.060 c
1955

Este numero da ILLUSTRACÃO BRAZILEIRA traz, fóra do texto, um retrato a quatro côres, de S. M. o Rei dos Belgas.



PIERCE-ARROW E WINTON

Os dois automóveis mais
afamados do mundo

Vasco Ortigão & Cª

- UNICOS REPRESENTANTES. -

Avenida Rio Branco 249



FORÇA!
SAÚDE!
VIGOR!



A mais bella e humanitaria criação
do nosso seculo é sem duvida o

DYNAMOGENOL

Tonico dos nervos!

Tonico dos musculos!

Tonico do coração!

Tonico do cerebro!

O DYNAMOGENOL é indispensavel a todos os individuos cujo trabalho produz a fadiga cerebral — taes como literatos, jornalistas, padres, professores, empregados publicos, estudantes e guarda-livros.

O DYNAMOGENOL é de resultados surprehendentes nos seguintes casos:

TUBERCULOSE
ANEMIA
CHLORO-ANEMIA
LEUCORRHEA
FADIGA CEREBRAL
HYSTERISMO
NERVOSO

VERTIGENS
BRONCHITES CHRONICAS
PALLIDEZ
AGENESIA
INSOMNIA
PALUDISMO
PERDAS SEMINAES

CONVALESCENÇA
MAGREZA
DORES DE CABEÇA
FALTA DE APPETITE
FRAQUEZA GERAL
SUORES NOCTURNOS
MA' DIGESTÃO, etc.

DYNAMOGENOL

NESTAS E NOUTRAS MOLESTIAS O DYNAMOGENOL E' DE UM EFFEITO SEGURO E RAPIDO.

As parturientes não devem nunca deixar de tomar o DYNAMOGENOL durante a gestação e após a delivrance, pois assim conseguem filhos robustos e ter abundancia de leite rico em phosphato, graças a esta inegalavel preparação.— Um só vidro de DYNAMOGENOL representa para a senhora que amamenta mais vantagem que uma duzia de garrafas de Agua Ingleza.

Vende-se em todo o mundo! -- Deposito: Rua Sete de Setembro, 186

As nossas galerias artisticas

Fachada principal da "Galeria Colucci", á rua Uruguyana n. 41, inaugurada a 19 do corrente, vendo-se á esquerda o seu fundador e proprietario Sr. Miguel Colucci.



Um aspecto do interior da "Galeria Colucci" onde se vê, entre outras obras de arte, "A luta", cujo valor é de dez contos de réis!



VINHO BIOGENICO (Vinho que dá vida)

Para uso dos convalescentes, das puerperas, dos neurasthenicos, anemicos, dyspepticos arthriticos. Poderoso tonico e estimulante da "Vitalidade", o VINHO BIOGENICO é o restaurador naturalmente indicado sempre que se tem em vista uma melhora da nutrição, um levantamento geral das forças, da actividade psychica e da energia cardiaca. E' o fortificante preferivel nas convalescenças, nas molestias depressivas e consumptivas, (neurasthenia, anemia, lymphatismo, dyspepsias, adynamia, cachexia, arterio sclerose), etc. Reconstituente indispensavel ás senhoras, durante a gravidez e após o parto, assim como ás amas de leite. E' um poderoso medicamento bioplastico e lactogenico.

Receitado diariamente pelas summidades medicas

Encontra-se nas boas pharmacias e drogarias. Deposito Geral:
PHARMACIA E DROGARIA de FRANCISCO GIFFONI & C.
Rua 1.^a de Março, 17 — Rio de Janeiro

LOTERIAS DE S. PAULO-- Extracções ás terças e sextas-feiras

— Sob a fiscalisação do Governo do Estado
LOTERIA DO NATAL - Em 31 de Dezembro 200:000\$000 Por 9\$000

J. AZEVEDO & C., concessionarios, S. Paulo—A' venda em toda parte

MOLESTIAS BRONCHO-PULMONARES



O Phospho-Thiocol Granulado de Giffoni é o melhor tonico reparador nas affecções dos bronchios e dos pulmões: elle actua não só pelo Gaiacol como pelas combinações sulfurosa e phospho-calcareas que encerra e é muito effizaz na fraqueza pulmonar, nas bronchites, bronchorréa, tosses rebeldes, tuberculose pulmonar aguda e chronica, na debilidade organica, no rachitismo nas convalescenças em geral e especialmente na convalescença da influenza, da pneumonia, da coqueluche e do sarampo. — Restaurador pulmonar de Grande valor, o PHOSPHO-THIOCOL de Giffoni tonifica o organismo de modo a fazel-o resistir á invasão do bacillo de Kock e extermina este quando já ha contaminação. Agradavel ao paladar, póde ser usado puro ou no leite, cujo sabor não altera.

Receitado diariamente pelas summidades medicas

Encontra-se nas boas pharmacias e drogarias desta cidade dos Estados e no deposito:
Drogaria FRANCISCO GIFFONI & C. — Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro

O ALMANACH

D' "O TICO-TICO"

PARA 1921

Sahirá em Dezembro

Collaborado pelos escriptores nacionaes de renome, constituindo o mais completo e artistico mimo que se pode offerecer á infancia nas FESTAS DO NATAL e ANNO BOM, todo illustrado a capricho e contendo uma infinidade de maravilhosos brinquedos de armar, contos de fadas, historias da Carochinha e variada parte recreativa - instructiva, o

Almanach d' «O Tico-Tico» para 1921

é a unica publicação de interesse real para as creanças brasileiras.

Preço 4\$000 — Pelo Correio 4\$500

Pedidos com antecedencia á "Sociedade Anonyma O MALHO"— Rua do Ouvidor n. 164 — Capital Federal.

O QUE DEVEM FAZER OS MAGROS PARA AUGMENTAREM AS SUAS CARNES

O conselho de um medico para homens e mulheres magros e rachiticos

Ha milhares de pessoas de ambos os sexos que se acham extremamente magras, com nervos e estomago de todo enfraquecidos e tendo provado uma infinidade de tonicos e remedios indicados para produzirem carnes, bem assim como dietas, cremas, feito exercicios physicos, sem nenhum resultado, resignam-se a passar o resto das suas vidas num estado de magreza absoluta, na crenga de não haver remedio para seus casos. Uma força regeneradora inventada recentemente tem a propriedade de criar carnes mesmo ás pessoas que tenham estado



Olha para aquelle par de rachiticos; por que não tomaram COMPOSTO RIBOT para ganhar forças, vigor, vitalidade e energias?

(phosphato-ferruginoso-organico) por um espaço de tempo relativamente breve, produz carnes e forças, corrigindo os defeitos da digestão e fornecendo ao organismo, em forma concentrada, os elementos que compõem a banha ou gordura. Desta maneira é que augmentam as suas carnes e forças ás pessoas magras. Este novo especifico tem dado resultados esplendidos como tonico para os nervos, porém as pessoas magras não desejosas de accrescentarem ao menos 5 kilos de carnes solidas ás que já possuem não devem usal-o.

A' venda em pharmacias e drogarias

Se está nas suas proprias mãos para que retardar?

Homens e mulheres, continuamente lamentam-se de estarem com o organismo em permanente aborrecimento, sem saber a que possa ser attribuida tão triste infelicidade e suppondo sempre erradamente quanto á verdadeira causa de taes soffrimentos. O desejo de urinar a cada instante, quasi sempre com dificuldade e sentindo ardor no canal da urethra, dores de cabeça, enjões, vista turva ou embaçada, cansaço, mão estar ao levantar-se; dores rheumaticas, hydropisia, inchação dos pés e barriga das pernas, tudo isto é o mais evidente symptoma de estarem os rins doentios.

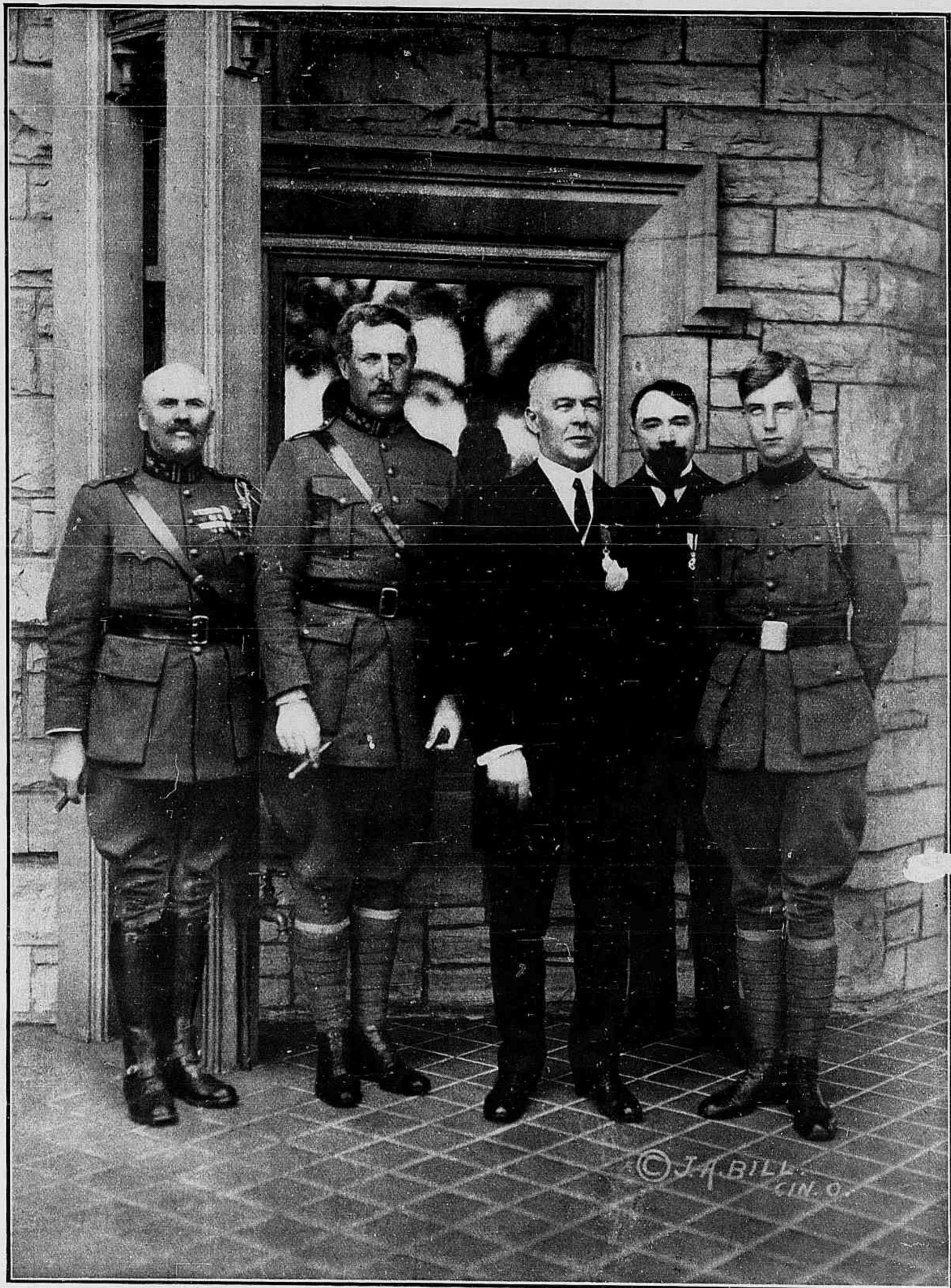
E, não dando conta do facto, descuidam-se completamente, sem prestar a minima attenção, convencidos de que a sua enfermidade não tem remedio. As PASTILHAS RINSY, para combater as doenças dos rins e bexiga, têm produzido os mais excellentes resultados diariamente em centenas de pessoas accommettidas de taes padecimentos. Não duvidamos que V. S. leia estas asseverações, tenha algum amigo que esteja fazendo uso deste especifico e obtendo os melhores resultados. Prove as PASTILHAS RINSY, para combater as doenças dos rins e bexiga. Não de'xe para amanhã quando já a sua doença o tenha martyrisado.

As PASTILHAS RINSY acham-se á venda nas principaes pharmacias e drogarias e com segurança nas drogarias: Granada, Bapt'ista, Huber, Pacheco, Rodrigues, Giffoni, André, Berrini, Sul Americana, Teive, Rangel, V. Silva, Granada & Filhos, P. de Araujo, V. Ruffier, Legey & C. e Carlos Cruz.



DANDO SOMBRA AOS MORTOS — VELHA MANGUEIRA NO CEMITERIO DE CATUMBY.

A VISITA DO REI ALBERTO A UMA GRANDE FABRICA



S. M. o rei Alberto I, em companhia do duque de Brabant, do general Jacques, o heroe de Dixmude, na visita feita em 22 de Outubro de 1919 á grande fabrica de tinta para impressão de The Ault-Wilborg Co., em Cincinnati, Estados Unidos da America, cuja succursal nesta Capital é na rua dos Ourives, 102. A presente photographia foi tirada na principesca vivenda de MILLE ROCHES, propriedade do chefe da referida fabrica Sr. L. A. Ault, que se encontra entre o soberano e o principe; no segundo plano o Sr. G. A. Aerts, chefe da Secção de Exportação.



Ao Rei Herói,
A Belgica Martirizada e Gloriosa!
Homenagem do


Parc'Royal

A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL




Ano 8:
Nº 1

Ilustração Brasileira

Setembro
1920

A Ilustração Brasileira andava já no sétimo anno do seu percurso, quando, num dia de Fevereiro de mil novecentos e quinze, teve de parar. Foi causa disso a guerra, com as dificuldades que creou, aquella guerra que, por um lustro quasi, ensanguentou a Europa, e que enche de festas, agóra, o Rio de Janeiro. Se não houvesse a guerra, não estariam, de certo, os Soberanos Belgas na capital do Brazil... Tudo se compensa debaixo do Sol. Sempre a amargura é alvorada de algum prazer... Quizemos iniciar a nova jornada da Ilustração Brasileira com a data da visita de Suas Magestades á nossa terra. Cada anniversario desta revista recordará a gloria e a alegria do mez de Setembro, em que o Rei Alberto e a Rainha Elisabeth viveram na cidade linda onde vivemos.



ALBERTO I.

O presidente Wilson notára em 1919, quando em companhia do Rei Alberto percorria a Belgica, que, ao contrario do que seria de prever, era para a pessoa do Rei, e não para a delle Wilson, que todos os olhares se voltavam nas ruas, nas festas publicas, nas recepções. A curiosidade do povo em conhecer o presidente da grande nação norte-americana era sem duvida grande; porém, maior ainda que essa curiosidade era no coração dos belgas a admiração, o entusiasmo pela figura do seu Rei.

Wilson, sentado á direita do soberano em luxuosos carros de corte, sentia nitidamente que toda a imensa turba que enchia as ruas de alaridos e ovações, fitava Alberto, applaudia Alberto, fremia, vibrava por Alberto...

Alguns mezes mais tarde o presidente Pessoa fazia identicas observações: apesar do movimento de curiosidade que suscitava o nome do Brazil que pouco antes apparecera no scenario da Conferencia de Paris como a grande potencia nova em torno da qual todas as pequenas nações se reuniam — era sobretudo ao Rei Alberto que se dirigiam os olhares, as palmas, os vivas durante as manifestações ruidosas.

Se, depois disso, eu ignorasse ainda o amor dos belgas pelo seu Rei, um outro facto m'o veria provar.

Ha pouco mais de um mez estava eu na Belgica, em Spa, assistendo aos trabalhos da conferencia entre os chefes de governo alliados e allemães, quando um telegramma de Bruxellas me chegou ás mãos: O Rei receber-me-ia no dia seguinte. A nova, annunciada sem duvida pelo agente do telegrapho, propagou-se vertiginosamente pela pequena cidade. E quando eu, nessa mesma noite, parti para a capital (acompanhado pelo hoteleiro solícito que me quiz levar pessoalmente a valise até ao trem), encontrei na estação todos os meus conhecimentos recentes de Spa: jornalistas de Bruxellas, Antuerpia, Lieja, o barbeiro, a manicura, o garçon do restaurante, o dono da tabacaria... Toda

esta gente me ia dizer adeus por vinte e quatro horas, me ia apertar a mão, me ia fitar o rosto com admiração, olhar-me com olhos de inveja que pareciam dizer:

— Felizardo, que vaes ver o Rei frente a frente, falar-lhe, ouvir-lhe a voz!

Dos meus amigos, dos meus companheiros e collegas inglezes, italianos, portugue-

navegar arriscadamente por grandes rios explorados, percorrer a pé, em penosas excursões, as mattas tropicaes. Levava-o o desejo de saber, de vêr sem possibilidades de illusão o estado real da sua colonia, para, mais tarde, quando rei, poder dirigil-a com intelligencia e justiça.

Rei, foi com intelligencia e justiça que

Alberto I governou de 1909 a 1914. O seu unico defeito — dizia-se então — era a sua indecisão, a sua falta de energia... Hoje sabe-se que o publico tomava por fraqueza de animo, timidez, nolição, o que não era mais que a sabia prudencia de um espirito reflectido, que antes de tomar qualquer resolução definitiva maduramente lhe pesa as consequencias possiveis.

Quando sobreveiu a guerra, não ha em todo vasto mundo um só homem civilizado que não saiba hoje o que toda a Humanidade deve á acção pessoal do grande heróe. Em vez de, como o kaiser, desembainhar a espada na janella do palacio ao fim de um discurso, o Rei Alberto a desembainhou nos campos de batalha, no começo da luta. Em Malinia, em momento de supremo perigo, eil-o que, para dar o exemplo a certos generaes menos afoitos que prudentes, se lança a cavallo, sob a chuva de metralha, contra as hostes allemães... E o exercito belga, em um só movimento, com um só grito — segue após elle.

Agora, Alberto I vem até nós. E o seu

acto tem uma significação politica de altissima importancia. Paiz productor de todas as materias primas, com população que o actual recenseamento provará subir além de trinta milhões de almas, o Brazil entra definitivamente neste começo de seculo para o rol das grandes potencias. Alberto I comprehendeu-o. A sua visita ao Brazil — como a sua visita de ha um anno aos Estados Unidos — abre á Belgica, novos horizontes, desenrolados em perspectivas largas... Mas abre-os tambem a nós e não menos vastos.

AFONSO LOPES DE ALMEIDA.



O PALACIO GUANABARA, ONDE ESTÃO HOSPEDADOS OS SOBERANOS BELGAS.

zes, francezes, rumenos, gregos, servios, chinezes, — não havia lá nenhum. Dos meus conhecidos belgas — nenhum faltava.

E os belgas têm razão.

Antes de subir ao throno, Alberto I merecia já a admiração do seu povo; merecia-a e tinha-a. Principe real ainda nas vespas da investidura, quiz elle, em vez de viajar pelas capitaes europeas entre banquetes e festas, conhecer a extensissima colonia belga da Africa, metter-se pela brenha,



Alberto I, Rei dos Belgas

UMA RECORDAÇÃO DA BELGICA

PEQUENA colmeia de abelhas industriosas e artisticas, a Belgica sempre foi, na face da terra, um ponto irradiador de trabalho e de belleza. Aquelle pequenino pedaço do mundo, em todos os tempos e em todas as faces do esforço humano, foi um exemplo vivificador de energia e graça.

Na idade media foi um dos mais bellos e requestados centros da cavallaria guerreira e elegante. As chronicas dos historiadores estão cheias dos feitos d'armas das cidades flamengas, que, com Pruges á frente, envolvem num mysterio de sonho e de grandeza todo um longo passado, onde se confundem na mesma admiração, a attitude possante de um guerreiro empunhando com o guante de ferro a lança de combate ou o gesto amavel com que o mesmo cavalleiro beijava os branquissimos dedos de uma bem amada de loiras tranças e olhar azul...

Esse duplo traço do character belga, ainda acaba de se manifestar diante dos olhos rudes dos homens de hoje, com o exemplo bravo e heroico com que se entregou ao sacrificio da guerra mundial. Se a resistencia pelas armas contra um inimigo superior em forças é a demonstração da bravura e heroismo de uma raça, o sacrificio desta resistencia é, como todo soffrimento humano, desinteressado e franco, um motivo de belleza e a eterna creadora das obras de arte.

Emquanto nas trincheiras em sanguentadas, os seus soldados viviam na terra a vida do inferno, por traz delles, inspirados naquelle heroismo sobrehumano e quasi divino, almas como Emile Verhaeren, cantavam hymnos de eterna belleza, cuja emoção immorredoura, nascida das entranhas da dor e que viveu bem dentro do soffrimento humano, certamente não encontrará, por mais que os seculos avancem e que novos soffrimentos brotem do seio da terra, horizonte bastante largo onde desapareça...

Foi ainda a guerra que revelou ao mundo a figura de Alberto I, *roi sans peur et sans reproche*, cujo heroismo e abnegação como simples soldado de seu proprio exercito, envolve a alma legendaria de um eterno sonhador, que fez de seu sonho de gloria a serena divisa de sua vida...

Visitei Bruxellas em 1913, com o espirito apenas preoccupado em ver o que os artistas de genio, dos tempos idos, haviam legado ao mundo; tinha os meus olhos saturados da legião infinita de obras de arte, que Paris encantadora me havia mostrado. Já agasalhara na minha memoria — e para sempre — o que vira no Louvre, no Luxemburgo, em Versailles... Chegando a Bruxellas, continuei minha feliz peregrinação. O museu da cidade, um dos mais ricos do mundo, possui obras primas das escolas flamenga, allemã e hollandeza.

Da escola flamenga, o monumental Rubens exhibe toda a pujança de sua arte eterna no *Christo subindo o Calvario*, na *Venus chez Vulcain*, em *La chasse d'Atalante et de Méléagre*, em *Jacqueline de Coestre*, em *Martyre de Saint Lievin*; no mesmo museu se encontra o *Adão e Eva*, de Van Eyck; a *Tentação de Santo Antonio*, de Jerome Boch; *Le massacre des innocents*, de Pierre Brueghel, o velho, e innumeradas obras primas daquella escola. Da escola allemã, o que mais impressiona é um *Retrato*, de Alberto Dürer, e Rembrandt apresenta a escola hollandeza, com algumas de suas mais notaveis telas, como, por exemplo, *L'Homme au grand chapeau* e *Vieille femme*.

Louis Davis trouxe, como legitimo represen-

tante da escola franceza, o seu conhecido quadro *Marat mort*, que muito enriquece aquelle *certainement* magnifico da arte mundial.

Nesta mesma Bruxellas, numa certa manhã de maio, depois de um passeio pelo *Bois de la Cambre*, onde as arvores já reverdejavam, fui levado por uma amiga ao Museu Wiertz, onde tive uma das surpresas mais agradaveis em minha vida de curioso das coisas de arte. Conhecia vagamente o nome de Wiertz e nada de sua grande obra. Esta que, quando sincera, é o reflexo da alma do artista, possuía no caso de Wiertz os caracteristicos de sua raça: ao lado de uma feição puramente artistica e sonhadora, uma feição combativa, violenta, quasi pamphletaria.

Antonio Wiertz, que foi talvez o maior pintor belga do XIX seculo, nasceu em Dinant, em 1806, de paes pauperrimos, e muito pobre morreu, em Bruxellas, no decorrer do anno de 1865. Filho de um alfaiate, encontrou no pae alguem que delie queria fazer um homem de valor. Apesar de seus magros recusos, o pequenino Wiertz iniciou-se na musica, na escultura e na pintura, e já aos quatro

vidas de Wiertz demonstram a existencia de um anormal de genio.

Foi em Roma que Wiertz pintou o seu quadro *Gregos e Troianos disputam o Patroclo*.

Este quadro, de dimensões colossaes, é, a nosso ver, abstrahindo o defeito do tamanho, a obra prima do artista. Nelle se vêem mais de quinze figuras lutando pelo corpo inerte de Patroclo e possuem qualidades que impressionam a retina e a alma do observador: o agrupamento é maravilhoso, a luta surge real, palpante e feroz, onde as figuras se agarram com violencia, se olham com raiva, umas atacando com energia, tendo nas feições uma expressão incedível de força de vontade, de perseverança na luta e outras têm estampada na physionomia uma paciencia resignada, uma serena confiança na victoria. E' um quadro que Rubens assignaria. Wiertz, aliás, como fez com toda sua obra, também não assignou este quadro.

A *Revolta dos Anjos* é outro trabalho admiravel e também de tamanho descommunal. Os criticos, estudando este trabalho, classificaram seu autor de genio e de louco...

Wiertz, porém, não deixava as criticas aos seus trabalhos e pessoa sem resposta. Foi sempre um combativo, um pamphletario, criticou os seus criticos, criticou os habitos, usos e gostos da época em que viveu com acrimonia, com energia, com sinceridade.

Por ocasião do 2º centenario de Rubens, escreveu um trabalho sobre o grande mestre flamengo e pouco tempo mais tarde um trabalho sobre os *Caracteres constitutivos da pintura flamenga*. Ambos foram premiados.

Em 1867, em Bruxellas, publicou uma brochura interessante e que muito impressionou os profissionaes do pincel.

Muito produziu Wiertz e suas telas senão todas, estão no Museu que tem o seu nome e que foi a casa em que viveu a ultima metade de sua vida.

Os seus trabalhos, se alguns se resentem levemente de defeitos de desenho, em todos existe um ensinamento, ou são a critica maldosa da fraqueza humana.

Para não mais alongar esta chronica, citaremos alguns dos seus trabalhos mais interessantes: *A leitora de romance*, *Os orphãos*, quadro de uma naturalidade dolorosa, *As duas moças* ou *A bella Rosina* são duas bellissimas telas. *O espelho do diabo*, *Uma cabeça cortada*, *A inhumação precipitada*, onde se lêem no caixão que o enterrado vivo está entreabrindo os seguintes dizeres: *Mort du cholera* e logo abaixo a assignatura de um medico... *Um cão no seu nicho* é um trabalho interessante, como também interessante é o *Botão de rosa* e o *Porteiro*.

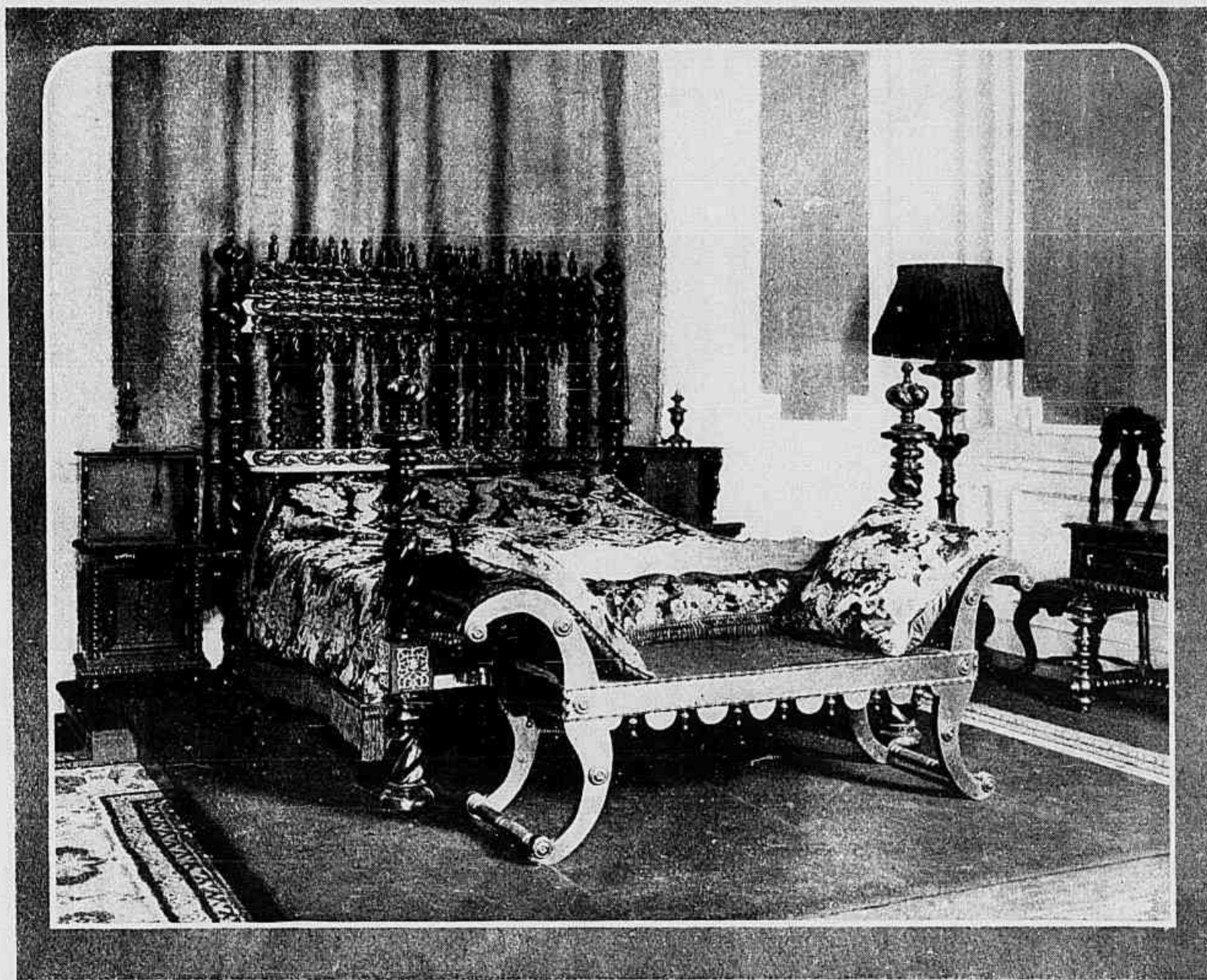
Tragicos são os trabalhos, *Uma scena do inferno*, onde a recepção feita a Napoleão não é das mais sympathicas, *A creança queimada* e *A fome, loucura e crime*.

Antonio Wiertz, que nunca fez outra coisa durante sua vida, senão dedicar-se inteira e desinteressadamente á sua arte, forrou sua alma de artista com uma couraça de orgulho.

Eis por que escreveu em caracteres visiveis, no muro de seu jardim, que o orgulho é uma virtude que inspira as grandes obras e fere o amor proprio dos outros...

Rio, Setembro, 1920.

RODRIGO OCTAVIO FILHO.



O QUARTO DE S. M. O REI DOS BELGAS, NO PALACIO GUANABARA.

anos sua pequenina mão rabiscava de tal forma, que não podia negar a alma do artista que pouco a pouco surgia.

Os primeiros annos de sua vida foram de grande soffrimento. Lutava para viver e lutava contra os criticos, que não comprehendiam sua obra. O governo belga, afinal, pelo orgão de um ministro amavel, concedeu ao joven pintor uma modestissima pensão: 100 francos por anno! Com este pequeno auxilio, Wiertz foi para Paris, onde a luta não foi menor. Tinha difficuldade para pintar, pois nem tinha dinheiro sufficiente para pagar modelos. Nunca ninguem procurou o desconhecido artista, apesar delle haver pintado em letras grandes na porta de seu pobre atelier: "Aqui fazem-se retratos de graça..."

Em 1834, pôde-se bem avaliar com que sacrificios Wiertz concorreu ao Salão e obteve o Premio de Roma. Partindo para esta cidade, começou então uma vida de trabalho intenso, exaggerado mesmo.

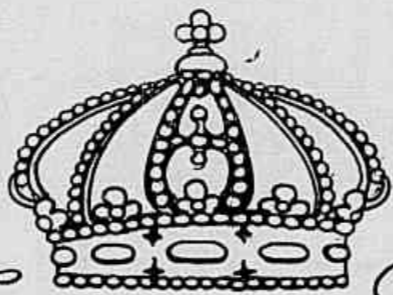
Tinha a mania dos quadros monumentaes e parecia um allucinado. Trancado em seu atelier, trabalhava sem cessar ou recitava trechos infinitos de Homero, que sabia de côr.

Conta um chronista que Lombroso, com a mania de classificar o espirito humano, collocou Wiertz entre os matoides! Classificado ou não por Lombroso, o certo é que as obras e os actos da



Elizabeth Kambas de Belges

A LIÇÃO DO REI



COMO se approximou aquelle dia, de jubilo tão claro, em que o rei Alberto desceu á nossa terra, certos doutores do protocollo, conspicuos na arte sublime das bellas roupas e das attitudes magnificas, esmeraram o estudo da rigorosa etiqueta, com que se havia de mostrar ao visitante insigne que tambem neste ultramar ha gente fina, recheada de cortezania.

A' risca se deveriam seguir as complicadas pautas e os preceitos subtis, dentro de cuja ferrea disciplina se constringem as saudações e se moldam os sorrisos. Sua Magestade ia ver, com os seus olhos realengos, todo o requinte de um cerimonial, em que o mais leve movimento do dedo minimo ou o mais ligeiro franzir de uma simples ruga facial teriam aquelle sabor discreto da oportunidade, que os codigos tão meudamente regulam. De tudo resultaria, segundo os calculos, este beneficio immenso para o nosso paiz: o de tornar o rei á sua amada Bruxellas, dizendo a toda a gente que neste desvão do mundo exactamente se sabiam e observavam, a preceito, os mais severos mandamentos a que, no seculo vinte e numa republica democratica e até vagamente bolchevista, devem attender, perante um soberano, as manifestações exteriores do sentimento e das idéas.

Entendiam, ainda, os sabedores do formalismo queurgia segregar o rei ao contacto intimo desta Carioca exuberante, tão descomposta nos ruidosos carnavaes, tão indisciplinada diante dos poderosos e tão indifferente ás notabilidades exóticas, que a estas plagas concedem o favor de uma visita sempre apressada. E esperavam que o imperante, percorrendo apenas um trajecto cautelosamente predeterminado e privando só com um pequeno grupo de homens selectos, muito polidos e muito sollicitos, sentisse, neste remoto estagio, uma atmospheria de rigido protocollo, tão ao feitio das côrtes que, no Velho Mundo, tentaram conservar, até os dias da grande guerra, certos habitos da vassalagem e umas tantas tradições medievas.

Regrinhas caprichosas, minucias inacreditaveis, ninharias futeis e rebuscadas exigencias foram, então, transmittidas aos ignaros por eruditos e impeccaveis mestres de cerimonia, cuja inutilidade elegante gravita em torno do Itamaraty. E, desde logo, senhores de alto bordo e magnatas consideraveis, que, por officio ou condição, deviam acercar-se do hospede real, receberam, concentrando a attenção, instrucções preciosissimas sobre a pragmatica das côrtes e passaram a fazer, diante do espelho e sob o olhar imperativo dos entendidos, o ensaio geral das posturas e ademanes, com que se haviam de apresentar ao rei heróe, nas grandes horas esperadas.

Foi uma tortura sem descanso, uma preocupação a que se não dea tregua, mal se soube que o monarcha entrara nas aguas brasileiras. E, no dia da chegada, um pugilo de cortezões improvisados aguardou, nervosamente, que Sua Magestade desembarcasse para, sob a ardencia dos tropicos, na livre America de San Martin e Tiradentes, receber as humildes mesuras a vinte passos e conceder a subditos de encomenda o beija-mão, o beija-pé, o beija-tudo mais palaciano que até hoje se tem visto.

E o rei, tendo deixado a forte nave que o trouxera através do Atlantico, poz o augusto pé no nosso caes, subiu á nobre carruagem, onde o esperavam, impertigados e sem pestanejar, dois pomposos lacaios, atravessou, sob applausos ardentes, a cidade dourada pelo sol e penetrou afinal no Guanabara, por entre a serena frescura dos seus verdes jardins. Tudo isso, sem dar a menor attenção ás formulas do cerimonial intrincado: olhou, com a mesma simpleza e curiosidade que teria o mais vulgar dos visitantes, a belleza infinita da bahia, a fila inesthetica dos guindastes do porto, as ruas cheias de povo, a alegre e rumorosa acolhida da multidão... Disse, como qualquer mortal, verbos de elogio para a nossa terra e para a nossa gente. Teve um sorriso muito humano para a massa humana, que o saudava. E, com despedida singeleza, foi logo distribuindo o seu aperto de mão e dirigindo a uns e outros, em tom de conversa, a palavra espontanea, fluente, sem refolhos.

Os homens do protocollo sentiram então no intimo do peito o desenho de um desapontamento, a sombra de uma triste decepção...

No dia seguinte, Sua Magestade, sem consultar o programma official, deixou, muito cedo, quasi ante-manhã, a sua tranquillidade e, como qualquer de nós, de surpresa, vestiu-se de malha, calçou sapatos de lona, caminhou ao longo de uma branca praia e vulgarmente, candidamente, foi entrando nas aguas revoltas do mar, gosando as delicias de um banho, que o grave estatuto protocollar jamais poderia admittir e, muito menos, prever.

Já agora os mestres de cerimonia não tiveram mais duvida. Prostrou-os a amarga certeza: aquelle rei extravagante viera decidido a de-

molir todo o grandioso edificio que, á luz dos codigos e no empenho servil da imitação que caracteriza os joões-ninguens, o formalismo aborigen construiu, para agradar tão magestática pessoa. Um soberano ali, naquellas arcias por onde a ralé passeia os seus momentos de ocio, ia mergulhar no salso argento, á vista de toda a gente, o seu regio corpo, tão finamente coberto da sua fina cutis real! Era positivamente demais! Não fosse o devido respeito, o caso tomaria, aos olhos do Itamaraty, o vulto lamentavel de um escandalo!

Mas Alberto Primeiro não se deteve, nesse attentado contra os sagrados ditames da etiqueta. No proprio dia daquelle banho compromettedor, Sua Magestade, vagando sonhadamente sob as frondes do parque, que o cerimonial lhe dera por menagem, viu, de repente, no ar illuminado, um desses passaros erradios que andam, aos milhões, contando o seu romance pelas nossas mattas e que os bosques da Belgica heroica nunca puderam abrigar nas sombras frias.

Quiz o rei colher o passaro, para lhe examinar a plumagem sedosa, as garras afiadas, o bico arqueado e petulante. Então, a ave, talvez ignorando quem era aquelle homem tão viril, tão alto e tão louro, que lhe estendia a mão cubiçosa, fugiu, arisca, num remigio faceiro. O real perseguidor não desanimou e, como a ave lhe escapasse aos repetidos assaltos, deitou a correr febrilmente atraz della, no obstinado proposito de a possuir, um fugaz instante siquer.

Essa caçada, ao sabor do acaso, seria já, por si só, assim, num parque de simples recreio, sem hallali, sem fardas rubras, sem cães e sem sequito, uma offensa enorme ao protocollo. Mas o que a tornou particularmente condemnavel, o que serviu de desmoralisar a disciplina cortezã, foi que Sua Magestade, na ancia incontida de ser o senhor daquelle passaro tão cioso da sua independencia, teve o ultimo dos gestos reprovaveis num rei: pulou, com a sua facilidade pernalta, uma cerca, que, desrespeitosa, lhe tentava obstruir o passo. E' verdade: como um simples garoto o faria no Bois de la Cambre, Alberto Primeiro pulou uma cerca e, quando deu accordo de si, perdida já a esperanza de aprisionar o passaro teimoso, estava fóra do parque, no recanto de um terreno, em que os nossos rapazes se entregam ás alegres evoluções do football.

Estouvado monarcha!

Para que serviu o meticuloso estudo, em que consumiram o phosphoro, que lhes restava, os argutos protocollistas nacionaes?

Além do banho e da caça, em que só a fantasia da occasião foi obedecida, o soberano, querendo ainda, sem cortejo nem pompa, como um plebeu perdido na onda popular, conhecer de perto a cidade que tão bem o acolhera, surprehender-lhe os aspectos e a vida de todo o dia, enveredou por beccos e vielas estreitas, que se lhe apresentaram como são sempre, sem atavios, sem festões nem guirlandas nem effeitos enganadores de scenario transitorio.

Ha, entretanto, mais e peor.

Os honrados autores do programma, a que se devia escravisar esse regio desmancha-prazeres, esqueceram, muito sabiamente, certas pessoas, cuja presença junto a Alberto Primeiro não teria significação nem cabimento. E vae o rei: lembra-se. Lembra-se e faz logo uma das suas...

No dia em que chegou, como a noite descesse, Sua Magestade, circumvagando o olhar, curioso da paisagem, viu, para as bandas da Mantiqueira, um clarão que, pondo um cairel nos recortes da serra, illuminava o céu. Cuidou o monarcha de conhecer, ao certo, a razão do que assim se lhe apresentava, tão singularmente lucido nas sombras do crepusculo. Em vão, alguns aulicos sollicitos buscavam chamar a attenção real para a cidade, que entrava já a se recamar de luzes: o rei persistia no proposito de olhar para o fundo do horizonte, para o sitio onde a claridade sabia, mais alta que as montanhas.

Ninguem, no sequito garboso, podia, entretanto, informar o rei-heróe: á pergunta, que os labios augustos reiteravam, nenhuma resposta satisfazia. E o soberano ia já conformar-se com a ignorancia geral da sua côrte, quando um homem já do povo, que indiscretamente ouvira tudo, bradou, num impulso incontido:

— Sire! Aquillo é Palmyra. Lá é que está, enfermo e deslebrado, Ruy Barbosa!

No dia seguinte, um mensageiro inesperado entregava, absolutamente fóra do programma, uma carta do rei ao grande espirito liberal da nossa terra, no manso retiro a que o levaram achaques e dissabores.

Pobre protocollo, nobre rei, alta lição!



1º TENENTE NEWTON CAVALCANTI — COMMANDANTE DA 2ª COMPANHIA DE ALUNOS — INSTRUCTOR DE INFANTARIA DA ESCOLA MILITAR.

A grande guerra e suas graves consequências, o desenvolvimento

EXERCITO NOVO

economico do Brasil, o accrescimento da sua população e a certeza de que bastará uma paz digna para ascendermos á grandiosa posição que nos está destinada entre as nações, constituem os motivos preponderantes para que a *Illustração Brasileira* não resurja indifferente á nossa defesa militar.

Temos uma tradição, no que concerne a relações internacionaes, que nos dá o direito de esperar e confiar na amizade e respeito de todos os povos justos; mas esse direito não basta. Como bem synthetizou, em seu ultimo relatorio, o Sr. Ministro da Guerra: *em politica internacional o valor das nações não reside tanto na missão que hajam de cumprir ou nos ideaes que propugnam, como na capacidade moral e material que possuam para realizar sua missão ou corporificar seu ideal. Ninguém respeita nem procura a alliança dos fra-*

cos. Para defender um conceito superior da Vida e da Civilização cumpre ser forte. A força consciente e generosa é um pólo de attracção.

As grandes nações que concertaram a paz, sob os auspícios da *Entente* victoriosa, estão reorganizando suas forças armadas, sobre a base da mais estreita colaboração entre o povo e suas instituições militares. O bom emprego dos armamentos ou o auxilio que qualquer machina possa prestar á guerra será previsto com maior segurança e a instrucção militar não pasará de um requisito social.

Como consequencia dessa orientação as organizações militares modernas se esforçam para que o periodo da incorporação seja um estagio util e necessario á vida civil, ensinando um officio, desenvolvendo uma aptidão especial do conscripto e fornecendo-lhe, ao findar seu tempo de praça, um certificado que lhe garanta feliz retorno á vida civil.

Nossas instituições militares sempre foram, ao seu tempo, bem dignas do paiz. Constituidas de maneira a representar o sentimento popular, organisadas sob o principio da submissão consciente ao merito e valor profissionaes, e argamassadas portanto com a especie de disciplina que nunca deixará de formar a essencia de qualquer organização progressista, ellas formam uma parte do organismo nacional, vivendo da sua vida, sentindo do seu sentir, servindo ao seu ideal. Por isso a nossa evolução militar nem

sempre poderá obedecer aos conhecimentos ou á capacidade da melhor parte dos nossos quadros de officiaes; ella conserva suas ligações naturaes com o meio e por elle regula sua velocidade.

Felizmente já conseguimos penetrar na phase em que o exercito permanente deixou de ser uma classe isolada e exclusivista. Nosso exercito começou a ser uma instituição util á vida pacifica do paiz, não só atravez do "para bellum", mas no rumo do "para pacem", contribuindo para a felicidade individual de um bom numero de conscriptos e, consequentemente, para o progresso da collectividade.

Entendemos prestar um grande serviço, quer ao povo, quer particularmente á defesa nacional, contribuindo para um melhor conhecimento da evolução das nossas instituições militares. Com a verdade expressa em letras e photographias iniciamos esse trabalho



CAPITÃO OTHON SANTOS — AJUDANTE DO 1º BATALHÃO DE ENGENHARIA.



CADETE DE INFANTARIA RENATO DOS SANTOS JACINTHO — DA 1ª COMPANHIA DE ALUNOS.

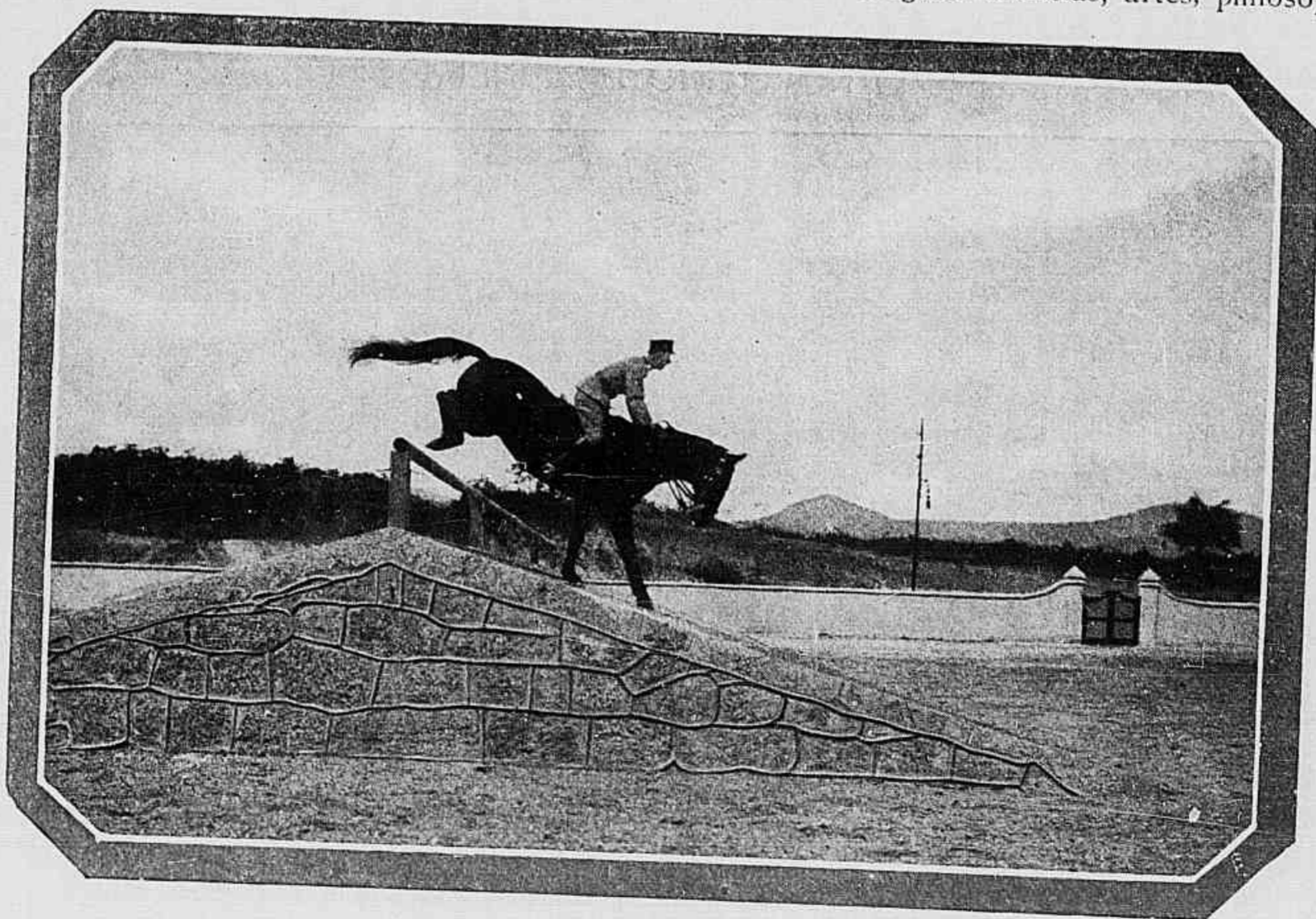
○○○

Certamente não pretendemos apresentar as nossas forças de terra como subitamente transformadas. O EXERCITO-NOVO é simplesmente o exercito que está substituindo com intelligencia e oportunidade o instrumento antigo que até agora formou heroicamente uma boa parte da nossa historia e conservou dignamente nossas fronteiras, pelo aparelho moderno capaz de realizar os mesmos feitos, numa guerra que não possamos evitar.

O EXERCITO NOVO, por justiça, por dever e por interesse, cultiva antes de tudo o exemplo dos grandes chefes militares do passado e dos que agora presidem sua transformação; esforça-se por conservar as virtudes militares de que o exercito antigo deu innumeras provas, na guerra e na paz; estuda os meios de orientar a nação em armas, applicando todos os conhecimentos humanos — religião, sciencias, artes, philosophia, industria, commercio — voltados para a

contribuição possivel nesse grande objectivo de salvação e engrandecimento da patria.

O exercito é uma escola de habitos, de idéas e tambem de letras. Sua frequencia é indispensavel. O desenvolvimento physico, os habitos de hygiene, a alegria consequente da saude, a bondade consequente da alegria, a confiança e desembaraço oriundos da execução de serviços elementares, o conhecimento das primeiras letras para os analphabetos — fazem da boa caserna, da unidade bem comandada e instruida



UM SALTO... QUASI TERMINADO



MAJOR PARGA RODRIGUES — EX-INSTRUCTOR E EX-PROFESSOR DE ARTILHARIA — COMMANDANTE DO 2º GRUPO DO 1º R. A. M.

—um instituto digno da admiração pública.

O voluntario e o sorteado, desde os seus primeiros passos na caserna, sofrem uma transformação apreciavel, principalmente si elles encontram o instructor moderno, — o irmão mais velho —, que ensina, aconselha e corrige. Ahi tambem se dá a transfusão das virtudes e conhecimentos. E' o nortista trabalhador e dedicado que adquire o

nhos, de soffrimentos e de alegrias que se intercala na vida e que se envolve de orgulho e de saudade.

Na caserna os homens se julgam e se admiram pelas qualidades moraes.

Estas formam o musculo do commando, a principal razão de accesso, o élo mais forte da camaradagem.

Com este exordio e atravez das photographias que mostram o aspecto da nossa tropa, em

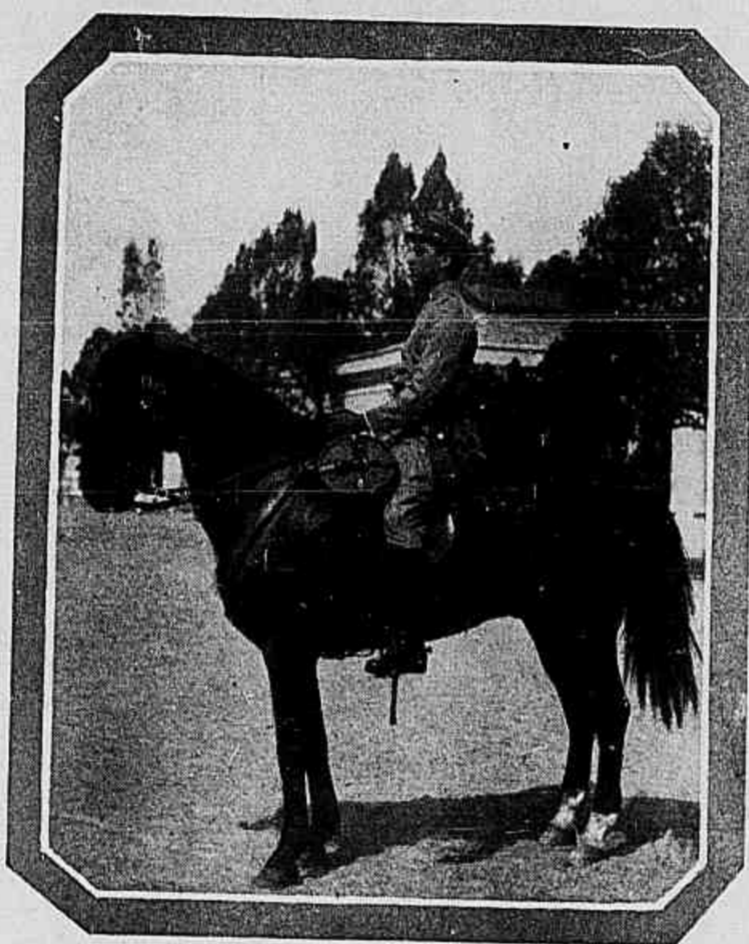


1º TENENTE ARISTOTELES DANTAS — SECRETARIO DA ESCOLA DE APERFEIÇAMENTO DE OFFICIAES — CAVALLARIA.



ANSPEÇADA VICTOR BARRETO — SORTEADO DA 3ª COMPANHIA DE METRALHADORAS.

desembaraço do sulista leal e audacioso; é o homem simples e sadio do campo que adquire os costumes da cidade, os habitos da civilização, enquanto os outros lhe admiram o espirito, a intelligencia, confiando melhor nos elementos que formam a massa da nacionalidade; é o moço culto e patriota, que ensina pacientemente, ao seu patricio, as letras com que poderá conhecer a pátria e o mundo; são os amigos que se formam no alojamento, na escola, na barraca, no hospital, na mesa, no fogão, na formatura, nos exercicios audaciosos; é uma phase de pobreza, de coragem, de so-



ASSIS SCAFFA — SOLDADO VOLUNTARIO PERTENCENTE Á 5ª BATERIA DO 1º REGIMENTO DE ARTILHARIA MONTADA.

praças e officiaes, apresentamo-nos aos leitores da *Illustração*, com o proposito de analysar e descrever o EXERCITO NOVO.

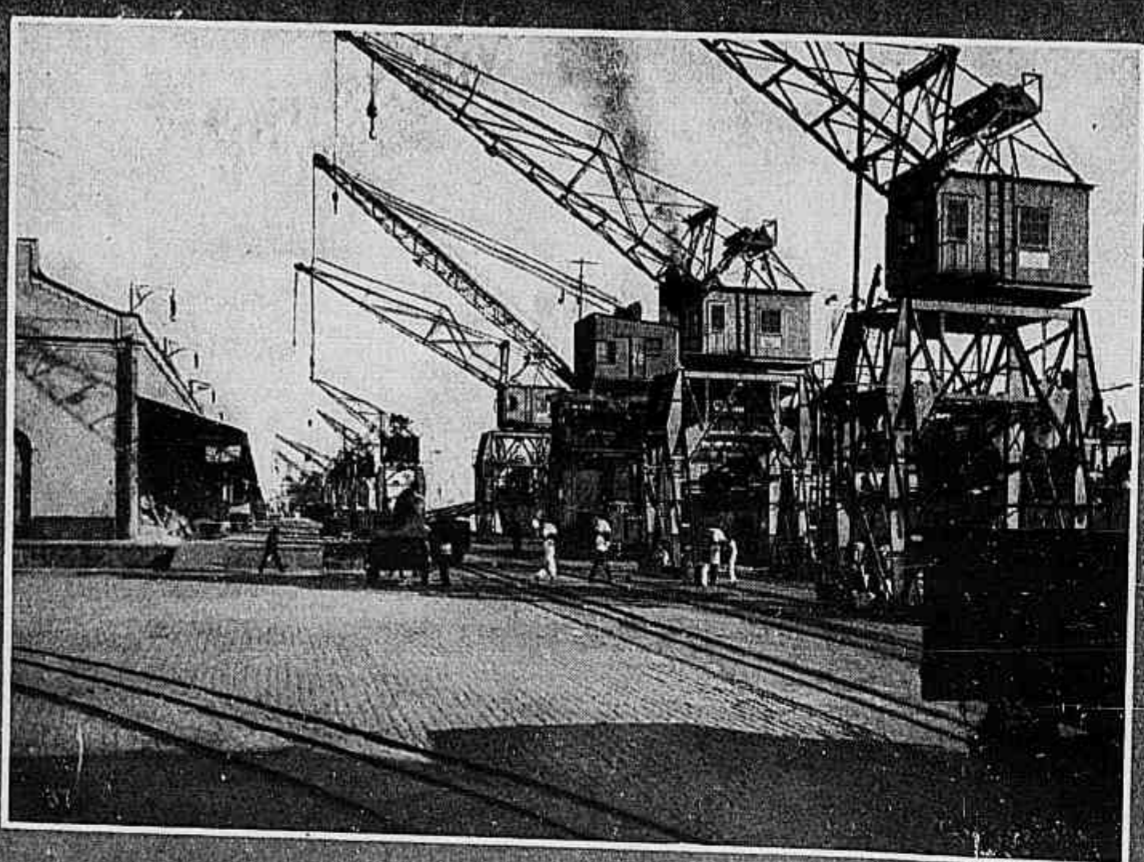
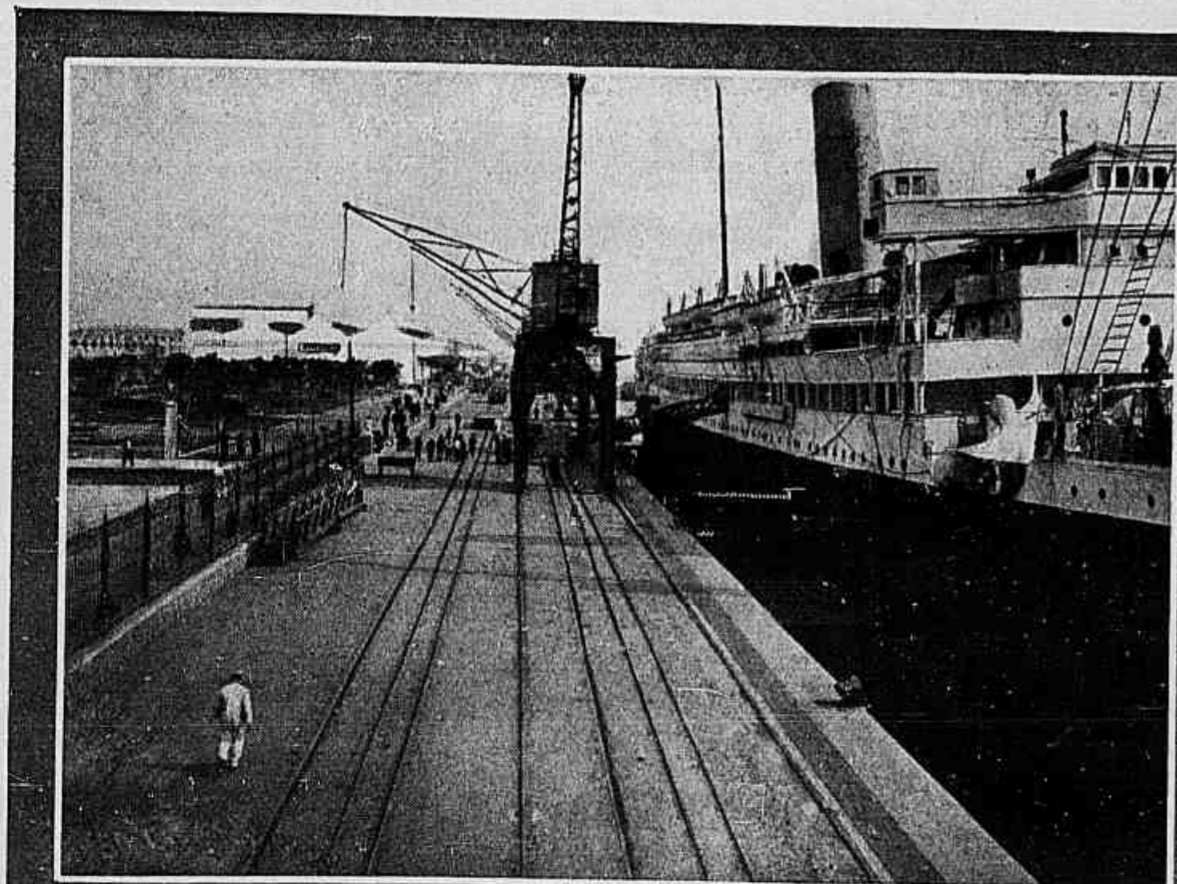
Desta vez, mostramos um voluntario, um sorteado, um sargento, um alumno da Escola Militar, e um official de cada arma. Elles darão a primeira impressão necessaria. A acção e o valor do instituto que representam virão depois, com o exame do que se ha feito e do que se está fazendo.



3º SARGENTO AUGUSTO GOMES — DA 3ª COMPANHIA DE METRALHADORAS.

P. PESSOA

O NOVO RIO DE JANEIRO



DOIS ASPECTOS DO CÃES DO PORTO.

O VALE DO SILENCIO

Um jardim. Árvores altas estendem os ramos, que se entrelaçam, mas deixam ver o céu. Inúmeros lírios e inúmeras rosas vivem sob as árvores. Outras flores se desenham além, até se confundirem com as folhagens que se perdem na floresta. Percebe-se ao longe o vale, de onde desce um caminho muito sinuoso, desaparecendo suavemente no horizonte. No jardim, um velho e grande tronco caído se desfaz. É uma noite muito branca. Só o luar ilumina a scena.

SCENA I

Um homem moço, muito bello, entra vagarosamente. Seus cabelos louros cahem-lhe quasi sobre os hombros. De suas vestes só se percebe o manto branco, que o cobre todo. Olha as flores, aspira algumas; vai até o fundo, volta, e senta-se sobre o velho tronco. Entra então um velho. É bem velho, todo encanecido, porém forte. Traz um cesto, que deixa no chão.

O VELHO: — Vim mais tarde hoje.
O HOMEM: — Já é noite. Pensava que não vi-nhas.

O VELHO: — Isso não. Só quando Deus não o permittir. Felizmente Elle me tem dado saude. Emquanto a tiver, hei de vir sempre.

O HOMEM: — Não te achas ainda cansado? Deves ser muito velho.

O VELHO: — Sou sim, mas ainda me sinto forte, com a graça de Deus. Já trabalhei muito hoje e ainda vou descer todo esse caminho. Não me canso, estou acostumado. Logo mais tarde torno a subir. Quer que lhe traga alguma coisa?

O HOMEM: — Não, não preciso de nada. Porque não vaes amanhã? É inútil fazer tanto caminho.

O VELHO: — Não, devo ir hoje. Prometti. Nunca faltei ás minhas promessas.

O HOMEM: — Porque?
O VELHO: — Está brincando!
O HOMEM: — Não estou brincando. Porque cumpres sempre o que promettes?

O VELHO: — Porque é preciso.
O HOMEM: — É preciso porque? Nem todos cumprem.

O VELHO: — Fui ensinado assim, assim fiz sempre e nunca perguntei porque. É o direito. Todos fazem o mesmo.

O HOMEM: — Todos? Como te enganas!
O VELHO: — Quasi todos. Só quem não tem honra... O senhor vive aqui isolado, sem ninguem, metido em sua casa vazia e não tem que lidar com os outros. Não vê pessoa alguma. Mas eu, que tenho de viver do meu trabalho, quero respeitar sempre o que é direito e quero que me respeitem também. Se não fosse assim estaria tudo acabado.

O HOMEM: — Bem pôdes ir amanhã, sem faltar á palavra. Ficariamos aqui os dois a conversar um pouco...

O VELHO: — Não posso. Sabe que lhe tenho muita amizade; é mesmo aqui na serra o meu unico amigo, mas isso não é possível. Depois que haveriam de pensar de mim?

O HOMEM: — Ah! isso... Gosto muito de ti. Faz-me bem a tua presença, porque és bom.

O VELHO: — É a minha obrigação. E se eu não viesse, como se arranjaria aqui, só, sem ninguem para o acompanhar? Que vida triste a sua!

O HOMEM: — Oh! Triste... triste...
O VELHO: — Triste, sim. Eu não seria capaz de viver desse modo.

O HOMEM: — Pensas que não, mas serias...
O VELHO: — Deus me livre! Passar dias e noites sem ver ninguem! Nem sei como não morre de tristeza.

O HOMEM: — Não ha tristeza aqui. Ao contrario, ha muita vida.

O VELHO: — Vida aqui?!
O HOMEM: — Sim, muita vida, vida intensa, a melhor vida.

O VELHO: — Não vejo...
O HOMEM: — É porque andas sempre e não queres ver. Que te adianta tanto trabalho, se no fim da vida ainda não a conheces? Descansa um pouco e verás. Fica aqui commigo mais tempo esta noite e saberás... Has de sentir o que ha de vida neste recanto solitario. Estas arvores, estas plantas, vivem... São os meus amigos...

O VELHO, rindo: — Ah! Ah! Ah! Logo vi que estava cagoando!

O HOMEM: — Não estou.
O VELHO, olha-o attonito. Depois: — Isso não vive. O senhor cuida das arvores e das flores para se distrahir, mas não são os seus amigos.

O HOMEM: — São, sim.
O VELHO: — Tenho muita experiencia. Vi muita coisa no mundo. Não é o senhor quem me ha de enganar.

O HOMEM: — Nem o quero. Sómente, pensei que tambem pudesses sentir isso, tu que vives na montanha, tão alto, tão longe... (pausa) Nunca sonhaste?

O VELHO: — Se já sonhei? Que pergunta. Certamente que sim, como todo mundo...

O HOMEM: — Que sonhaste?
O VELHO: — Oh! Tantas coisas... mas ha muito tempo não sonho. Acabou-se.

O HOMEM: — Tiveste algum sonho bello?
O VELHO: — Tive muitos sonhos bons.
O HOMEM: — Mas bellos?
O VELHO: — Bons, muito bons. Sonhei coisas magnificas. Uma vez, sonhei que era um senhor importante, muito rico, com a casa cheia de ouro... E quando me acordei...

O HOMEM: — Não é isso. Nunca sonhaste muito,



MARIO SIMONSEN

much tempo, muitos dias seguidos com a mesma visão?

O VELHO: — Eu não durmo muitos dias seguidos.

O HOMEM: — Não é preciso dormir...
O VELHO: — Ah! Ah! Ah! Quem é que vaes lá sonhar acordado? Só os doidos. Só como aquella historia que se contava quando eu era creança.

O HOMEM: — Que historia?
O VELHO: — Uma historia ahi da serra.
O HOMEM: — Conta-me.

O VELHO: — Não vale a pena, uma tolice.
O HOMEM: — Conta-me.

O VELHO: — Diziam aqui, quando eu ainda era menino, que, ha muitos seculos, viveu neste valle um homem que não via ninguem, sempre só, e passava os dias e as noites sonhando e cantando, e quasi já tinha chegado a deixar de comer e de beber, como os outros. Nunca fora visto por ninguem, mas, um dia, appareceu um sabio que descobria coisas na terra, um homem que sabia tudo, examinava tudo que encontrava no mundo e dizia o que era e por que existia. Visitou tudo aqui. Uma vez subiu até o mais alto cimo e lá encontrou o moço, a cantar, a cantar... Perguntou-lhe por que cantava, mas elle não respondeu, continuou a cantar... O sabio desceu e disse na cidade que havia lá no alto um louco que era preciso exterminar. Voltou acompanhado e matou o moço. Desde esse dia, a alma delle, para se vingar, tornou a esse logar e faz ficar loucas como ella as pessoas que chegam lá em cima (pausa). São tolices, são mentiras.

O HOMEM: — Eu creio nessa historia.
O VELHO: — O senhor é moço e essa idéa ha de passar. Não acredito, o senhor é como os outros.

O HOMEM: — Os outros... os outros...
O VELHO: — Sim, os outros.

O HOMEM: — Não me conhecestes sempre aqui? Algum dia me viste sahir deste jardim?

O VELHO: — Isso é verdade.
O HOMEM: — Então?

O VELHO: — Mas já vi entrar alguém.
O HOMEM: — Já viste entrar?
O VELHO: — Desculpe ser indiscreto, mas já vi.
O HOMEM: — Quem?
O VELHO: — Uma moça.
O HOMEM: — Uma moça?
O VELHO: — Sim, senhor; e muito bonita.
O HOMEM: — Como era? Quando a viste?
O VELHO: — Vi muitas vezes. Estava lá sentado, á beira da estrada, a primeira vez que a vi. Uma moça muito bonita, de cabelos pretos, embrulhada num manto grande, cahindo até os pés. Passou rapidamente e segui-a com muita cautela. Era de noite. Vi que ella entrou aqui.

O HOMEM: — Ah!...

O VELHO: — Mentir?
O HOMEM: — Não, não mentiste, mas não a conheces, e imaginas o que não é. Vem aqui todas as noites, mas não com a intenção que lhe emprestas. Temos uma grande amizade que nos une.

O VELHO: — Amizade?!
O HOMEM: — Sim, nada mais.
O VELHO: — Sei quem ella é.
O HOMEM: — Que te importa?
O VELHO: — Desculpe se lhe fiz mal, mas...
O HOMEM: — Não... não...
O VELHO: — Então vou andando. (Silencia. Pega o cesto que deixara no chão e segue para o fundo. Antes de sahir volta-se, diz:) Até amanhã.

O HOMEM: — Até amanhã.
O VELHO: — Boa noite. (Sae.)

PEÇA NUM ACTO

SCENA II

O homem fica só, olhando para o fundo do jardim, depois deita-se, encostando a cabeça no velho tronco, em attitude contemplativa. Alguns instantes mais tarde, entra uma mulher moça, envolta num grande manto vermelho, que lhe cõe até os pés. Elle se levanta.

A MULHER: — Fica, fica onde estás, não te moves.

O HOMEM: — A noite tem sido bem longa...
A MULHER: — E' a hora de quasi sempre, um pouco mais tarde. Já estava ahi ha algum tempo. Ouvi a voz do velho e preferi esperar.

O HOMEM: — E' um bom velho, mas raciocina de mais.

A MULHER: — Não ouvi as suas palavras.
O HOMEM: — Por que não entraste? Elle te conhece.

A MULHER: — Não me conhece aqui... Julguei melhor esperar.
O HOMEM: — Que mal haveria? Nenhum, não é?

A MULHER: — Nenhum, mas elle poderia pensar...
O HOMEM: — Que te importa que pense, se não é verdade?

A MULHER: — Tens razão... Não estive muito tempo ahi; chegava mesmo ou quasi... Demorei um pouco ao sahir de casa, porque havia gente passando e não quiz ser vista.

O HOMEM: — Sempre a mesma idéa...
A MULHER: — Ninguem sabe a verdade, e todos pensarão que venho aqui por outros motivos... mais communs. Não haverá uma só pessoa que creia na minha honestidade, vendo-me sahir só, a esta hora, para subir até aqui. Ah! se pudesses saber...

O HOMEM: — Não comprehenderiam, como não comprehendem nada. Querem ter tudo e correm desesperadamente, ardentes de desejos, deixando a fortuna que lhes está perto para procural-a além... Não creiam porque fecham os olhos ao que é bello, porque não pôdem ver... Só sahem á luz do sol que os cega... Dormem todos, agora que a noite é profunda e a lua passa lentamente...

A MULHER: — Como sou feliz de te ter encontrado. Tu me attrahiste...
O HOMEM: — Não te attrahi, não fui procurarte. Eras igual a mim, eras uma alma irmã que veio encontrar a minha... Outras talvez nos procurem, talvez venham a nós...

A MULHER: — Não creio.
O HOMEM: — Porque? Tambem eu não te esperava, não sabia que existias, e no entanto houve alguma coisa que nos uniu. Sonhava só e agora somos dois...

A MULHER: — Mas eu te vi, um dia, por acaso, vindo até aqui, perdida. Vim e, ao ver-te, tive a revelação de uma outra vida de que não suspeitava. Sou feliz deste acaso.

O HOMEM: — Talvez alguns mais se percam por esse caminho tão sinuoso e nos vejam e nos comprehendam.

A MULHER: — Não. São tão raras essas almas. As que tenho visto, as que se mostram, são tão diferentes... Esta noite, ainda ha pouco, quando fugia para aqui, pude ver tantas almas, e tão diversas e tão distantes...

O HOMEM: — Que viste?
A MULHER: — Quando subia, no meio do caminho, ouvi um barulho de vozes que se misturavam, e escondi-me. As vozes se approximavam, mas não entendia as palavras. Eram palavras estranhas, mescladas. Parecia-me ouvir falar muitas linguas ao mesmo tempo. Perto de mim ouvi gritos, imprecacões. Em seguida, vi um enorme bando desses bohemios que não se sabe donde vêm nem para onde vão, desses ciganos errantes... Homens, mulheres e creanças, vestidos de todas as cores, de pelles queimadas e olhos fundos, muito sujos, mas alguns cobertos de joias sobre os trapos, andavam desordenadamente, empurrando-se, apostrophando-se até batendo-se; outros, silenciosos, tristes, como que obceados. Num certo ponto, pararam. Alguns traziam em saccos ricos objectos, sem duvida roubados na cidade, e percebi que se tratava de repartil-os. Então, os clamores augmentaram. Houve um momento em que quasi se matabam. Os chefes dividiram as riquezas, e os gritos tornaram-se ainda mais fortes, deram-se lutas terriveis. Uns escondiam a sua parte e se esforçavam por tirar as dos companheiros, todos descontentes, famintos... Duas creanças passaram juntas perto dum velho e o roubaram. Elle conseguiu pegar uma dellas e bateu-lhe muito, deixando-a a sangrar, em lagrimas. A outra fugiu, rindo da infelicidade da amiga. Depois, seguiram todos, em bando, com os mesmos gritos e os mesmos gestos, até as suas vozes se perderem ao longe, incomprehensíveis...

O HOMEM: — Andam, gritam, lutam e nunca chegarão ao termo. Só se calarão quando morrerem...

A MULHER: — Tive medo dellas.
O HOMEM: — Medo! Tu tiveste medo?

A MULHER: — Sim. Quando passaram junto de mim, senti uma attracção terrivel, como uma forga que me impellia a segui-las, a entrar no seu bando, a disputar as suas riquezas...

O HOMEM: — Oh! Tu sentiste isso?
A MULHER: — Sim, é verdade, mas logo me lembrei de ti, de nós... e vim...

O HOMEM: — Não os ouças mais, não os olhes mais. Se algum dia tornares a encontral-os, foga para longe, para muito longe... Talvez não tenhas coragem para resistir e sigas o seu bando até á morte. Evita-os, sôbe para aqui, vem ter commigo, e eu

te darei lírios e rosas. Os seus perfumes te farão esquecer... levar-te-ão ao infinito...

A MULHER: — Sim, sim, virei... sempre... sempre...

O HOMEM: — Mostrar-te-ei as estrellas que nunca cessam de brilhar...

A MULHER: — E's tão bom... e tão belo...

O HOMEM: — Não sou eu, é tudo isto... Se te sentires desfalecer, vem a mim e eu te levarei a regiões que ainda não conheces... muito longínquas, muito altas... e seremos felizes... esqueceremos...

A MULHER: — Quando venho aqui sinto que sou mulher...

O HOMEM: — Um dia ficarás, não tornarás a descer...

A MULHER: — Talvez...

O HOMEM: — Este valle é immenso e só nós dois o habitamos. Quantos o ignoram!

A MULHER: — Eu não sou digna delle nem de ti.

O HOMEM: — E's...

A MULHER: — Sei que não sou.

O HOMEM: — Porque?

A MULHER: — Por muitas coisas...

O HOMEM: — Dize-me essas coisas.

A MULHER: — Não, não. Far-te-iam muito mal.

O HOMEM: — Só uma coisa me faria mal: era deixares de vir aqui.

A MULHER: — Ah! Isso nunca!

O HOMEM: — Não amas estas flores? Não amas estas arvores? Não vens sempre repartir commigo a docura da noite? Não és a minha irmã? Não me amas tambem um pouco?

A MULHER: — Um pouco? Um pouco? Amo-te muito.

O HOMEM: — Não me ames muito. Guarda o melhor do teu amor para toda esta belleza que nos cerca. Amemol-a juntos. Vê como aqui as coisas se reve'am, como as suas almas apparecem... Este velho tronco, que já viveu e dorme agora na lenta abolição das coisas esquecidas... Estes rumores da noite, que canta sempre o seu canto profundo e taciturno... Todo este sonho longo, infinito... E a lua, já tão velha, já tão branca, que illumina agora suavemente todo o valle e estende sobre nós a sua paz... Vê o mysterio de todas essas coisas...

A MULHER: — Os lírios tremem e as rosas têm mais perfume esta noite...

O HOMEM: — As rosas e os lírios são tão bellos!

A MULHER: — São bellos, mas um dia morrerão...

O HOMEM: — Morrerão, mas o seu perfume subirá, subirá indefinidamente...

A MULHER: — As rosas perderão as petalas e os lírios serão queimados...

O HOMEM: — Outros nascerão mais bellos.

A MULHER: — E mais tristes. O inverno cobrirá de gelos estas flores...

O HOMEM: — Um dia ha de chegar a eterna primavera.

A MULHER: — Nós não a veremos.

O HOMEM: — Estás triste hoje...

A MULHER: — Sou a mesma de sempre.

O HOMEM: — Tenho-te visto mais serena.

A MULHER: — Sou infeliz.

O HOMEM: — Não sei por que motivo. A felicidade não existe para ninguém.

A MULHER: — Ha o prazer...

O HOMEM: — O prazer humano não é nada... é um pouco de dor que se extingue...

A MULHER: — Não posso esquecer que vivo.

O HOMEM: — Mas que tens? Que tens que não te reconheço? Nunca te vi tão triste. Duvidas de mim?

A MULHER: — Oh! Não!...

O HOMEM: — Então porque não queres ser hoje como nos outros dias? Porque não ficas em silencio? Não fales. Deixa passar o tempo, e olha... ouve... Os montes ao longe fogem á vista e desaparecem... Os lírios exhalam um aroma suave... As petalas das rosas estão transparentes... O sussurro mysterioso da noite sobe numa harmonia divina... Toda a terra ergue uma prece de esperança... As estrellas estão mais proximas...

A MULHER: — Uma nuvem passa diante da lua... Como está escuro!

O HOMEM: — As estrellas brilham mais intensamente.

A MULHER: — Dir-se-ia que o céu vae cahir sobre nós e nos suffocar.

O HOMEM: — Foram esses bohemios que te fizeram soffrer.

A MULHER: — Onde estarão agora?

O HOMEM: — Muito longe de nós. Nunca mais os verás. Elles vão continuar a soffrer.

A MULHER: — Nós tambem.

O HOMEM: — Nós não podemos mais soffrer, estamos tão longe do mundo!

A MULHER: — Elles ainda vão soffrer, ainda vão bater-se, mas vão se amar...

O HOMEM: — Nós amaremos as flores... O'has, ellas nos esperam. Os lírios se inclinam tristemente de sentir que os estamos abandonando esta noite. Temos falado tanto e estamos perdendo o seu perfume. Vê como as rosas se abrem...

A MULHER: — Esta rosa vermelha parece sangue. (Vae arrancal-a.)

O HOMEM: — Não a arranques.

A MULHER: — Ia pol-a no peito...

O HOMEM: — Ella morreria. Deixa-a viver até que murche lentamente...

A MULHER: — Porque até as rosas morrem?

O HOMEM: — Desde que tenham sido bellas e exhalado todo o seu perfume, só lhes resta desaparecer...

A MULHER: — Tambem nós envelhecemos e acabaremos.

O HOMEM: — E' certo.

A MULHER: — Eu não quereria morrer sem ter sido feliz...

O HOMEM, sem ouvir-a: — Este momento ainda está mais calmo. Vamos nos calar e ouvir... O velho tronco amigo nos espera. Vamos repousar sobre elle, como de costume. (Ella tenta resistir.) Porventura não amarias mais estas coisas?...

A MULHER: — Amo-as apezar de tudo... porque as amas; porém ellas me têm feito tanto mal...

O HOMEM: — Oh!...

A MULHER: — Esqueces-me por ellas. Entretanto, sei que tambem sou bella. Arrisco tudo para te offerecer a minha alma e a minha belleza e me desprezas...

O HOMEM: — Estás louca hoje. Que te fiz eu? Amo-te muito, amo-te como sempre, nada me fará esquecer-te. Estas flores, eu as amo juntamente commigo, que fazes parte do meu jardim. Se fugisses, elle se acabaria... Quando entras aqui, todas as noites, sinto que trazes novos perfumes... O ar fica todo impregnado de ti... E' o meu melhor momento... (Silencio) Vem, precisas repousar. Não te deves agitar. (Toma-lhe a mão) Os teus cabellos cahiram sobre os teus hombros... (Leva-a vagorosamente até o tronco. Deitam-se no chão com a cabeça descansando sobre elle.) E' a nossa boa hora...

A MULHER: — E' a hora em que se ama.

O HOMEM: — E' a hora em que se sonha...

A MULHER: — Em todos os recantos da terra ha corpos que se unem no amor...

O HOMEM: — Tambem por isso haverá mais dôres...

A MULHER: — Haverá momentos de prazer...

O HOMEM: — Haverá a angustia das separações...

A MULHER: — A terra vive só de amor.

O HOMEM: — A terra tambem terá um fim. (Pausa.)

A MULHER: — Ha estrellas que estão rubras. Talvez lá tambem haja sangue...

O HOMEM: — Vejo-as todas brancas e azues...

A MULHER: — Dá-me a tua mão e eu te apontarei uma que parece purpura... (Dá-lhe a mão.)

O HOMEM: — Tua mão está quente. Dir-se-ia que tens febre.

A MULHER: — E' o meu desejo de viver.

O HOMEM: — Entretanto, a noite está fria...

A MULHER: — Ainda ha muito calor na terra. O sol aquece-a...

O HOMEM: — O sol já morreu...

A MULHER: — Dentro em pouco renascera...

O HOMEM: — As estrellas parecem cirosos...

A MULHER: — El-as brilham, mas na terra não ha luz... Somos obscuros... só podemos amar...

O HOMEM: — A terra vista de muito longe tambem deve ser uma estrella...

(Calam-se. Ella conserva a mão delle na sua. Elle olha sempre para o céu, enquanto ella o fita.)

A MULHER: — Tens a mão quente agora, como eu.

O HOMEM: — E' uma illusão.

A MULHER: — Não, não é uma illusão. Estava fria ha pouco e está quente. Talvez o contacto da minha...

O HOMEM: — Talvez. Isso não importa.

A MULHER, com emoção: — Então crês que nada mais existe no mundo a não ser este jardim?

O HOMEM: — Nada...

A MULHER: — E eu?

O HOMEM: — Oh! Tu sim, sempre te digo: és a minha irmã.

A MULHER: — E' tudo?

O HOMEM: — Certamente.

A MULHER: — Então se me acontecesse uma grande infelicidade ficarias indifferente? Não queres ver...

O HOMEM: — Não sei que coisa te pôde acontecer.

A MULHER: — Não me queres comprehender. Bem sabes que não é isso. Deves ter lido o meu pensamento, deves conhecer-me melhor...

O HOMEM: — Conheço-te como sempre...

A MULHER: — Pois bem, dir-te-ei tudo. Tenho vindo sem cessar, ha nem sei mais quanto tempo e todos os dias nos encontramos aqui entre estas flores, no silencio deste jardim... A primeira vez em que te vi appareceste-me como uma figura divina, que me attrahiu irresistivelmente. Eras uma imagem que encontrava na Vida, eras para mim o desconhecido... Quiz tornar a ver-te e fui ficando presa como por um fio invisível que me arrastava... Falámo-nos e então senti a minha fraqueza junto de ti. Voltei todas as noites. Eras um objecto de minha devoção... como um santo em quem tivesse muita fé...

O HOMEM: — Compreendi tudo isso. Foi assim que te accitei por companheira...

A MULHER: — Ah! Não foi só isso. O meu culto por ti, pelo teu jardim, por toda esta belleza do valle, era falho e indeciso... Havia nelle algum mysterio que eu não comprehendia, alguma coisa me faltava e quando sahia daqui era um peso enorme a acabrunhar-me. Uma noite, entretanto, tudo se revelou. Nunca tinhamos tido um dia tão quente, toda a terra ainda soffria do calor. Vim á noite... encontrei-te deitado, tal qual neste momento, olhando para o céu crivado de estrellas... Vimos os nossos lírios e as nossas rosas, disseste-me coisas tão bellas... sonhámos... Parecias morto ao meu lado, tão absorto estavas... Eu te olhava... como agora. De repente tive uma emoção indizível. Não te reconhecia mais, não me lembrava de mais nada... Tinhas-me revelado a belleza das coisas, tinhas-me feito ver o invisível, vivia na paz do teu jardim, mas num instante senti o nada de tudo isso, porque percebi que via através de ti, que eras tu o mais bello...

O HOMEM: — Oh! Não! Não pensaste assim!...

A MULHER: — E' a verdade.

O HOMEM: — Mas esqueceste-o depois...

A MULHER: — Não esqueci...

O HOMEM: — Cala-te, cala-te! Estás louca!

A MULHER: — Deixa-me falar, deixa-me dizer o que já não posso esconder. Desde essa noite eu comprehendí o que me attrahia, vi a força do meu amor. De então em diante não deixei de te amar um momento, vivi só pensando em ti...

O HOMEM: — Deixa-me!...

A MULHER: — Não te deixo, porque tambem me amas. O contrario é impossivel. Fugias a essa idéa que te parece um sacrilegio; mas a realidade nos chama e é preciso que nos conformemos. (Pega-lhe a cabeça entre as mãos e dá-lhe um longo beijo na bocca; elle evita-a. Lutam e por fim elle se levanta, deixando-a prostrada.)

O HOMEM: — Ah! Foi assim que me amaste? E' assim que me comprehendes? Estás perdida... E eu que acreditei em ti!

A MULHER: — Não digas nada, não me faças mal. Espera, ainda te direi muitas coisas...

O HOMEM: — E' inutil.

A MULHER: — Tinhas-me dado tanta esperança!

O HOMEM: — Eu?

A MULHER: — Então porque tantas vezes o'has-te nos meus olhos, tão perto?...

O HOMEM: — Havia nelles o reflexo do céu...

A MULHER: — Meus labios, tu já os sentiste juntos dos teus...

O HOMEM: — Elles tinham a côr das rosas...

A MULHER: — Já acariciaste a pelle do meu rosto...

O HOMEM: — El'a era branca como os lírios...

A MULHER: — Mas os lírios e as rosas tambem amam. Tudo o que nos rodeia vive para o amor... Porque só tu queres fugir á vida?

O HOMEM: — Não comprehendeste a alma das coisas... não me comprehendeste. E's uma estranha...

A MULHER: — Pensei comprehendel-as porque te amava. Ellas eram um pouco de ti.

O HOMEM: — Eu sou uma parte dellas...

A MULHER: — Ah! Estas flores, eu as odeio agora! Este jardim é frio como um tumulo. Vaes morrer aqui só, ma'dito... e ainda és tão bello e ainda sou tão moça!

O HOMEM: — Envelhecerás...

A MULHER: — Tambem o teu jardim ha de ser uma ruína. Estas plantas vão se acabar. São tão fracas! Eu mesma posso destruil-as. (Vae arrancar as flores, mas é detida pelo homem.)

O HOMEM: — Não as mates, outras nascerão...

A MULHER: — Perdôa-me. Perdôa-me... não sei o que faço. Já as amei tanto.

O HOMEM: — Se as tivesses amado...

A MULHER: — Dize-me porque vives assim, explica-me a tua solidão. Desvenda-me um pouco da tua alma...

O HOMEM: — Para que? E' muito tarde...

A MULHER: — Deves ter soffrido muito para seres o que és.

O HOMEM: — Talvez...

A MULHER: — Foi uma mulher quem te fez assim? Dize. Tambem amaste? tambem foste infeliz?

O HOMEM: — Estas palavras não têm sentido para mim... Tenho vivido tanto neste valle, que já perdi as recordações... Não me pergantes mais nada. (Longo silencio.) Vae-te, é hora de nos deixarmos... vae-te.

A MULHER: — Virei amanhã...

O HOMEM: — Não nos veremos mais.

A MULHER: — Deixa-me vir... estarei quieta, ficarei calma, calar-me-hei. Deixa-me vir sómente para ficar ao teu lado, sem murmurar uma palavra... mesmo sem uma lagrima...

O HOMEM: — Não é mais possivel.

A MULHER: — Não poderei esquecer este caminho...

O HOMEM: — Amanhã irei para muito longe, para muito alto... num cimo tão elevado que ninguém mais me poderá ver...

A MULHER: — E eu?

O HOMEM: — Irás para baixo, seguirás aque'les bohemios...

A MULHER: — Não posso. Se não permittires que volte, ficarei louca, matar-me-hei...

O HOMEM: — Faze o que quizeres... (Afasta-se della, fazendo a volta do jardim, aspirando as flores. Ella vae até o fundo, lentamente, olha-o ainda e desaparece. Elle volta até junto do tronco e deita-se como anteriormente. Pouco depois o velho entra pelo fundo.)

SCENA III

O VELHO: — Ainda aqui? Já descí, fui bem longe e estou de volta. Vê, assim estou livre, posso agora dormir socegado. Trei um peso da consciencia. Não é melhor? Ninguém me dirá nada desagradavel, continuarão todos a respeitar-me. E vou trabalhando até que Deus queira levar-me. (Pausa) Porque está tão calado? Está triste?

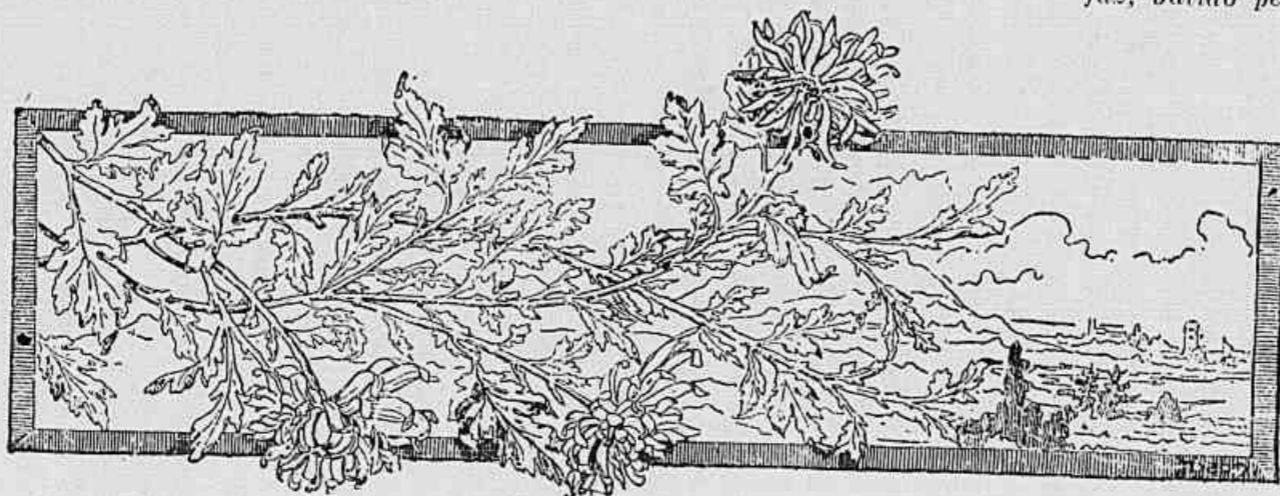
O HOMEM: — Nada...

O VELHO: — Ah! Ah! Ah! Bem sei, bem sei! Foi aquella moça.

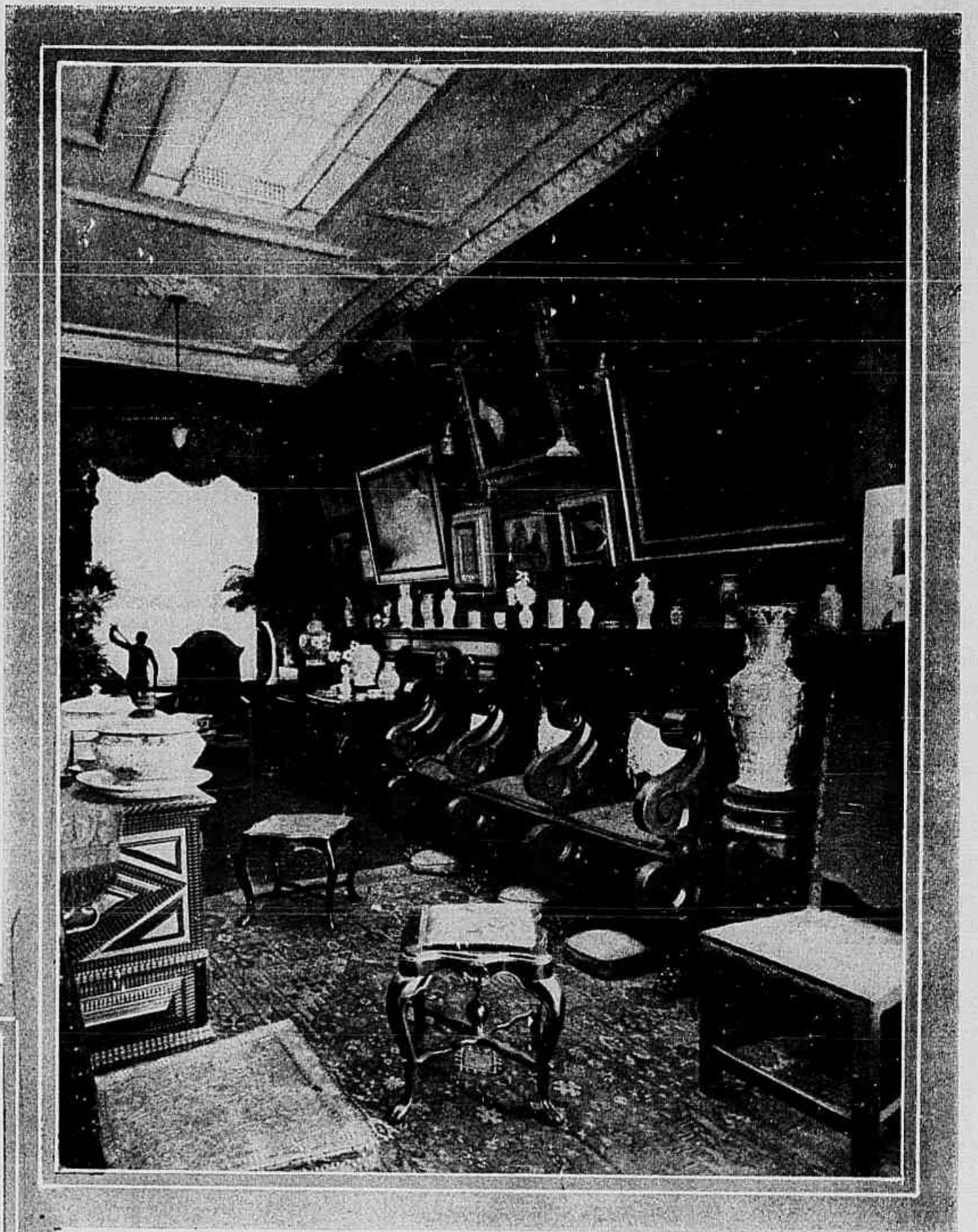
O HOMEM: — Que sabes?

O VELHO: — Não lhe dizia que sabia de tudo? A mim ninguém engana. Encontrei-a ali adiante, sahindo daqui, de cabellos cahidos, fugindo, correndo como uma doida. Eu vejo tudo. Agora o senhor não nega mais, hein? (pausa) Bem, não quer falar... até amanhã. (Sáe.)

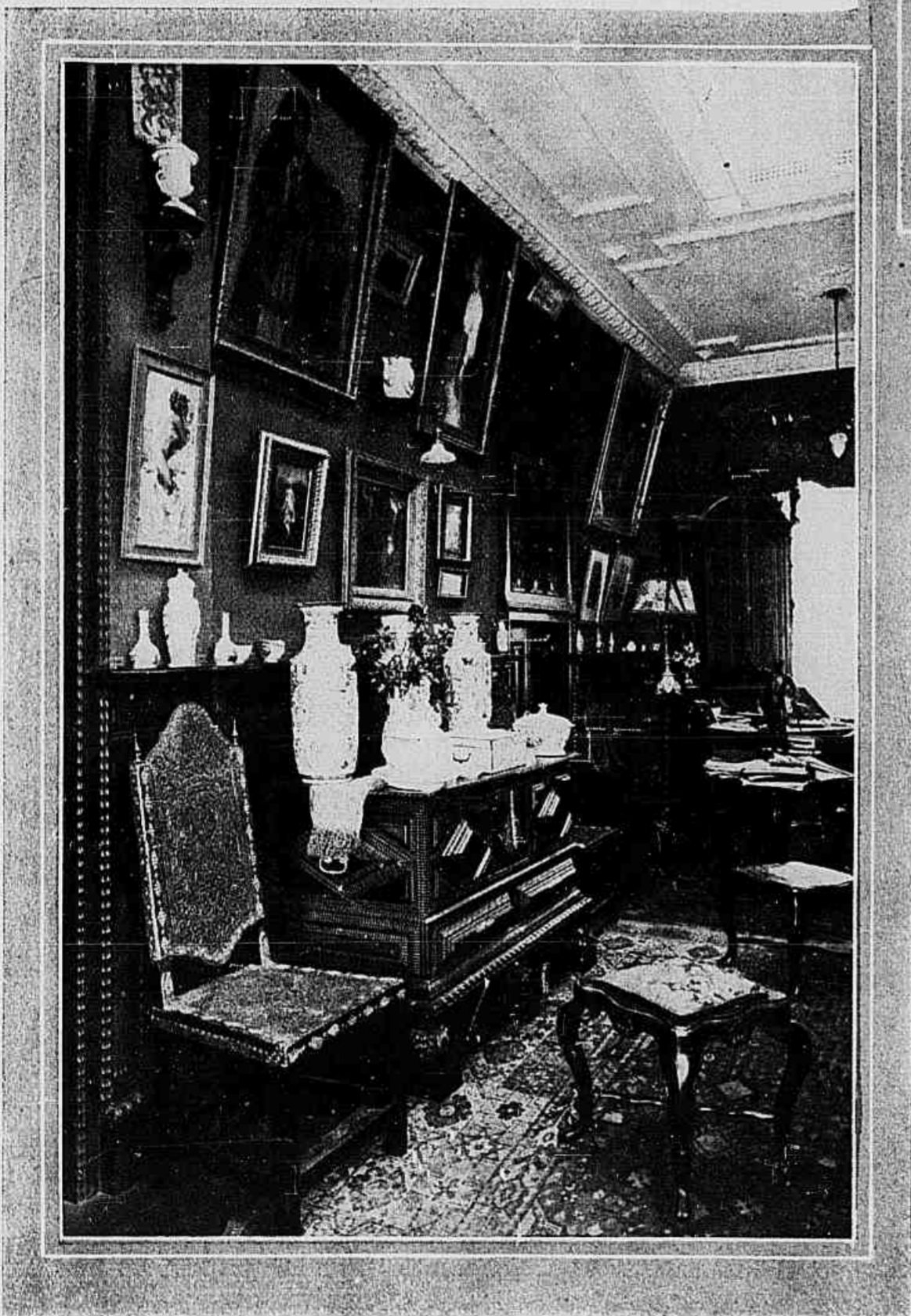
O HOMEM, diz lentamente: — Pobres creaturas... E fica assim deitado sobre o tronco, que se desfaz, batido pelo luar, no meio das lírios e das rosas.



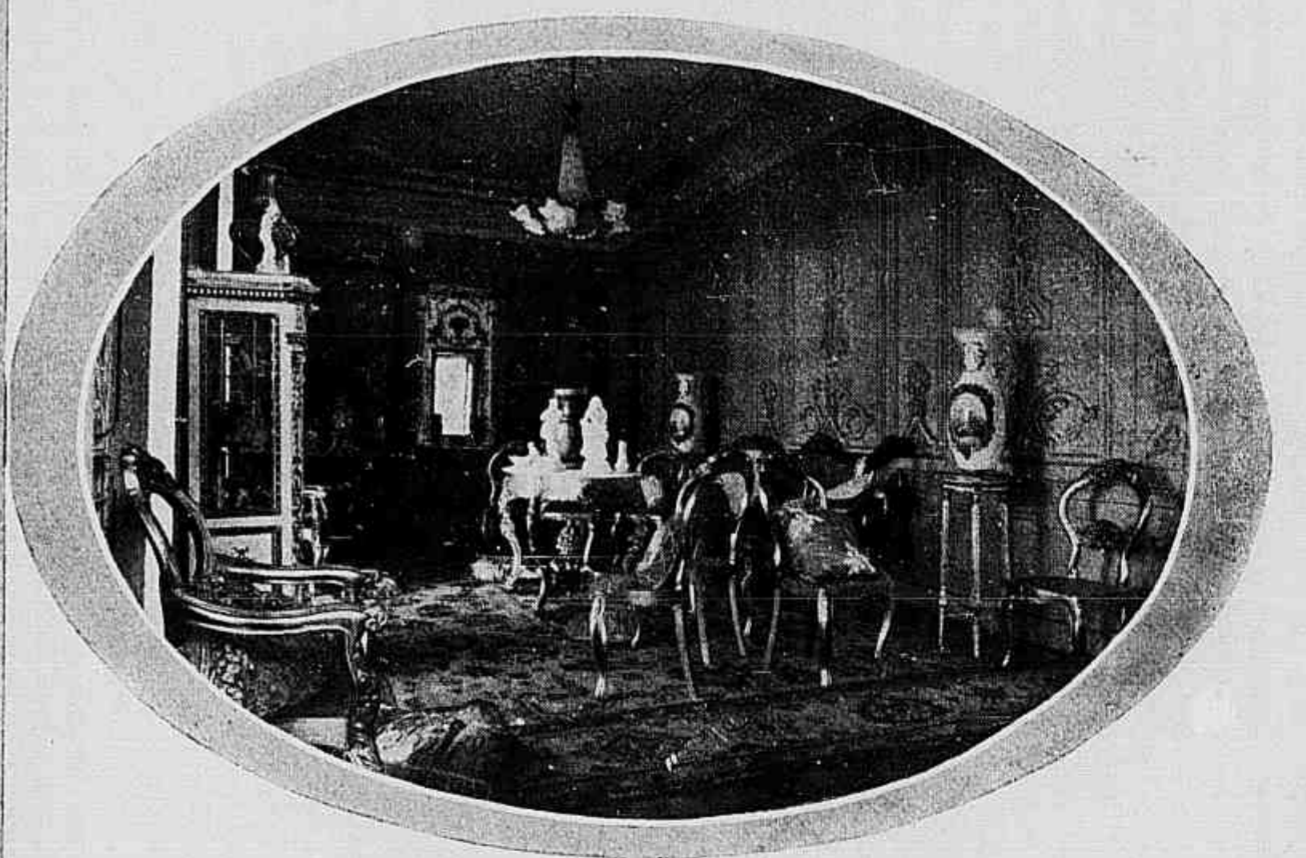
As nossas bellas residencias



ASPECTOS DA MORADA DO NOSSO ILLUSTRE COLLABORADOR SR. DR. FERNANDO GUERRA DUVAL, Á RUA BARÃO DE ITAMBY.



RECANTO DA GALERIA-GABINETE, VENDO-SE UMA CADEIRA COM ASSENTO E RESPALDO EM COURO REPUXADO E COM O BRAZÃO DA CAPITANIA DA BAHIA DE S. SALVADOR (SEC. XVII) E UMA ARCA DE JACARANDÁ COM TREMIDOS, DA MESMA ÉPOCA.



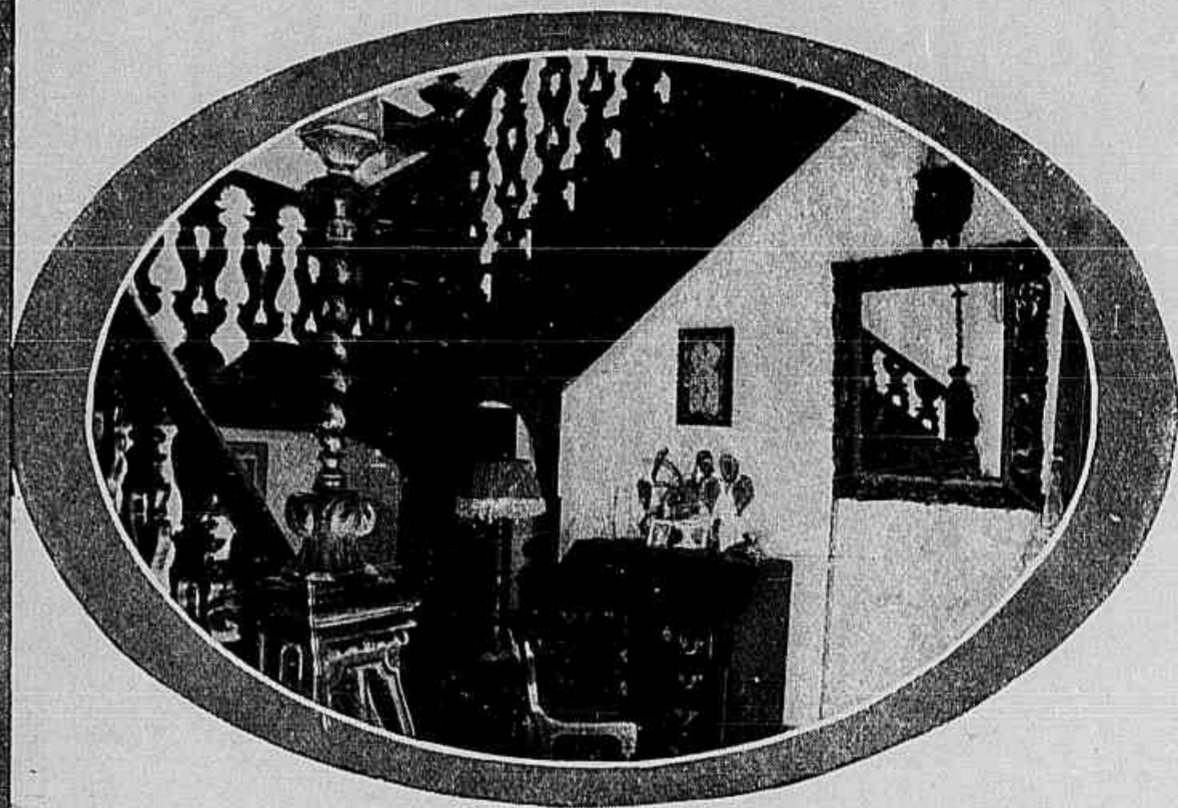
EM CIMA: — OUTRO RECANTO DO GABINETE-GALERIA, ONDE ESTÁ UM BANCO DO SEC. XVII, QUE FOI DA IGREJA DE S. FRANCISCO, NA CIDADE DE ALAGÔAS.

EM BAIXO: — SALA DE VISITAS. AS ESCULPTURAS DAS PAREDES SÃO FEITAS COM GRADES DAS TRIBUNAS DA IGREJA DE S. PEDRO, O VELHO. A MOBILIA É DE JACARANDÁ, DOURADA A OURO DO PORTO; DATA DO SEGUNDO QUARTEL DO SECULO XIX. TAPETE TURCO, DO SECULO XVII.

Outros aspectos da residencia do Sr. Dr. Fernando Guerra-Duval

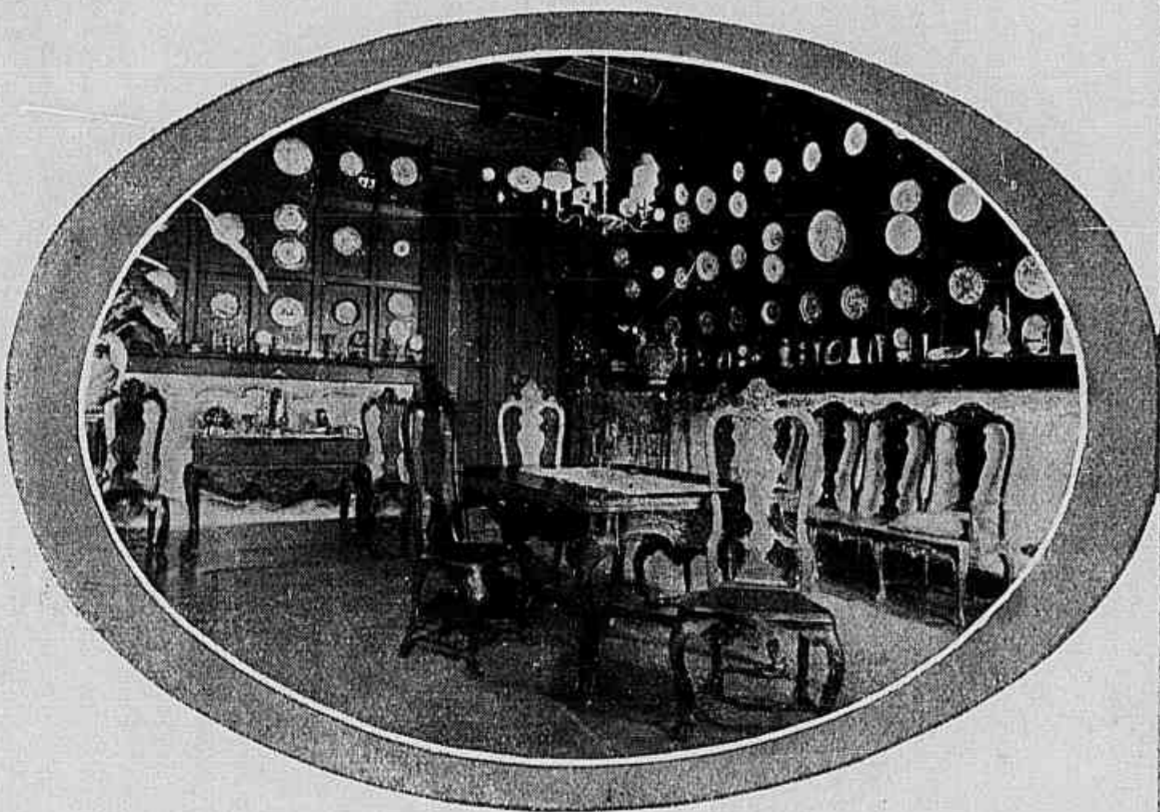


CANTO DA SALA DE VISITAS. A LAMPADA É UM TO-
CHEIRO ADAPTADO Á ELECTRICIDADE, PROVENIENTE DA
IGREJA DEMOLIDA DE SÃO PEDRO, O VELHO, NA BAHIA.

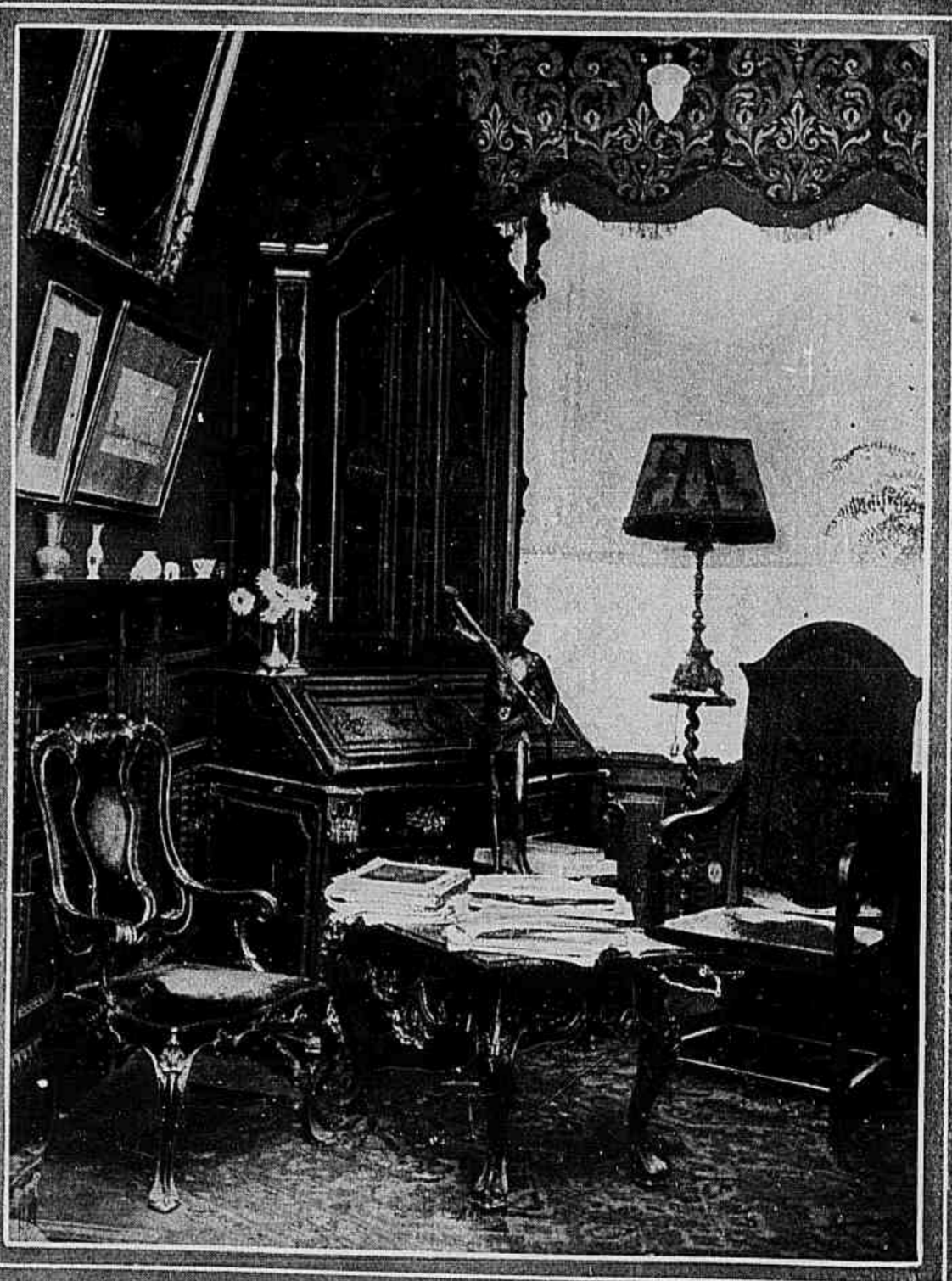


ESCALADA DE JACARANDÁ, COM BALAUSTRÉS DO CÔRO DA
IGREJA DE SÃO PEDRO, O VELHO (SECULO XVII).

CANTO DA GALERIA-GABINETE, VENDO-SE UMA PAPE-
LEIRA E UM ORATORIO DO COMEÇO DO SECULO XVIII,
UMA MESINHA E CADEIRA DE COSTURA DA MESMA
ÉPOCA, MAIS OU MENOS, TODOS EM PÃO SANTO.



SALA DE JANTAR. MOVEIS DE PÃO SANTO, DOS SECULOS
XVII E XVIII. AS PAREDES, NA PARTE BAIXA, SÃO RE-
VESTIDAS COM AZULEJOS PORTUGUEZES DO TEMPO DE
DOM JOÃO V.





O Salão de Bellas Artes

PINTURA
GRAVURA
ESCUPTURA



RETRATO, DE LUCILIO DE ALBUQUERQUE—MEDALHA DE HONRA (OURO).

DOIS IRMÃOS — MEDALHA DE DINORAH SIMAS ENÉAS.

ES CRAVA, DE ANTONINO MATTOS — PREMIO DE 1:000\$000.

Ao iniciarmos este estudo sobre o actual Salão de Bellas Artes, não podemos abandonar importantes detalhes com relação às instalações bem pouco estheticas das exposições annuaes.

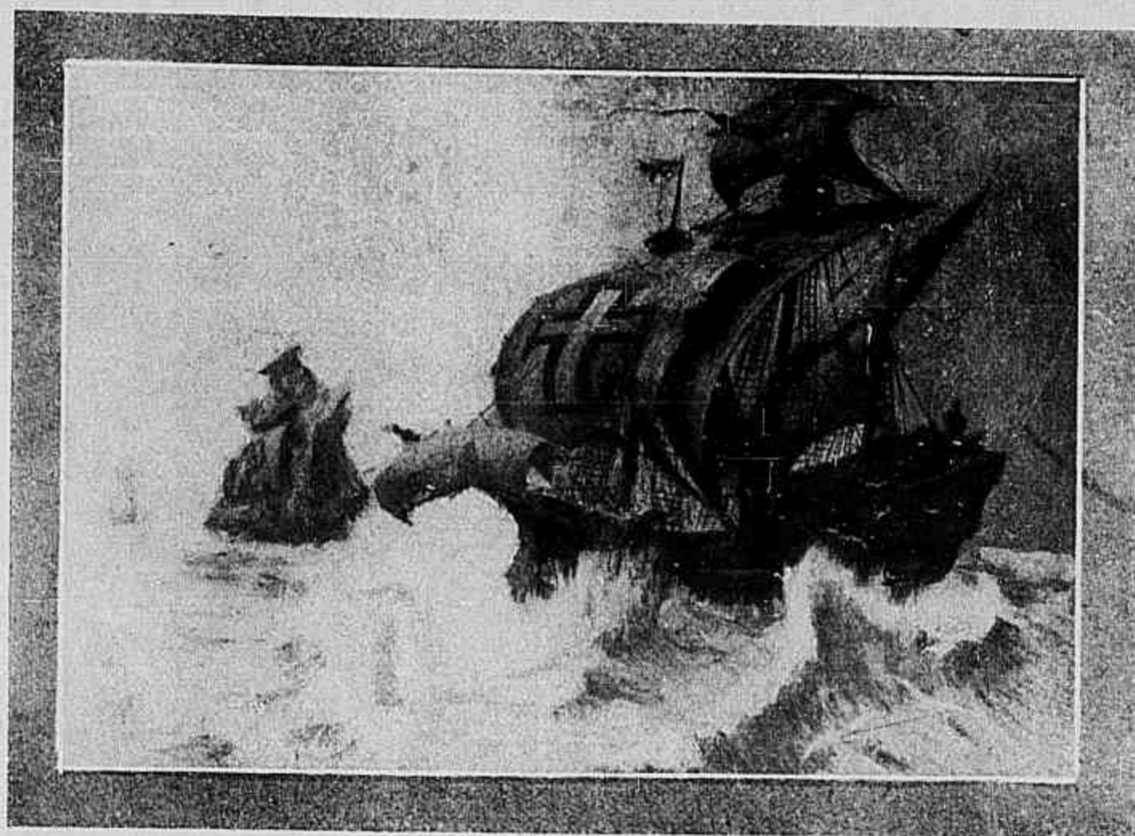
Como é facil verificar, na presente exposição, quem entra recebe logo a impressão do regimen dos remendos, mais ou menos disfarçados pelas folhagens e aniagem nova, cheia de babadinhos...

Os tabiques cobrem os quadros da Exposição permanente, privando-os do ar e da luz, tão preciosos a uma obra de Arte. Para complemento obstem as janelas com papel ordinario, o que dá ao ambiente um aspecto bem pouco artistico, ambiente que por todos os motivos deveria ser grandioso e variado de manifestações estheticas, mas...

O que vem salvar a situação são os envios que os artistas fizeram, de obras dignas do respeito e da admiração de todos os que dedicam um pouco de amor á causa do Bello, e que julgam as questões de Arte como realmente devem ser julgadas.

Entre as obras enviadas, destaca-se, brilhantemente, ativo, cheio de qualidades solidas, o retrato que o pintor LUCILIO DE ALBUQUERQUE enviou; representa o quadro a imagem de sua digna esposa, D. Georgina Albuquerque, em grandeza natural, tendo por fundo um detalhe do quadro pintado por ella: "A Noite de Natal"; bem pousado e resolvido com galhardia, é o referido retrato, sem favor, a melhor obra exposta no actual Salão. A composição, o desenho e a pastosidade das tintas são de molde a autorisar o que afirmamos, collocando mesmo o seu autor entre os nossos melhores artistas; outros quadros apresenta o pintor com qualidades definidas: "A Jangada", interessante de linha e de muita cor; a "Igrejinha" (Sacco de São Francisco), com muito sol e perspectiva e um mar entonado e bem comprehendido.

GEORGINA DE ALBUQUERQUE, a retratada de Lucilio, por sua vez, confirma a reputação conquistada em annos anteriores como pintora de "ar livre". Os seus assumptos são bem tocados e a luminosidade observada com honesti-



"POR MARES NUNCA DANTES NAVEGADOS" — PREMIADO COM A PEQUENA MEDALHA DE OURO — DE HELIOS SEELINGER.



"RECONHECIMENTO" — PREMIADO COM MENÇÃO HONROSA DE 1º GRÃO — DE HERMOGENES MARQUES.

dade; o conjunto apresentado pela distincta artista atesta vigorosamente que ella attingiu o ponto culminante da sua capacidade de artista conscienciosa.

Mais de uma vez temos dito que a artista em questão representa o expoente maximo da representação feminina no ambiente artistico carioca; é pois com satisfação que aqui registramos os triumphos que vem alcançando no Salão presente.

Pertencem ainda ao grupo dos que salvam a situação anti-esthetica do actual Salão de Bellas Artes os dous irmãos Thimoteo, que se apresentam com trabalhos onde a technica e o desenho revelam o valor artistico de ambos. JOÃO THIMOTEO nos dá tres quadros, entre os quaes, "Auscultando"; são duas figuras que se contrastam pela idade, um velho medico de longas barbas brancas que ausculta um adolescente; o ambiente simples faz destacar a sobriedade da maneira por que o artista tratou as figuras, quer na carnacão, quer no grande roupão de linho branco do velho medico; "Auscultando", patenteia que o artista continúa a ser o mesmo do "Aprendiz", uma das victorias do anno passado, e que caminha pela estrada moderna, triumphante nos nossos dias, mas sem os exaggeros e descuidos de desenho tão peculiares aos que em grande maioria enveredam pela mesma estrada, porém, procurando illudir o publico com o famoso empastamento de tintas cruas, mas que, na verdade, encobrem uma ignorancia de desenho absoluta. Naturalmente existem excepções, mas na generalidade dos casos acontece o que afirmamos.

No quadro de João Thimoteo percebe-se a preocupação da factura dentro do desenho e da harmonia, que é a nota predominante do conjunto.

Contrastando com seu irmão, temos ARTHUR THIMOTEO. Possuidor de um temperamento irriquieto, os seus quadros cheios de luz denotam uma paleta vigorosa; a grande pedra banhada de sol, "Praia da Boa Viagem" (123), assim o atesta; a tendencia do pintor para as manifestações modernas é manifesta, o empastado é desenhado e a valorisação justa, as ondas movimentam-se irriquetas no seu vae-vem eter-

no; a planimetria e o ambiente satisfazem perfeitamente aos mais exigentes. No retrato de Mme. Avelino Mesquita o artista nos dá uma bella mostra da visão de colorista fino, um embriagado da luz e dos efeitos valorizados e justos; os pannejamentos são resolvidos com segurança e propriedade. Em "Mysteriosa," o pintor nos dá uma bôa composição, com detalhes bem resolvidos e uma figura bem pousada.

RODOLPHO CHAMBELLAND apresenta tres trabalhos dignos do seu valor, onde se mostra senhor de conhecimentos seguros, tanto de technica como de desenhador impecavel.

BAPTISTA DA COSTA, que é tido como o "primus inter pares" da nossa paizagem, não obstante este anno ter fugido um pouco do eterno Piabanha, começa a cansar pela monotonia dos seus assumptos; possuidor como é de um grande valor, vem abusando d'elle em larga escala.

A paizagem que o illustre mestre apresenta este anno é bonita, tem grandes qualidades de technica, mas está longe da fama de que goza; temos a impressão de estar deante de um chromo reproduzindo uma das fantasias de Henrique Serra, o notavel pintor hespanhol, que tem explorado os paludes da Campanha Romana, com um fim puramente commercial, pois quem pinta quadros de composição onde as figuras são seriamente resolvidas, e composição arrojada, só pode fazer taes fantasias por espirito mercantil! Baptista da Costa está nos mesmos casos de Henrique Serra. Autor de obras de valor incontestavel, vem se aferrando ao eterno Petropolis, bucolico, com as suas paizagens cortadas pelo riozinho tradicional, sempre ás mesmas horas, e o seu abuso já começa a attingir as condições de receita.

Um paizagista do valor de Baptista da Costa não tem o direito de esgotar as suas energias num esteril emprego publico, como é o de Director da Escola de Bellas Artes, num paiz como o nosso, em que as questões de Bellas Artes nada valem... O seu dever é fazer a trouxa, e ir buscar dentro da nossa verdadeira natureza, nos nossos sertões virgens da maldade dos homens, as expressões da Arte que o seu talento e capaz de comprehender e traduzir para a tela. Meios pecuniarios não lhe faltam e depois o illustre artista sabe muito bem que cada quadro que pinta é um cheque que assigna!

Outro tanto não podemos dizer do venerando mestre RODOLPHO AMOEDO, pois o declive da sua decadencia quasi que attinge á vertical; não ha mais salvação possivel. O retratinho que enviou este anno ao Salão é positivamente a pá de cal sobre o seu glorioso passado. Dizemos estas verdades crueis porque não sabemos lêr pela mesma cartilha dos chronistas benevolentes, que entendem dizer sempre bem dos fantasmas da Arte, mesmo quando elles têm o duvidoso valor do Sr. Augusto Petit ou chegam ao extremo doloroso a que chegou o glorioso mestre, autor das mais sentidas manifestações de Arte, como são "O Jacob", "Philetas", "Marabá" e o Christo em Capharnaum", etc., etc.

Usamos duramente da verdade, por ser ella a base da verdadeira sciencia critica, e, estribados em

tal principio, em absoluto poderíamos affirmar que o venerando mestre seja um triumphador, pelas manifestações de Arte agora enviadas ao Salão, e consequentemente sujeitas ao julgamento imparcial da critica.

Um grande autor affirma que: a "critica nasceu das bôas obras, assim como a rethorica e a eloquencia". Ora, assim sendo, torna-se mister repellir as que pela sua ruindade tentam offuscar as merecedoras de encomios...

ELISEO VISCONTI envia ao Salão: "Samothrace", "A Familia" e "Cura de Sol", quadros que figuraram no Salon de Paris, deste anno. Sem duvida alguma o actual envio representa um coefferiente digno do grande mestre que é Visconti, principalmente "Samothrace", obra reveladora de conhecimentos solidos e impregnada de um sentimento tocante, mas... continuamos a preferir o mestre como autor da "Maternidade", da "Primavera", dos

distincto autor da "Musette" e da "Farfaletta" sabe fazer.

ARGEMIRO CUNHA, um modesto que se apresenta com sobriedade nos seus dois trabalhos — um retrato e uma paizagem de regulares proporções: "Caminho do Porto", bem illuminada e manipulada com segurança de desenho e technica apreciavel, o artista em questão já premiado em diversos Salões de Bellas Artes, onde, diga-se de passagem, tem soffrido injustiças, patenteia qualidades serias, tem sido um lutador. No retrato apresentado são patentes as condições de retratista, os pannejamentos são cuidados e o tecido de velludo bem resolvido; o trabalho agrada pela sobriedade, o movimento da figura é sympathico: representa uma senhorita em attitudo de calçar as luvas brancas. Um detalhe desenvolvido com felicidade: o broche que arrebanha o decote da figura, brilhante, contrasta com o resto da obra, envolvida em uma tonalidade sepia.

ALBANO LOPES DE ALMEIDA concorre com duas paizagens interessantes, demonstrando uma maneira pessoal e comprehensão da luz; nas suas paizagens predomina a nota decorativa, abundante; as profundidades são sentidas, autorisando a augurar ao jovem artista um futuro brilhante e promissor.

GARCIA BENTO, o jovem marinista, que ha alguns annos vem produzindo trabalhos de relativo valor, apresenta tres quadros interessantes, espatulados com sympathia.

PEDRO BRUNO, o conquistador do premio de viagem do anno passado apresenta-se fraco; com relação ao que tem produzido, nos dá a impressão de que executou os trabalhos apresentados de afogadilho, apenas para figurar no catalogo. O desenho dos seus quadros é fraco e a coloração desordenada, faltando-lhes a finura com que o artista caracterisava as suas produções, antes da conquista do referido premio.

CECIL CLARK DAVIS confirma plenamente o que já escrevemos sobre ella. Os seus trabalhos representam manifestações altamente educadoras para os nossos jovens artistas; a distincta hospede possui qualidades de retratista muito serias; os seus retratos são largamente feitos, deixando porém transparecer um solido conhecimento do desenho; a harmonia que delles emana é suave e seductora. De CARLOS DE SERVI, entre os trabalhos enviados, destacamos "Estudo de fructos", um trabalho bem tocado, onde os mínimos caracteristicos dos motivos componentes do quadro são resolvidos com segurança; a technica é variada

dentro dos limites de um desenho rigoroso; "Depois da tempestade" e o "Retrato do Sr. Dr. Alfredo Souza" são por sua vez bons specimens de Arte.

LEVINO FANZERES tem a prejudicar um dos seus bons trabalhos uma moldura que o Jury não devia permittir que entrasse no Salão, pela sua espalhafatosa construcção, prejudicial aos trabalhos que lhe estão visinhos. Afóra o absurdo, o artista esta bem representado.

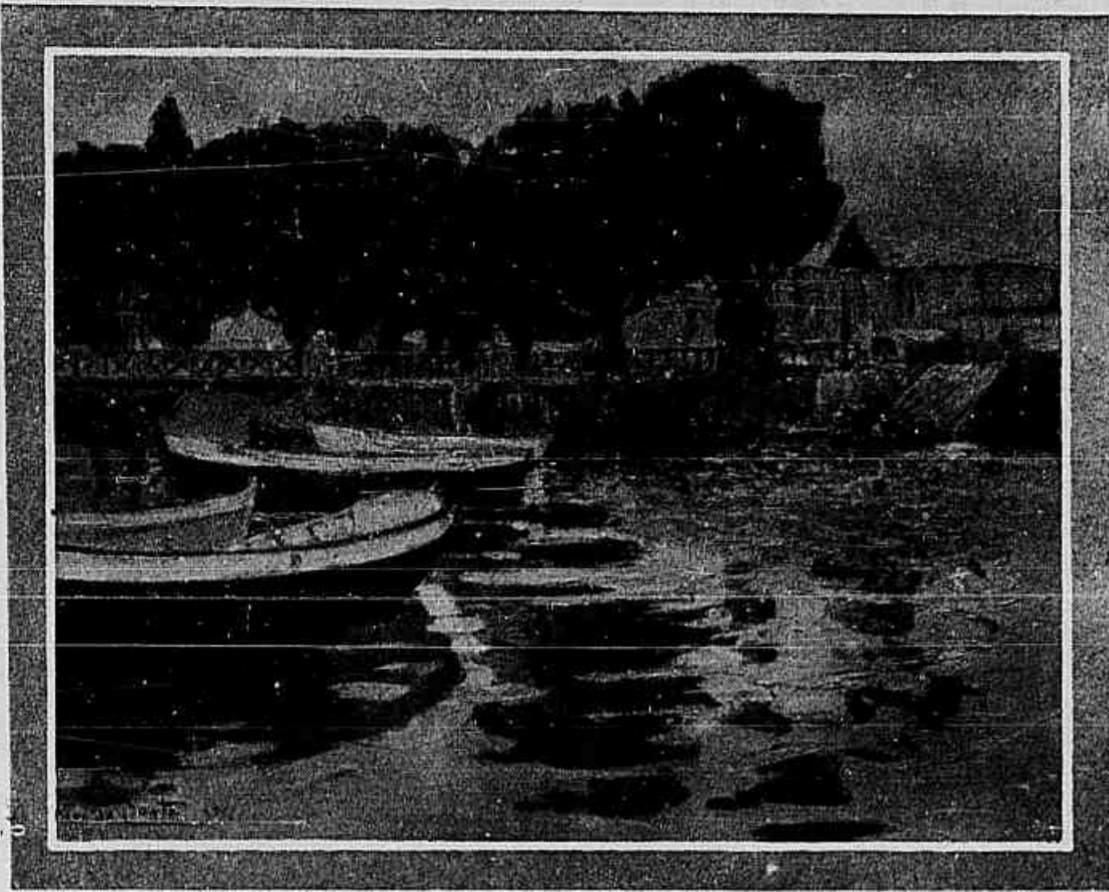
FRANCISCO CUCOLLO é um novo, que tem surpreendido pelo progresso que tem feito; não ha muito tempo expoz dous quadros na Galeria Rembrandt, mostrando que tem estudado. O trabalho que agora enviou ao Salão possui qualidades e patenteia condições de factura reveladoras de um futuro brilhante.



"RETRATO DE MME. AVELINO MESQUITA" — DE ARTHUR THIMOTEO (MEMBRO DO JURY) — "RETRATO DE O. M." — DE RODOLPHO CHAMBELLAND (MEMBRO DO JURY). — "RETRATO DA SRA. STEWART" — PREMIADO COM A PEQUENA MEDALHA DE OURO — DE D. CECIL CLARK DAVIS. — "CHAGRIN D'AMOUR" — DE GEORGINA ALBUQUERQUE (MEMBRO DO JURY).

"Retratos de Gonzaga Duque" e "Nicolina Pinto do Couto" e acima de tudo do "São Sebastião", obra que o governo tinha por dever adquirir, mas que continua no atelier do pintor, porque os que nos dirigem absolutamente não sabem distinguir o joio do trigo e em materia de esthetica não vão além dos tabiques engalanados, ou dos retratos de sacristia, commendadores de cadeias de ouro ao ventre roliço das digestões do bacalhau, salgado com o suor dos infelizes...

EUGENIO LATOUR tem no Salão um quadro infeliz, sem duvida, com qualidades de pintura apreciaveis, principalmente nas duas figurinhas de mulher collocadas nos primeiros planos do grande quadro, que, francamente, mais parece uma obra humoristica do que uma cousa seria, como em geral o



"BARCOS DO RIO LEÇA — PREMIADO COM A PEQUENA MEDALHA DE OURO — DE MARIO NAVARRO DA COSTA.



"JESUS ENTRE DOUTORES" — DE CARLOS OSWALDO (MEMBRO DO JURY)

HERMOGENES MARQUES confirma as suas qualidades de pintor militar; não ha muito dedicámos ao seu talento algumas linhas onde estudavamos o seu valor como tal. Pedimos permissão aos nossos leitores para aqui transcrever o que dissemos do moço artista:

"Muito joven ainda, dedicou-se seriamente ao estudo do desenho com o grande "Chartier" de Paris, onde durante 5 annos trabalhou, armazenando um cabedal que actualmente desenvolve aqui no Rio. Hermogenes Marques, assim se chama o moço pintor. O seu atelier começa a receber o aspecto de museu de troços militares; aqui e ali fardamentos, capacetes, correias, mascaras contra os gazes asphyxiantes, espadas e mais uma infinidade de pequenos nadas preciosos a uma composição de assumpto bellico, completando o ambiente livros, muitos livros, alinhados pelas estantes, revistas, etc., etc. Pelas paredes, quadros, estudos de animaes em attitudes complicadas e ousadas, musculos retesados, expressões de pavor e expectativa, manchas, paizagens da Corsega, dos Pyrinéos e arredores de Paris.

Em todo aquelle ambiente percebe-se uma orientação segura e devotada á verdadeira causa da Arte; não sendo ainda um consummado mestre, tão pouco é um aprendiz. Os seus trabalhos revelam qualidades que garantem a sua posição de destaque ao lado de Pedro Americo, com a vantagem de ser senhor de uma maneira mais sympathica de grupar as figuras, nas attitudes e escolha dos assumptos preñhes de grande pittoresco.

Em um dos seus movimentados desenhos de cavallos, "A corrida", encontramos pontos de contacto com o magnifico quadro de Gericault, "O Derby d'Epsom".

Na "Corrida", o movimento dos animaes é bem comprehendido, a anatomia resolvida com bom conhecimento, aliás, que se encontra em todos os seus desenhos e composições. Durante a estadia no velho mundo o seu temperamento desenvolveu-se de maneira grandiosa, dedicando-se ao difficil genero de assumptos militares, preenchendo assim uma lacuna no nosso meio artistico. Já tinhamos artistas que, com grande brilho, praticavam a figura, a paizagem, a marinha, a natureza morta, etc.; faltava-nos porém o pintor de batalhas, genero desaparecido no Brasil com a morte de Pedro Americo.

Sem receio de errar, podemos garantir que a falta acha-se preenchida pelo moço artista. No pro-

ximo Salão teremos a mais cathorica das provas, com o envio que o distincto pintor vae fazer de quadros de assumpto militar, que fatalmente agradarão pela sua composição e detalhes."

Pelos trabalhos que o artista enviou ao Salão tivemos confirmadas as nossas previsões em todos os seus menores detalhes, só nos faltando felicital-o pelo exito que vem alcançando.

sentam-se bem, mostrando progresso na difficil Arte que abraçaram.

NAVARRO DA COSTA, marinheiro, nos dá duas marinhas de aspecto moderno, onde se percebe que o artista tem estudado a sua especialidade. Os seus trabalhos são ricos de côr, vibrantes mesmo, traduzindo fielmente o espirito irriquieto que predomina nos seus menores gestos; encontramos o artista fielmente retratado nos seus quadros.

Dos trabalhos que o artista mandou ao Salão preferimos a marinha pintada em Portugal, onde os detalhes são mais resolvidos e mesmo mais estudados; lastimavel é entretanto que o pintor não anime as suas produções com figuras desenvolvidas, para quebrar a nota monotona que se percebe no seu quadro.

REGINA VEIGA apresenta trabalhos bons, com figuras de desenho e de technica. Achemos porém que a distincta artista, este anno, está representada com inferioridade, relativamente aos annos anteriores, pois tem exposto obras de grande valor.

EDGARD PARREIRAS, um paizagista fino, que caminha victorioso, não obstante a luta permanente em que vive. A paizagem "Manhã de Sol", que figura no Salão sob o n. 104, é o melhor attestado disso: sente-se realmente o Sol a beijar a crista da folhagem, a dourar os barrancos e os troncos. Não ha muitos dias teve o laborioso artista a sua exposição aberta na Galeria Jorge, onde reuniu uma serie de cousas em que o seu talento refulgia em toda a sua plenitude. Sentimos no jovem artista uma gloria da nossa Arte, sem ser preciso o abuso dos motivos, pois o referido artista vem se mostrando fertil na escolha dos seus assumptos, como conseguiu provar na sua recente mostra e nos Salões anteriores.

CARLOS OSWALDO é um dos triumphadores do



"AUSCULTANDO" — PREMIADO COM A PEQUENA MEDALHA DE OURO — DE JOÃO THIMOTEO.

LUIZ KATTEBACK, outro novo que se apresenta com um retrato ao ar livre, com qualidades, sendo o seu trabalho relativamente bom.

FRANCISCO MANNA, MARIA ELISA DE FRONTIN WERNECK, PAULA FONSECA, A. MARTINS RIBEIRO, BICHO, COELHO DE MAGALHÃES e FORMENTI apre-

te refulgia em toda a sua plenitude. Sentimos no jovem artista uma gloria da nossa Arte, sem ser preciso o abuso dos motivos, pois o referido artista vem se mostrando fertil na escolha dos seus assumptos, como conseguiu provar na sua recente mostra e nos Salões anteriores.



"CAMINHO DO PORTO" — PREMIADO COM A GRANDE MEDALHA DE PRATA — DE ARGEMIRO CUNHA.



"TARDE DE SOL" — DE FRANCISCO MANNA — PREMIO DE ANIMAÇÃO (250\$000).



"MANHÃ DE SOL" — PREMIO DA GALERIA JORGE (500\$000) — DE EDGARD PARREIRAS.

actual Salão. O seu "Jesus entre os doutores" tem despertado entusiasmo, mesmo entre os que o têm guerreado. Triunphou na sua ultima mostra e esse triumpho estendeu-se até a obra que agora apresenta.

HELIO SEELINGER, sempre bizarro, apresenta-se com um coeфициente valente; mandou dez trabalhos, batendo o *record* da produção na actual exposição. Os seus quadros mais sérios são, incontestavelmente, "Por mares nunca dantes navegados" e "Nossa esquadra na guerra". Nesses dous trabalhos o seu temperamento decorativo encontra-se bem desenvolvido.

O movimento, a tonalidade e a cor são característicos observados com intelligencia; o movimento revolto das grandes massas dos vagalhões é sentido, contrastando com a poesia das gavotas que beijam a crista espumarenta das ondas...

AUGUSTO BRACET, premio de viagem da Escola de Bellas Artes, apresenta dous trabalhos de proporções avantajadas, "Amphora" e "Escolha difficil". Em ambos os trabalhos o artista revela uma procura digna de apreço; percebe-se que estuda, qualidade que grande numero de artistas nossos despreza, por se julgarem no apice da carreira artistica. Ambos os trabalhos do artista são portadores de condições apreciáveis nas boas obras de Arte; mas preferimos "Amphora", onde o artista encontrou dificuldades de maior monta a resolver. "Amphora" é incontestavelmente um bom trabalho, porém talvez um pouco frio de cor, principalmente no nú de mulher que predomina no conjunto. As linhas por sua vez, achamos que podiam ser mais graciosas. Usamos de franqueza porque o que temos visto do pintor a isso nos autorisa, notadamente os seus envios, quando pensionista da Escola em Paris; aquelles trabalhos tinham muito mais vigor e muita cor, o desenho solido e uma technica bem diversa da que actualmente possui o artista; verdade que o ambiente não é o mesmo. Lá, os nossos artistas, quando no goso da pensão, só têm uma preocupação: a do trabalho, ao passo que aqui fazem Arte pensando no vendeiro e no augmento provavel do aluguer no fim de cada mez...

Na secção de escultura, ANTONINO MATTOS é o triumphador incontestavel; a sua "Escrava" assim o affirma. De grandes proporções, a figura se contorce no esforço perdido para livrar-se dos grilhões que a prendem ao rochedo do supplicio. A expressão é o ponto capital da obra, a physionomia casa-se com a musculatura torturada... "Agonia", "Cinzeiro" e "Eva" completam o envio do victorioso artista.

MAGALHÃES CORRÊA, seguindo a sua já firmada reputação de animalista, nos dá a "Alvorada

do Leão", soberbo de attitudo e as interessantes cabeças de "Zair" e "Cora".

MARGARIDA LOPES DE ALMEIDA e SAMUEL MARTINS RIBEIRO retrataram-se mutuamente com felicidade.

LEÃO VELLOSO nos dá os interessantes "Evo-cando" e "Um Sonho". FRANCISCO DE ANDRADE, um busto, o retrato do architecto Francisco dos Santos, com qualidades de plastica e bom desenho.

Expõem ainda na secção de escultura os artistas CASEMIRO CORRÊA, UMBERTO CAVINA, FLOR HEINZELMANN, LAURINDO RAMOS, MARIA MAYER, PASQUAL FOSCA e VICENTE LAROSCA.

Na secção de gravura de medalhas apparece em primeiro plano Mme. DINORAH A. DE SIMAS ENÉAS, com um bello conjunto. ARLINDO BASTOS, FRANCISCO MARINHO e JORGE LOUBRE honram o seu digno mestre com os trabalhos enviados, onde existem difficuldades serias, resolvidas.

Em architectura, apenas tres artistas enviaram trabalhos: os Srs. FRANCISCO SANTOS, JOSÉ SANTOS e VICTOR DUBUGRAS, sendo este ultimo o que melhores obras apresenta; são projectos de Architectura Brasileira, o que é de louvar em um estrangeiro.

Não é de hoje que o distincto artista vem creando baseando-se sempre nos característicos nossos para a formação de um estylo que seja puramente brasileiro. O projecto para a residencia do estheta que é o Dr. José Mariano é um verdadeiro primor, que daria nome a qualquer architecto. Oxalá que o projecto se torne realidade pois assim o teremos a contrastar com a miseria de espirito de que é dotada a maioria das construções de um dos sitios mais pittorescos da nossa cidade: o Leblon.

Na parte que diz respeito á Gravura-Lithographica o Salão tem apenas dois representantes, o Sr. LOPES LEÃO em quatro aguas fortes, aliás bem interessantes e o Sr. OTTO REIM, Prussiano, funcionario da nossa Casa da Moeda; os trabalhos que elle apresenta são dignos da admiração de quantos entendem alguma cousa da difficil Arte da Gravura, são firmes e de uma firmeza de toque digna de destaque. O claro escuro é preciso e sem recursos de "trucs".

Muito de proposito deixamos para o final deste estudo os tres concurrentes ao premio de viagem. São elles os Srs. Leopoldo Campos, gravador de medalhas, Almeida Junior e André Vento, ambos pintores; entre os tres candidatos o que melhores condições, a nosso ver, preenche é sem duvida o Sr. Leopoldo Campos, quer como preparo artistico, quer como desenhador e compositor. Os candidatos André Vento e Almeida Junior apre-

sentam-se fracos justamente no ponto capital, no desenho.

ANDRÉ VENTO apresenta um grande quadro que pomposamente intitulou "Cleopatra", uma "Cleopatra" aliás muito pobre de desenho e composição. Com relação ao ultimo requisito pecca pela posição das figuras em um espaço enorme que o artista encheu de scenographicos attributos. As figuras têm peccados de desenho que á primeira vista chamam a attenção do visitante; exemplo: o braço em que Cleopatra apoia a cabeça está francamente deslocado, não articula de forma alguma; as mãos das duas figuras, absolutamente não estão desenhadas a contento; os pés da figura seguem o mesmo erro, não têm construção anatomica; as roupagens são torturadas por uma infinidade de pequenas pregas bem dispensaveis, o que amesquinha o conjunto, sendo, apesar de tudo, amaneiradas.

Em absoluto sente-se dentro daquelles tecidos o corpo da Cleopatra que, bello como era, o artista tinha por dever respeitar, fazendo com que elle triumphasse dentre a miscellanea que reuniu em torno da formosa filha do Rei Tolomeo Anlete.

ALMEIDA JUNIOR concorre com o "Primeiro Peccado", fazendo acompanhar o quadro com uma explicação perfeitamente inutil. Como desenho o seu trabalho é fraco; como composição não offerece linha alguma que enthusiasme e como anatomia é então pauperimo e falho de observação, a começar pelo cuidado com que o artista tratou respectivamente os umbigos das duas figuras!

Positivamente Adão e Eva, de forma alguma podiam ter tal cousa, a não ser que a anatomia seja uma mentira. Diz por sua vez a Historia Sagrada que o primeiro Homem foi feito pelo sopro de Deus, que mais tarde lhe deu uma companheira, e que ainda os expulsou do Paraíso, pelo motivo que o Sr. Almeida Junior quiz representar. Ora, se realmente as cousas se passaram assim, somente os fructos da desobediencia de Adão e Eva é que podem possuir o signal umbilical...

Não obstante os graves defeitos, o quadro do Sr. Almeida Junior tem qualidades apreciáveis sob o ponto de vista decorativo, sendo em todo o caso bem superior ao do seu competidor André Vento.

O nosso juizo quanto á superioridade daquelle sobre este baseia-se na sinceridade. Achamos o Sr. Almeida Junior mais sincero do que o Sr. André Vento. O desenho do "Primeiro Peccado", não obstante os seus defeitos, é mais procurado, não tendo a "camouflage" que o Sr. Vento emprestou á sua "Cleopatra"...

ADALBERTO MATTOS

Monumento das bandeiras pelo esculptor brasileiro Victor Brecheret



O GRUPO CENTRAL, MOVIDO RYTHMICAMENTE, DE MANEIRA A SUGGERIR UMA "ENTRADA". OS PAULISTAS, GUIADOS POR PAES LEME, ANTONIO PIRES, BCRBA GATO, AVANÇAM PARA O SERTÃO MYSTERIOSO...

A MARGEM...

PASSA um enterro. E' um enterro pobre: um carro negro, com o caixão; e, atraz, outro carro, no qual percebo um homem magro, vestido de luto.

Já as luzes se accendem. Ameaça chuva. Na rua, apenas o trote dos cavallos e as rodas dos dois carros movem o silencio. Ao longo da calçada, nenhum vulto, além do meu.

Fico a imaginar o fim, o ultimo capitulo que vae naquelle enterro...

Começa a chover. Tenho pena da morta... Era muito moça, com certeza... Era linda, talvez...

☞

HA uma frase no fim de todo amor... E' a moralidade da fabula...

☞

CONHEÇO um pequeno jardim, que é meu visinho e meu amigo, e que enche de graça a rua quieta onde eu móro. Só tem uma arvore, um cypreste risonho, com qualquer coisa de felino e feminino... E tem canteiros de rosas...

E' um jardim feliz. Sonho, ás vezes, que hei de ser assim, mais tarde, quando o meu corpo perder a fôrma de corpo e se reintegrar na terra; quando a minha alma fôr um aroma esparso, e a minha lembrança um cypreste risonho, com qualquer coisa de felino e feminino...

☞

VOLUPIA... prazer do corpo que se alonga pelo espirito...

☞

SEI de uma felicidade que se dá: a felicidade de bem sentir e bem pensar...

☞

ALTA, muito magra, ondulante, parecia a fumaça de um cigarro, e fazia pensar em certas figuras de vasos gregos. Viera de subito. Parára ao lado do piano. Pela sala immensa um espanto correu. Aquelle numero não constava do programma. E foi, depois, o silencio. Emquanto o acompanhador ia tirando dô teclado as primeiras notas, ella esgarçava a sombra dos olhos tristes sobre as poltronas, onde todos esperavam, transidos, curiosos. Cantou. Cantou, com uma voz azul, uns versos de Verlaine, que Reynaldo Hahn musicou:

*La lune blanche
luit dans les bois...*

As lampadas estavam esmorecidas. Apenas, ao fundo, o vulto se destacava, abandonado de gesto, fino, glacial. O canto punha mãos de neve na carne dos que o ouviam...

Quando se perderam os ultimos sons, ella desapareceu.

Nunca mais me esqueci dessa mulher...

NÃO será melhor ir assim, ao sem rumo do tempo, sem desejar e sem lembrar, confundindo a saudade e a esperança nas pobres alegrias que por acaso vamos encontrando?...

☞

EXISTE, de certo, "uma possibilidade de vida superior na humilde e inevitavel realidade quotidiana". Essa vida ha de ser formada, lentamente, no segredo da nossa alma, de todos os nossos pensamentos esquecidos, de todos os gestos bons que fizemos, e que em nós deixaram para sempre um luminoso, inapagavel sulco...

Quando, na tristeza do caminho por onde vamos, ainda desorientados, passa uma vida superior, louvemos a Deus, humildemente, de mãos postas, bemdizendo o destino que nos leva...

☞

É o milagre da primavera. Sinto a noite chegando. Sinto-a em mim, e no ar, nas arvores, nas pedras, no silencio. Sinto-a physicamente, como alguma coisa que vejo, aspiro, tóco... alguma coisa que me deixa um sabor na bocca, um som extinto nos ouvidos...

☞

PENSO numa idade remota, de onde vim. Fui pastor de ovelhas num velho monte da Grecia. Andei vestido de sol. Bebi a agua das fontes, — espelho transeunte das nymphas. Sob as arvores, contente, escutei as frutas dos sylvanos e outros suspiros amorosos. Vi, uma tarde, o philosopho Epicuro, placido e risonho entre os mortaes. Os meus olhos eram côr de mel e bem abertos para a alegria...

☞

DEIXA que passem as grandes alegrias, não as sigas. Procura as outras, que são pequenas e caladas e não despertam nenhuma dôr. Ellas mesmas trazem, nas olheiras longas, manchas de lagrimas... E ellas nos revelam a vida realisada, a unica que realisamos: a da nossa vocação.

Cada um de nós, num minuto desfeito do passado, na linda idade de menino e moço, cada um de nós imaginou a vida que havia de viver... Depois, tudo foi differente... Só aquella vida ficou sendo a verdadeira: a nossa vida, a da nossa melancolia e a da nossa bondade... A real, a quotidiana, transitoria e commum, foi um sonho máo. Parar, — eis a ventura. A serenidade é o ultimo encanto, e o mais puro. Ser feliz vale muito. Ser resignado vale tudo...

☞

TODA palavra é um corpo doloroso...



"DANSARINA", MARMORE DE PAUL DANLEFEUILLE, QUE ESTÁ NA PRAIA DE BOTAFOGO.

Maria e as mulheres bíblicas

por Claudio de Souza

Trecho da conferencia "Maria e as mulheres bíblicas", que Claudio de Souza, a convite da Universidade de São Paulo, fez naquella cidade, e foi convidado a repetir em Campinas, pela Sociedade de Cultura Artística.



FILHA DE JEPHTE. — Nesse tempo de então, diz a Biblia, Jephthé de Galaad foi um homem de guerra de grande valor, e era filho de Galaad e de uma cortezá. Seus irmãos, filhos havidos por Galaad de sua legitima mulher, expulsaram-n'o da successão de seu pae, e obrigaram-n'o a exilar-se na terra de Tob. Numa das privações da terra de Galaad, porém, os anciãos do povo foram busca-o ao exílio para entregar-lhe o commando de suas forças, porque já elle houvera dado dilatada definição de seus talentos guerreiros.

Jephthé, á frente das tropas de Galaad, prometteu a Deus que, caso vencesse a guerra contra os filhos de Ammon, lhe sacrificaria a primeira pessoa que de sua casa, em seu regresso, a encontro lhe viesse. Ora de volta a Maspha, decorrida a guerra e já victorioso, quem corre, a primeira, a seu encontro? Sua filha unica, encanto de seus olhos, flor de mocidade em sua velhice, delicia de sua alma, enlevo de seus dias... Eil-a

que vem alegre, a tocar um pandeirinho, cascalhante de guizos, a dansar e a cantar pela victoria do pae...

Jephthé ao vel-a naquella candidez de tamanha ternura rasga as vestes, enterra as unhas pelas carnes, e, a alma trespassada por tão hervada setta, conta a sua filha a promessa que fizera. E allucinado, com o espirito ennegrecido por aquella lutulenta perspectiva, agarra-se á filha, ensopa-a em lagrimas e beijos, transita suas mãos tremulas pelas ondas tepidas de seus cabellos, a seu peito esmola seu infantil aneio, e despindo-se de sua crueldade guerreira áquella pureza virginal, como si a alma do sangue lavasse as crystallinas aguas, pede ao Senhor que o descaptive de sua promessa.

— Meu pae, — exclama a menina — (Oh admiravel bloco de marmore!) cumpri o que prometteste a quem te deu a gloria e a victoria! Aqui estou.

Jephthé, succumbido, não lhe responde. Sua cabeça, que flammejava nos combates com a luz coriscante de seus olhos, tomba para o peito.

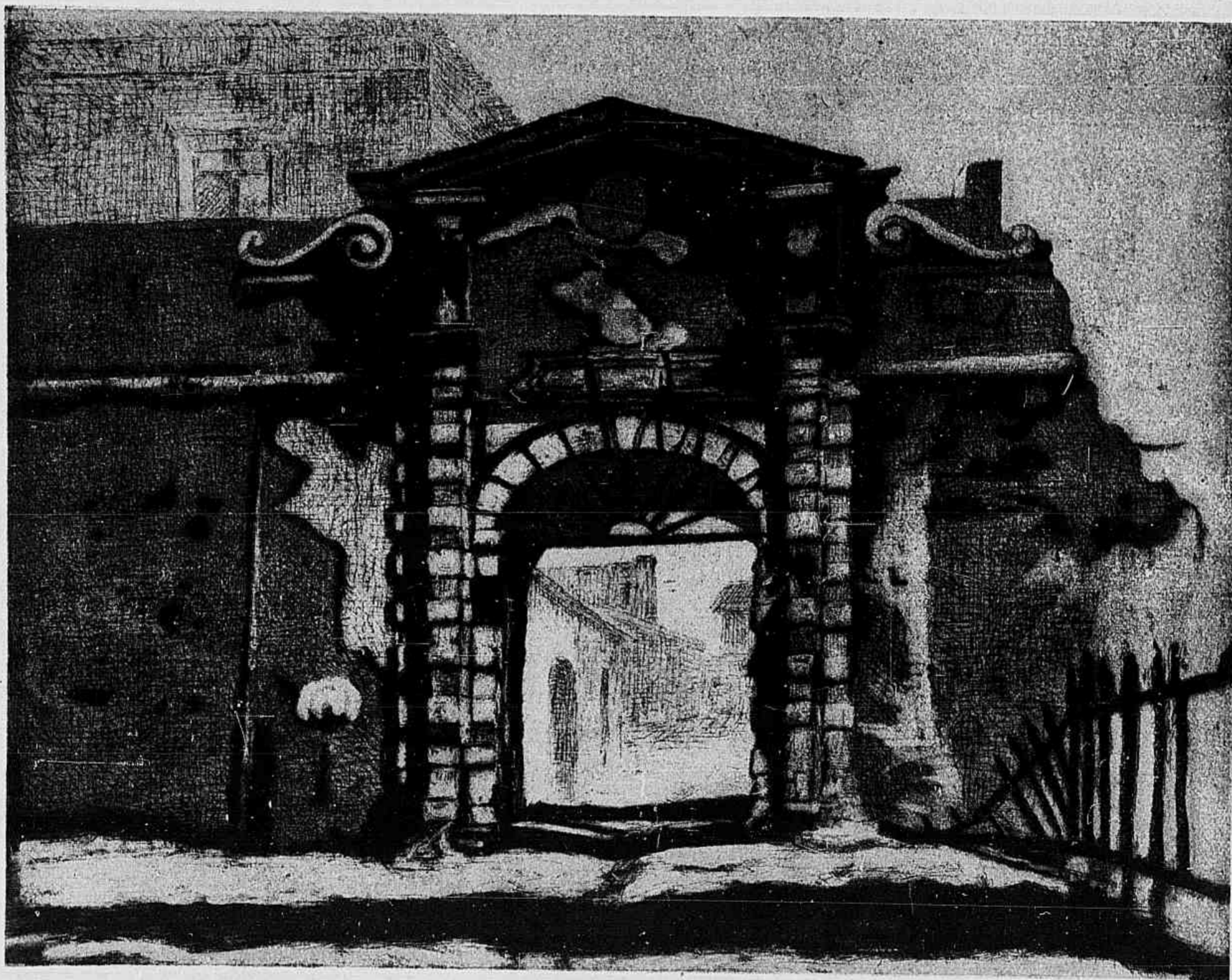
— Concedei-me, apenas, diz-lhe a filha, que

vá passar dois mezes na montanha com amigas que me esperam, e sacrificae-me, em seguida.

...E dois mezes passados, o pae que esperava vel-a fugir, e libortal-o assim de sua fatal promessa, vê-a entrar em seu lar, coroada de rosas, juntamente com amigas em alegre ronda, a offerecer-se ao sacrificio... Assim foi sacrificada. E ficou conservado na raça de Israel o costume de se reunirem suas filhas uma vez por anno para durante quatro dias consolar a filha de Jephthé de Galaad.

Reparae para a belleza heroica dessa alma de creança! Attentae para o que ha de infantil e de sublime naquella sua unica condicção: apenas dois mezes para ir á montanha brincar com amigas que a esperavam...

Que poema de primavera, de ingenuidade, de festa floral, com agonias maravilhosas em que a vida se extingue numa chuva de ouro, como o sol quando se despede para a floresta da treva nos cavallos ajaezados de purpura e de ouro do cartodo crepusculo...



Argemiro Cunha
-1918-

ESTA secção terá como objectivo principal a vulgarização dos nossos modernos escriptores, na prosa ou no verso, concorrendo para o seu maior carinho e apreço, sem desfazer, está visto, nos que já estão consagrados.

A Arte, como quasi tudo, é um modo de ver pessoal; varia em seus fundamentos e razões, de alma a alma, de individuo a individuo.

Em critica literaria, sobretudo, essa verdade se impõe: dahi o não pretender eu, além de simples chronista que me proponho ser com sincera convicção, a tarefa, grave de fazer-lhes, mais para mim, de ditar normas estheticas aos outros, dar-lhes censuras acres ou conselhos sempre importunos.

Ainda, ha poucos annos atraz, quando a espinhosissima função de criticar era exercida com solemnidade por alguns nomes consideraveis das nossas letras, a *victima* das exigencias, dos rigores ou da toleima do critico tinha, para justificar-lhe a magua da censura, para consolar-lhe da desillusão de não haver sido *apreciado* devidamente, o renome e a fama de taes senhores, ainda que estes incidissem em erro, como frequentemente succedia.

Mas como me falta a autoridade e a laurea daquelles nomes nacionaes prometto portar-me com cautela, com razoavel isenção de animo e, principalmente, com probidade intellectual, que esta me orgulho de possuir.

Sem falar na grande critica, no seu sentido amplo e philosophico, de utilidade inestimavel, reconstructora e exegeta das épocas e individualidades do passado, sempre tive para mim que a critica literaria só vale como reflexo, como modo variavel de ver de cada um, como maneira individual de sentir e interpretar o *Thing of Beauty* de Keats; mais nada, sem outras consequencias maiores, sem utilidade apreciavel nem objectivo proprio.

A'quelles, porém, que, após esta minha confissão de incompetencia, parecer estranho que, dado

Livros e Autores

esse facto, realmente esteja eu aqui a *fazer critica*, responderei que terão mais a lucrar com os modestos chronistas da minha feição, que sempre os têm com sympathya e condescendencia, do que com os criticos de verdade, hoje raros, que quasi não escrevem acerca dos livros que se lhes mandam e ás vezes os commentam sem os lér...

Feito este preambulo, passo a occupar-me de um livro que está sobre a minha mesa de trabalho: *Letras Floridas*, do Sr. Amadeu Amaral.

Livro de sympathya e de discreta finura, o do illustre autor das *Espumas* revela-nos em suas primeiras paginas, numa conferencia, que é um modelo de expressão, de simplicidade, de medida, a complexa individualidade de Raymundo Corrêa, com quem tem flagrantes affinidades de alma.

A vida de sonho, a imaginação sensitiva, a poesia superior, a arte toda pessoal do inesquecivel poeta das *Symphonias* têm ahi o seu juizo claro e agudo, o seu commentario proprio, a sua critica brilhante, a historia minuciosa, o asserto sempre opportuno.

Poucos dos nossos melhores poetas apresentam tantas difficuldades e tamanhos embaraços á critica, para o verdadeiro estudo do seu temperamento e do seu feitio moral, como a estranha personalidade, aparentemente contradictoria, do burilador da *Ode parnasiana* e impressionista do *Plenilunio*.

Entretanto, depois da leitura do magnifico ensaio que lhe consagrou o Sr. Amadeu Amaral, toda a bruma, que acaso ainda se nos antepunha ao olhar no apprehender, de golpe, a esquiua figura mental de Raymundo, desaparece e esvae-se de repente, tal a transparente claridade sob que nol-a apresenta, com tanta segurança e firmeza de traço psychologico, o poeta da *Névoa*.

Não conheço sobre o lapidario do *Sonho Turco* outro estudo mais fino, mais justo, mais completo, mais luminoso.

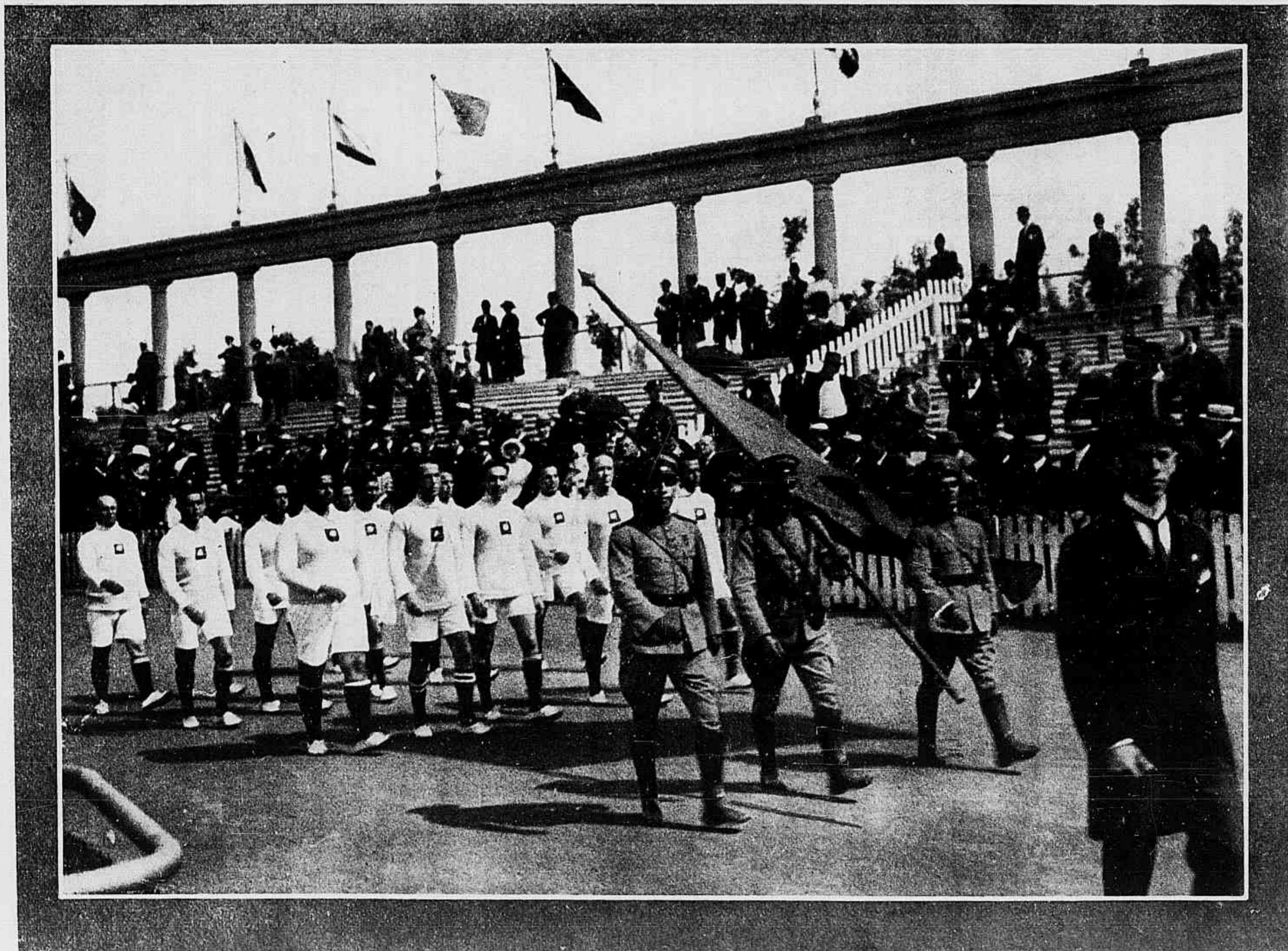
Quando mais não tivessem as *Letras Floridas* bastavam essas paginas para mostrar-nos as notaveis qualidades de critico e de prosador do Sr. Amadeu Amaral.

Outras conferencias e ensaios enriquecem o volume, mas não têm talvez o fundo de sinceridade e sympathya que fazem daquelle uma pequena obra prima digna de Raymundo Corrêa; pois, além de esplendido estudo literario e critico que é, enfeixa alguns dados e juizos que hão de concorrer certamente para a maior admiração e carinho do grande poeta.

Na impossibilidade de commentar todas as paginas de *Letras Floridas*, restrinjo-me aqui a indicar-lhe de passagem as melhores, entre as quaes estão as conferencias magistraes sobre a *Cigarra e a Formiga*, sobre *Epigrammas e Madrigaes*, sobre *Arvores e Poetas*, sobre *Flores e Espinhos da Arte*. Como se vê, quasi todo o livro, faltando-nos apenas citar os seus dois ultimos capitulos, que tambem em nada ficam a dever aos outros, em estylo, em sobriedade, em lavor e finura.

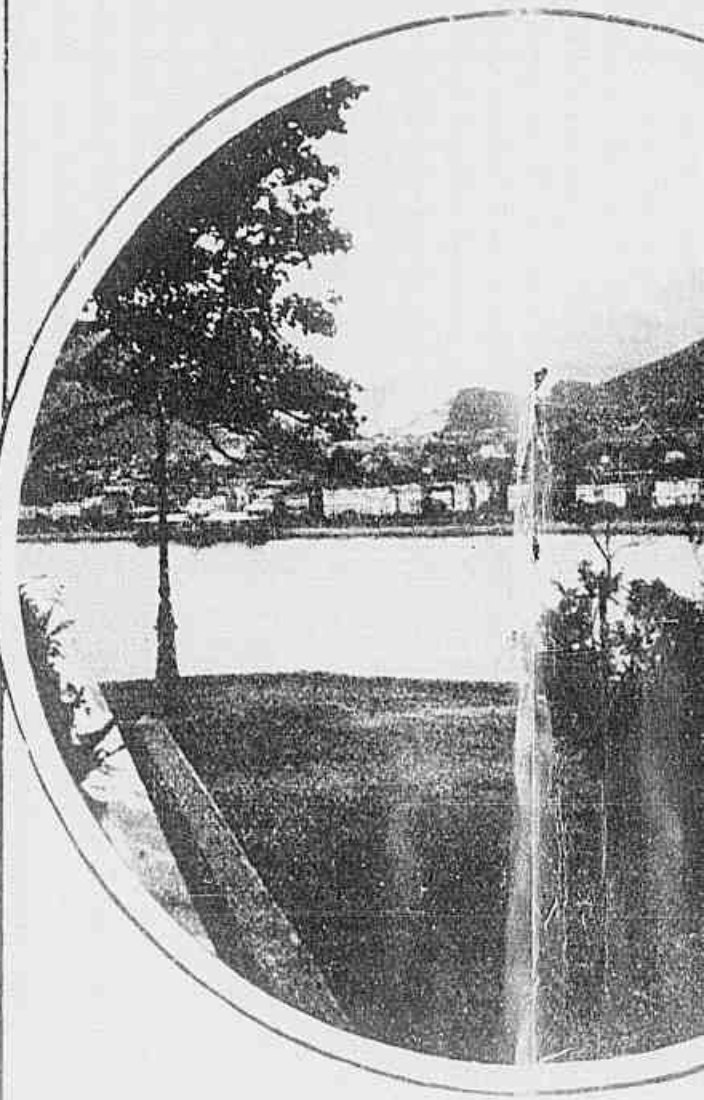
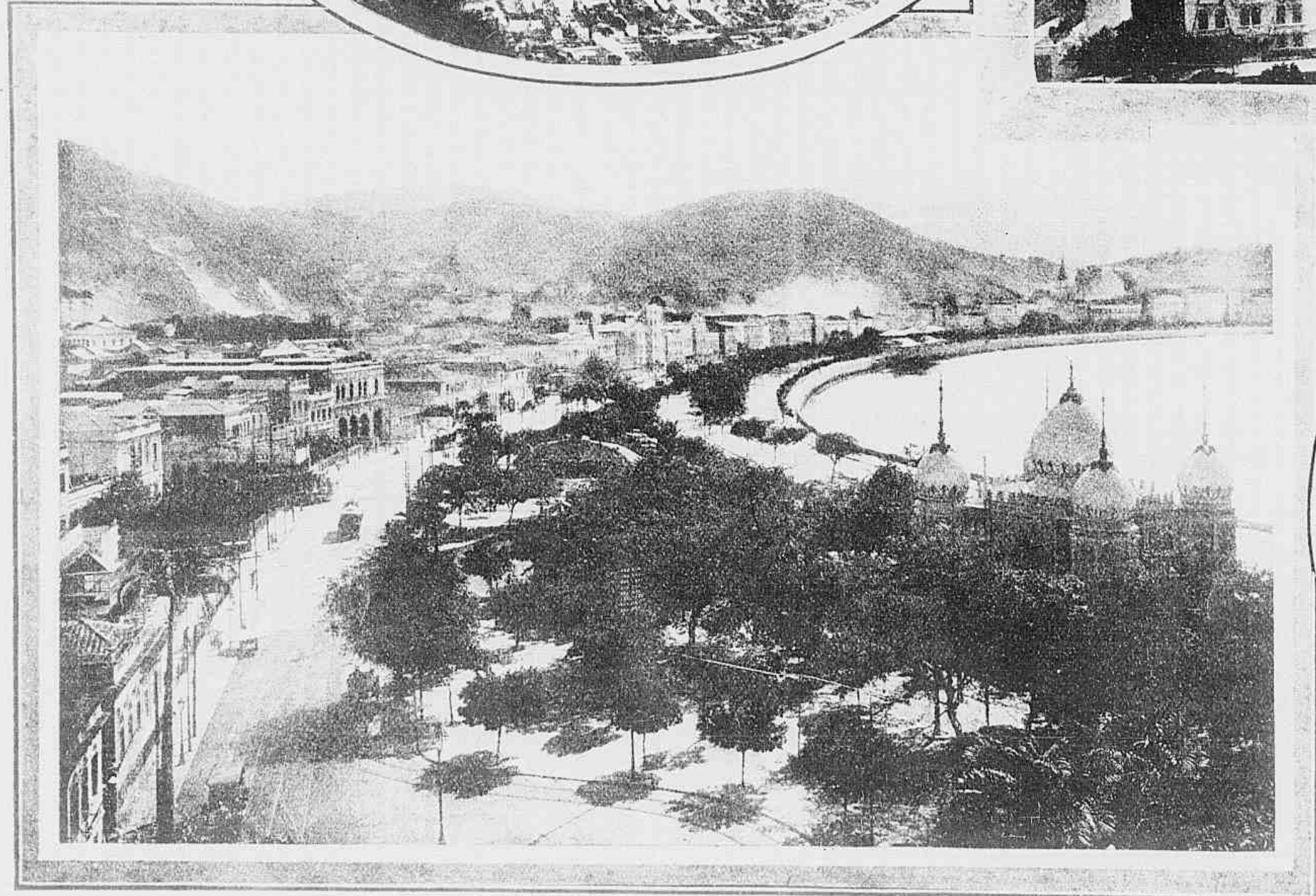
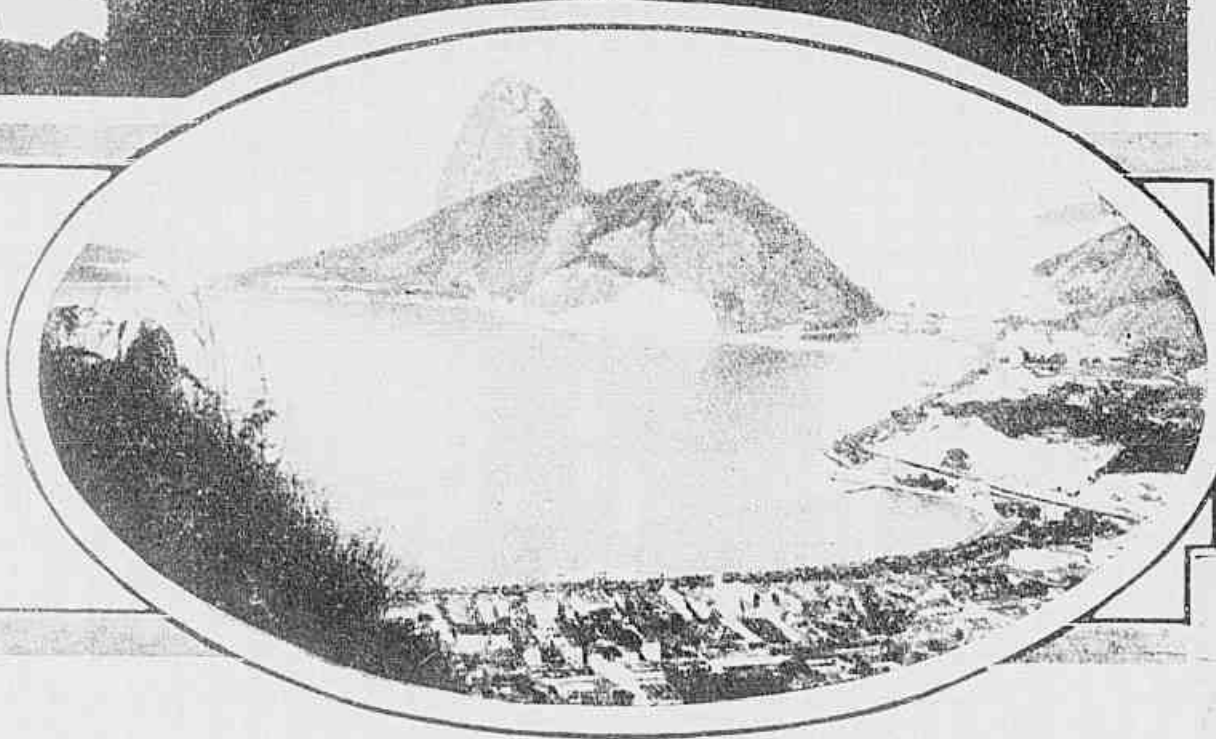
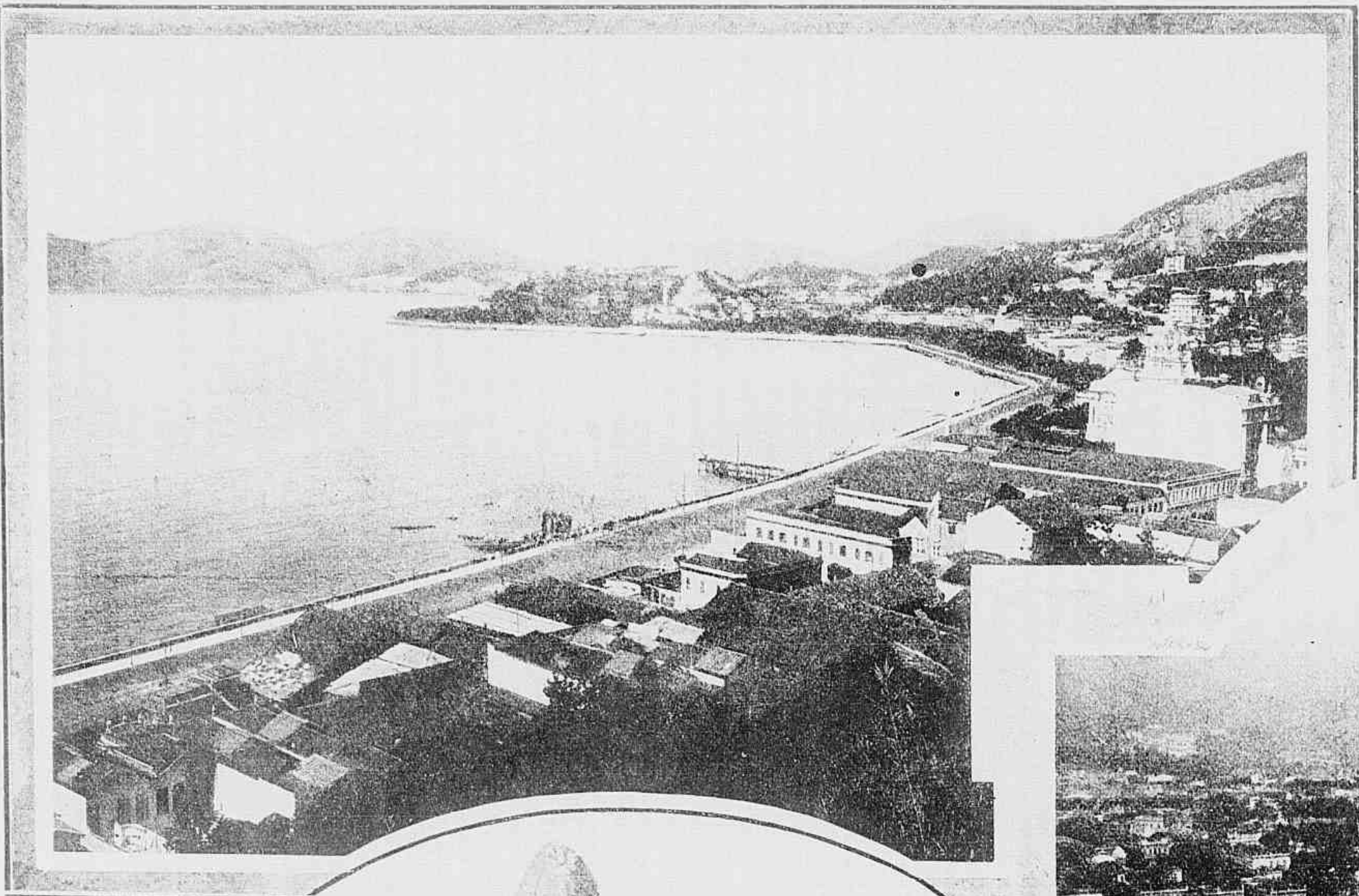
HOMERO PRATES.

O BRAZIL NOS JOGOS OLYMPICOS DE ANTUERPIA

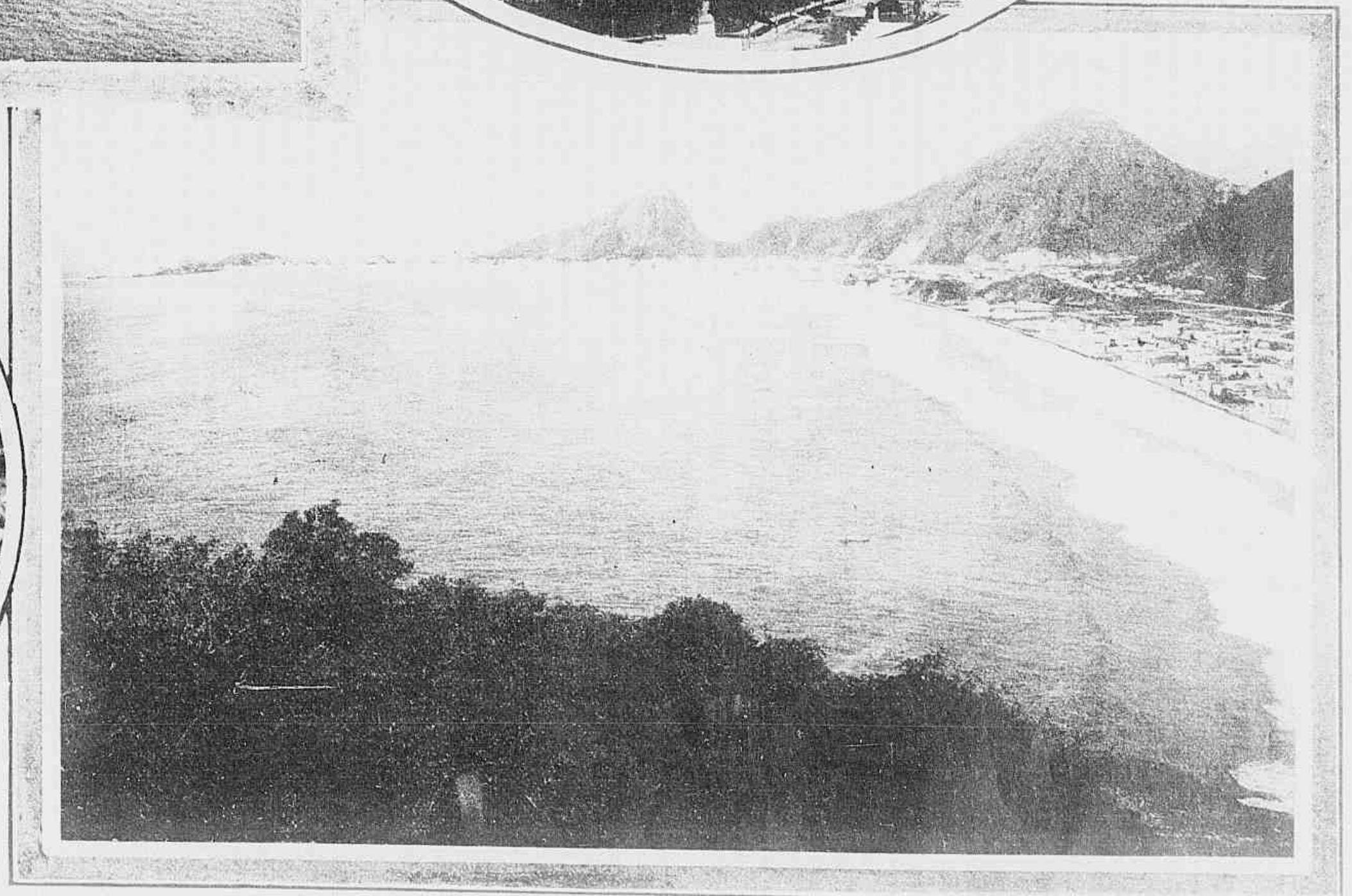
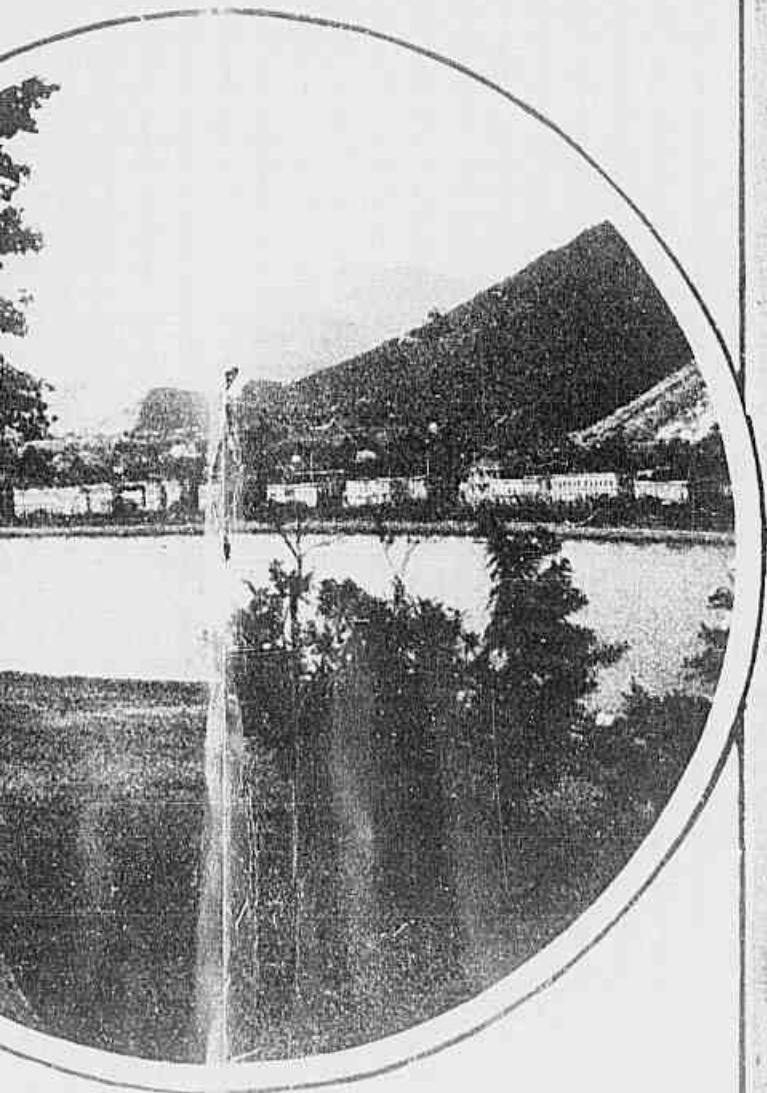
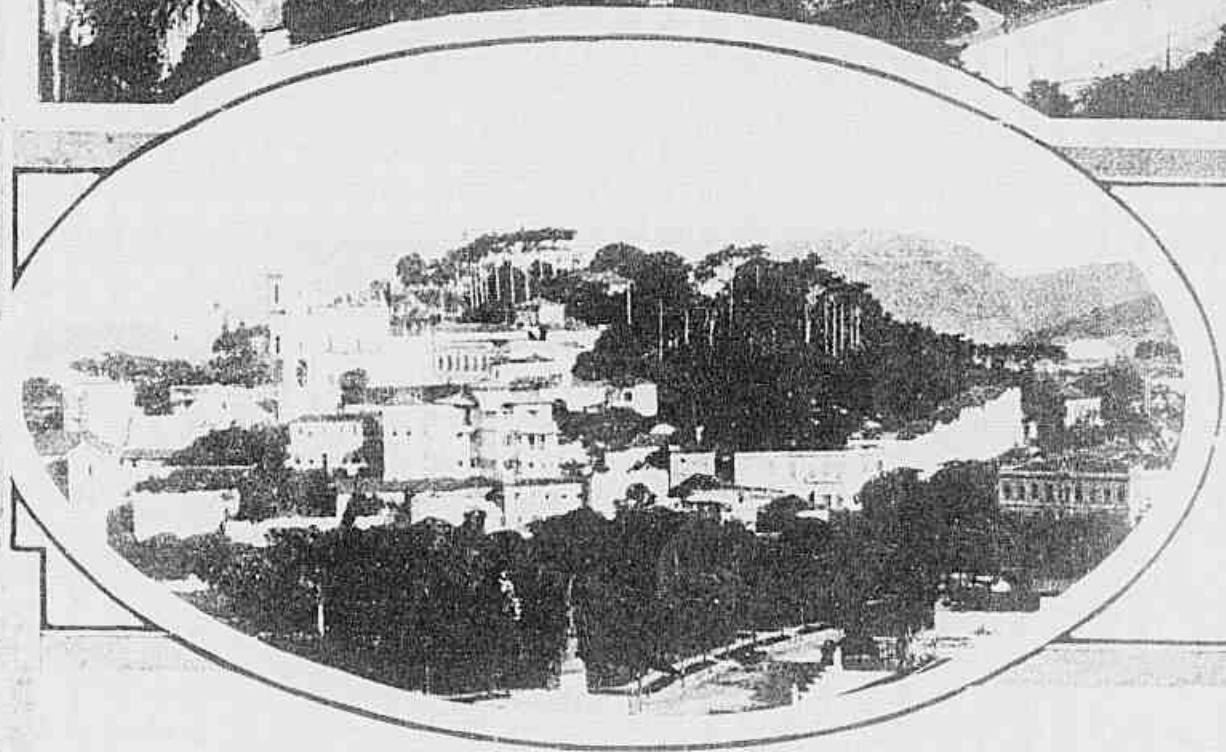
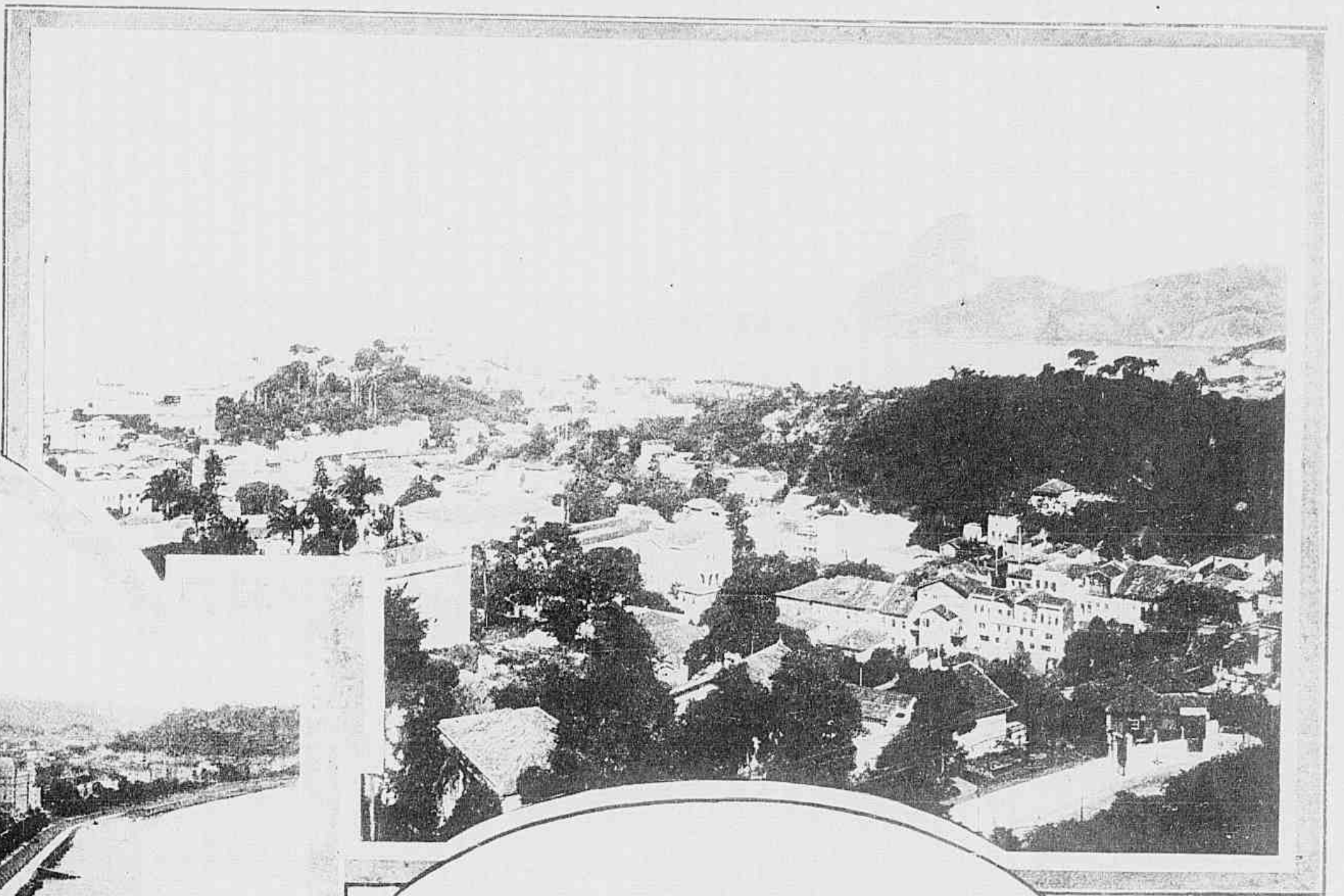


A NOSSA EMBAIXADA SPORTIVA Á OLYMPIADA DE ANTUERPIA ENTRANDO NO "STADIUM". Á FRENTE, O SR. DR. ROBERTO TROMPOWSKY, QUE A CHEFIA.

La Cida
de
Spiritu



Cidade
das
Armas



Vive depressa! A vida passa...

Versos de Ronaldo de Carvalho

Vive depressa! A vida passa...
Ah! teu desejo inquieto e louco
Dura tão pouco
Como a fumaça!

Rosa que tomba da roseira,
Hora que foge num momento,
Teu pensamento
Esvae-se em poeira...

— Poeira impalpavel que anda á tóa,
Perfume que pelo ar se evola,
Fruto que rola,
Folha que vóa...

Vamos, esgota logo a taça!
Não te demores no caminho.
Bebe o teu vinho,
Que a vida passa...

Onda dormente, leve, lassa,
Que vae e vem com o proprio vento,
Teu pensamento
Inquieto e louco,
Dura tão pouco
Como a fumaça...

IX, MCMXX.



ROPONHO-ME, é claro, como provarão estes artigos, a singelas palestras sobre coisas que se prendem ao magno problema, que é a preocupação suprema de todos os governos dignos de tal nome. E que magnifico seria, não o sonho de um geral entendimento sobre o assumpto, mas a promoção entre todos os interessados na solução da mais alta e mais nobre das causas nacionaes, uma como especie de accordo moral, uma como perfeita consciencia da fecunda missão, instituindo, entre todos, uma inteira, forte, intima solidariedade neste bemdito apostolado.

A ninguém escapa a difficuldade de uma orientação unica em tão complexa materia. Mas, uma pergunta cabe: Acaso será mais difficil e complicado aqui, na capital da Republica, esse serviço, do que, mesmo por muito extensos ou cultos, entre os Estados da Federação? Nos Estados a acção da autoridade póde se fazer mais directa e segura, desde que exista um regimen adequado á situação respectiva e aos recursos de cada um. A ordem na administração, a regularidade na inspecção, e, portanto, um zelo escrupuloso nos trabalhos escolares; a facilidade das providencias immediatas, de uma vigilancia incessante, mesmo nos mais afastados pontos ou nucleos populosos — tudo se torna menos penoso nos Estados, uma vez organizado o ensino como um serviço especial, a cargo de uma repartição autonoma e contando com os recursos indispensaveis de pessoal idoneo e de sufficientes dotações orçamentarias.

No Districto Federal já não se dá o mesmo. Aqui, relativamente, a tarefa é muito mais penosa, não só pela densidade da população, como pela sua mobilidade, pelas differenças de zonas, pelo afastamento em que ficam, muitas, umas das outras; tornando-se, assim, difficeis todos os serviços, mórmente os de inspecção, o da localisação das escolas, o da estatística escolar, etc. E' por isso que se torna imprescindivel um corpo de inspectores que, á primeira vista, parece exagerado, mas que é, positivamente, menor do que o está sendo reclamado pelas conveniencias do ensino. Acredito que a efficiencia dos melhores esforços está dependendo de uma organização perfeita dos serviços de inspecção; e creio que, mesmo dentro dos moldes da lei actual, alguma coisa se poderá melhorar.

E' preciso fazer de cada inspector, na respectiva circumscripção, um auxiliar poderoso, um cooperador immediato da autoridade superior. Para isso, é mister lhe dar mais força, investil-o de mais autoridade, de mais autonomia mesmo, e por outro lado, e simultaneamente, tirar-lhe todos os meios de exorbitar ou de ser omisso no cumprimento de seus deveres. E' obvio que, em se lhe augmentando a tarefa, ha necessidade de diminuir o numero de escolas sob a inspecção de cada um. Só assim — restringindo a amplitude de cada circumscripção, e ampliando a tarefa dos inspectores, fi-

Educação e Ensino

caria a administração sufficientemente aparelhada para o serviço.

Desde, porém, que me expando com relação a este assumpto, julgo-me no dever de expor todo o meu pensamento relativamente á inspecção escolar.

A exemplo do que se faz, e desde ha muito, nos Estados Unidos da America do Norte, devia se constituir em cada municipio, e, aqui, no Districto Federal, em cada circumscripção, não apenas uma inspectoría escolar, mas um comité de ensino, sob a presidencia do respectivo inspector, e composto de um representante do professorado local e de um ou mais representantes dos chefes de familias da circumscripção.

Naturalmente, ha de saltar logo uma objecção: a de não se contar com a boa vontade, e, muito menos, com o devotamento dos paes. Isso, entretanto, não seria uma objecção legitima. Tambem na França, quando se ensaiou a medida, teve de se lutar contra a indifferença geral. Lutou-se, porém, e venceu-se lá, então, e ora em quasi toda a Europa. E é facil de entender. Tudo, desde que se reclame da collectividade, requer esforço de propaganda.

Pois seria possivel que no Rio de Janeiro, onde o espirito de iniciativa toma um largo incremento; onde existem numerosas associações de diversas naturezas — recreativas, beneficentes, de cooperação e de ensino, todas mantidas com tanto zelo — seria possivel que só esta grande alma de povo viesse a ter indifferença e negação exactamente para a causa sagrada?

Demais: basta um argumento para rebater a hypothese do indifferentismo dos paes.

Tambem se accusa de desidia o cidadão porque não comparece aos comicios eleitoraes, e, no entanto, que eu saiba, ninguém se lembrou até hoje de fundamentar nessa indifferença a suppressão do regimen representativo. Não: o que todos fazemos é clamar contra o absentismo, quasi geral, em se tratando de eleições politicas. Pois bem: é o que fariamos no caso em que os paes fossem os primeiros a abandonar a grande causa.

Reflecta-se, porém, um momento, nas vantagens dos comités de ensino nas circumscripções, e diga-se se não é urgente completar o mecanismo actual pela creação desses comités. Não se descreia de que alguma coisa é possivel exigir e esperar dos paes de familias, desde que se os interesse effectivamente no serviço do ensino.

Unir todos os nossos esforços; associar a acção dos paes á acção dos poderes publicos; estimular o professorado, tanto animando os professores na sua tarefa, como fazendo tudo para os convencer de que as altas autoridades são as primeiras a se em-

penhar por garantir os direitos e galardoar os meritos dos que mais trabalham e se dedicam com maior amor á causa da instrucção: eis o que deve constituir o pensamento capital dos que têm as responsabilidades da direcção dos cargos superiores.

Só dest'arte teremos no Districto Federal um serviço que se poderá erigir em modelo para os proprios Estados da Federação. E' de acção que tudo depende; pois só agindo energicamente é que iremos sentindo os defeitos a corrigir, os inconvenientes a reparar, as necessidades a attender.

E se alguma coisa mais eu pudesse adiantar, com relação ao ensino propriamente dito, affirmaria que a tarefa, adstricta ao ensino primario, não é a mais vasta e formidavel da redemptora missão. A que eu julgo completa é outra: é a que decorre das novas idéas, que vingam no espirito geral, e que vão imprimindo uma outra directriz á acção do poder publico, na esphera do ensino.

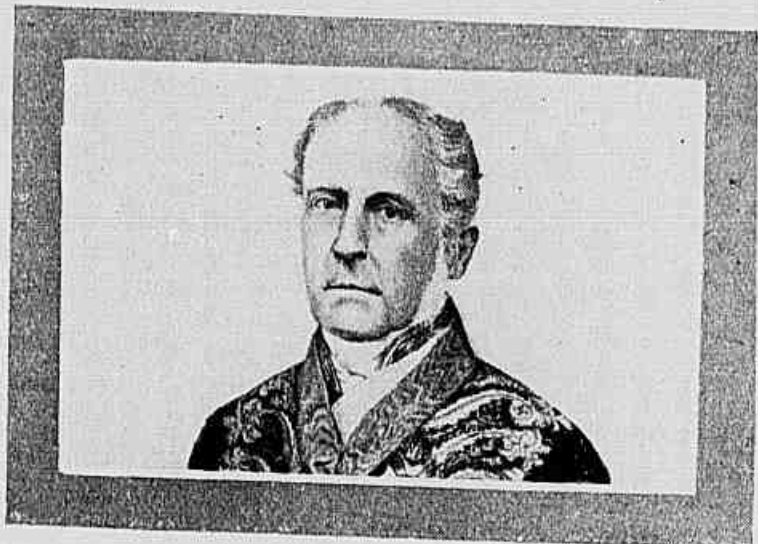
Hoje, mais do que a diffusão do ensino primario, exigem as classes sobre as quaes ha de pesar a economia da collectividade. E' o ensino pratico e fecundo das artes, dos officios, das profissões — no qual se tem de transformar, ou, pelo menos, o qual tem de ser o complemento do ensino das primeiras letras. E' esta a necessidade que vem sendo sentida, a causa que vem avassallando todas as consciencias, porque é a causa do futuro. Um povo só é forte quando é rico, e só é rico quando sabe tirar, pela intelligencia e pela cultura, todas as vantagens e proveitos que lhe offerece a natureza.

Ha quasi meio seculo já dizia uma autoridade do ensino na patria de Washington: "A instrucção torna o trabalho mais productivo: se todo o trigo que se colhe hoje nos Estados Unidos tivesse de ser colhido, batido e convertido em farinha pelos processos primitivos, toda a população do paiz mal daria conta de semelhante serviço... A educação eleva o trabalhador. Quando este fór tão instruido e tão bem educado como as outras classes gosará da mesma consideração que ellas gosam. Cincinnatus lavrando seu campo; Franklin compondo em uma officina de impressão; Hugh Muller talhando pedras em uma pedreira — não eram inferiores a ninguém."

Não se póde definir melhor a necessidade de instruir o povo. Bem se vê, porém, que é do ensino profissional que ali se trata: o ensino que, é reconhecido, tem feito a assombrosa grandeza do maior povo dos tempos modernos.

Nesta maravilhosa e luminosa cidade o ensino profissional já está encaminhado. E a tendencia que se nota, quer na opinião, quer nas espheras governamentaes, é para amplial-o, até que venha a caracterisar toda a acção dos poderes publicos na orbita do ensino, uma vez que todos estão competrados de que a Republica, governo do povo pelo povo, mais do que a Monarchia, necessita de cidadãos aptos e capazes para o trabalho.

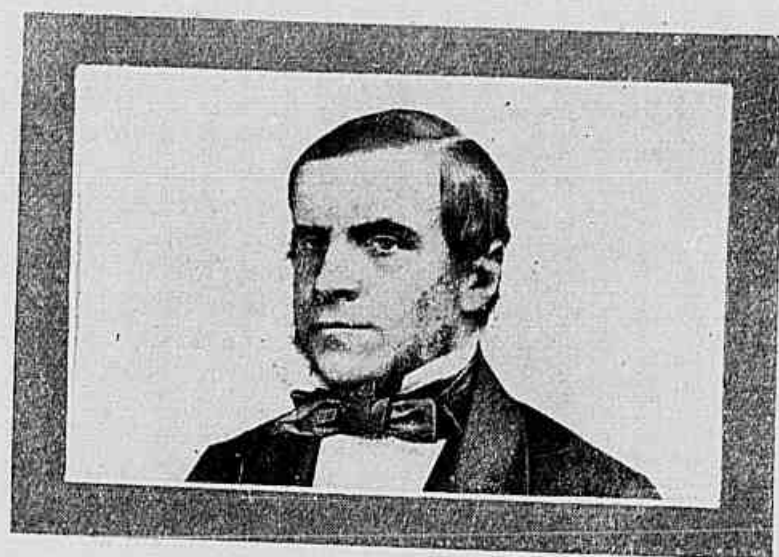




MARQUEZ DE ABRANTES

O VELHO SENADO
POR MACHADO DE ASSIS

O grande mestre da literatura brasileira foi, durante alguns mezes da sua mocidade, o representante, no Senado, de um jornal d'aquelle tempo... Mais tarde, fóra da vida quotidiana da imprensa, num dia de recordação, evocou a velha casa, os velhos homens, nesta chronica: "O Velho Senado", que tem mais de trinta annos e parece escripta agora mesmo.



MARQUEZ DO PARANÁ



MARQUEZ DE PARANAGUÁ

A PROPOSITO de algumas lithographias de Sisson, tive ha dias uma visão do Senado de 1860. Visões valem o mesmo que a retina em que se operam. Um politico, tornando a ver aquelle corpo, acharia nelle a mesma alma dos seus co-religionarios extinctos, e um historiador colheria elementos para a historia. Um simples curioso não descobre mais que o pintoresco do tempo e a expressão das linhas com aquelle tom geral que dão as cousas mortas e enterradas.

Nesse anno entrara eu para a imprensa. Uma noite, como sahissimos do theatro Gymnasio, Quintino Bocayuva e eu fomos tomar chá. Bocayuva era então uma gentil figura de rapaz, delgado, tez macia, fino bigode e olhos serenos. Já então tinha os gestos lentos de hoje, e um pouco daquelle ar *distant* que Taine achou em Merimée. Disseram cousa analoga de Challemel-Lacour, que a quem, ultimamente, definia como *três républicain de conviction et très aristocrate de tempérament*. O nosso Bocayuva era só a segunda parte, mas já então liberal bastante para dar um republicano convicto. Ao chá, conversámos primeiramente de letras, e pouco depois de politica, materia introduzida por elle, o que me espantou bastante; não era usual nas nossas praticas. Nem é exacto dizer que conversámos de politica; eu antes respondia ás perguntas que Bocayuva me ia fazendo, como se quizesse conhecer as minhas opiniões. Provavelmente não as teria fixas nem determinadas; mas, quaesquer que fossem, creio que as exprimi na proporção e com a precisão apenas adequadas ao que elle me ia offerecer. De facto, separámo-nos com prazo dado para o dia seguinte, na loja de Paula Brito, que era na antiga praça da Constituição, lado do theatro São Pedro, a meio caminho das ruas do Cano e dos Ciganos. Relevae esta nomenclatura morta; é vicio de memoria velha. Na manhã seguinte, achei alli Bocayuva escrevendo um bilhete. Tratava-se do *Diario do Rio de Janeiro*, que ia reaparecer, sob a direcção politica de Saldanha Maranhão. Vinha dar-me um logar na redacção, com elle e Henrique Cesar Muzzio.

Estas minudencias, agradaveis de escrever, sel-o-ão menos de ler. E' difficil fugir a ellas, quando se recordam cousas idas. Assim, dizendo que no mesmo anno, abertas as camaras, fui para o Senado, como redactor do *Diario do Rio*, não posso esquecer que nesse ou no outro alli estiveram commigo, Bernardo Guimarães, representante do *Jornal do Commercio*, e Pedro Luiz, por parte do *Correio Mercantil*, nem as boas horas que vivemos os tres. Posto que Bernardo Guimarães fosse mais velho que nós, partiamos igualmente o pão da intimidade. Desciamos juntos aquella praça da Acclamação, que não era então o parque de hoje, mas um vasto campo, inculto e vasto, como o campo de S. Christovão. Algumas vezes iam jantar a um *restaurant* da rua dos Latões, hoje Gonçalves Dias, nome este que se lhe deu por indicação justamente do *Diario do Rio*; o poeta morára alli outr'ora, e foi Muzzio, seu amigo, quem pela nossa folha o pediu á Camara Municipal. Pedro Luiz não tinha só a paixão que poz nos bellos versos á Polonia e no discurso com que, pouco depois, entrou na Camara dos Deputados, mas ainda a graça, o sarcasmo, a observação fina e aquelle largo riso em que os grandes olhos se faziam maiores. Bernardo Guimarães não falava nem ria tanto, incumbia-se de pontuar o dialogo com um bom dito, um reparo, uma anedota. O Senado não se prestava menos que o resto do mundo á conversação dos tres amigos.

Para avaliar bem a minha impressão deante daquelles homens que eu via alli juntos, todos os dias, é preciso não esquecer que não poucos eram contemporaneos da Maioridade, alguns da Regencia, do primeiro reinado e da Constituinte. Tinham feito ou visto fazer a historia dos tempos iniciais do regimen, e eu era um adolescente



VISCONDE DO RIO BRANCO



SINIMBÚ



SAYÃO LOBATO



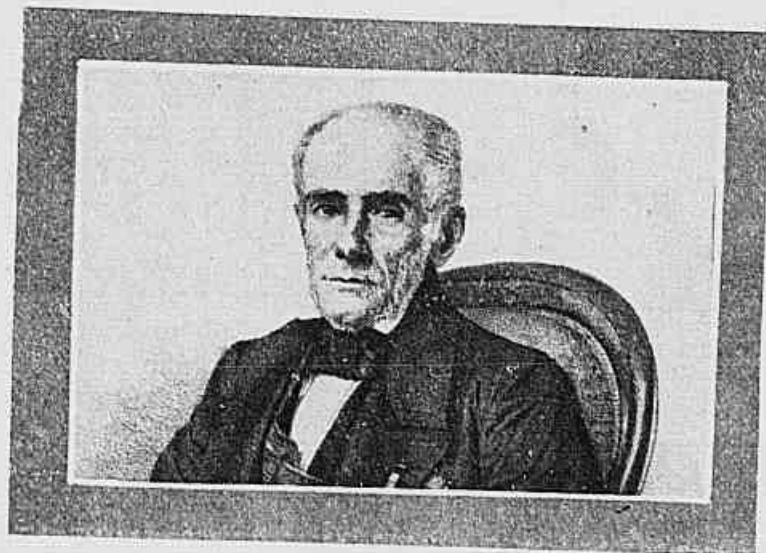
MARQUEZ DE MONT'ALEGRE



THEOPHILO BENEDICTO OTTONI



VISCONDE DO URUGUAY



MARQUEZ DE OLINDA

espantado e curioso. Achava-lhes uma feição particular, metade militante, metade triunfante, um pouco de homens, outro pouco de instituição. Paralelamente, iam-me lembrando os apoios e chufas que a paixão política desferira contra alguns delles, e sentia que as figuras serenas e respeitáveis que alli estavam agora naquellas cadeiras estreitas não tiveram outr'ora o respeito dos outros, nem provavelmente a serenidade propria. F. tirava-lhes as cans e as rugas, e fazia-os outra vez moços, ardegos e agitados. Comecei a aprender a parte do presente que ha no passado, e vice-versa. Trazia commigo a *oligarchia*, o *golpe de Estado de 1848*, e outras notas da politica em opposição ao dominio conservador, e ao ver os cabos deste partido, risinhos, familiares, gracejando entre si e com os outros, tomando juntos café e rapé, perguntava a mim mesmo se eram elles que podiam fazer, desfazer e refazer os elementos e governar com mão de ferro este paiz.

Os senadores compareciam regularmente ao trabalho. Era raro não haver sessão por falta de *quorum*. Uma particularidade do tempo é que muitos vinham em carruagem propria, como Zacharias, Monte-Alegre, Abrantes, Caxias e outros, começando pelo mais velho, que era o marquez de Itanhaem. A idade deste fazia-o menos assiduo, mas ainda assim era-o mais do que cabia esperar d'elle. Mal se podia apear do carro, e subir as escadas; arrastava os pés até á cadeira, que ficava do lado direito da mesa. Era secco e mirrado, usava cabelleira e trazia oculos fortes. Nas ceremonias de abertura e encerramento aggravava o aspecto com a farda de senador. Se usasse barba, poderia disfarçar o chupado e engelhado dos tecidos, a cara raspada accentuava-lhe a decrepitude; mas a cara raspada era o costume de outra quadra, que ainda existia na maioria do Senado. Uns, como Nabuco e Zacharias, traziam a barba toda feita; outros deixavam pequenas suíças, como Abrantes e Paranhos, ou, como Olinda e Euzebio, a barba em fórma de collar; raros usavam bigodes, como Caxias e Montezuma, — um Montezuma de segunda maneira.

A figura de Itanhaem era uma razão visível contra a vitaliciedade do Senado, mas é tambem certo que a vitaliciedade dava áquella casa uma consciencia de duração perpetua, que parecia ler-se no rosto e no trato de seus membros. Tinham um ar de familia, que se dispersava durante a estação calmosa, para ir ás aguas e outras diversões, e que se reunia depois, em prazo certo, annos e annos. Alguns não tornavam mais, e outros novos appareciam; mas tambem nas familias se morre e nasce. Dissentiam sempre, mas é proprio das familias numerosas brigarem, fazerem as pazes e tornarem a brigar; parece até que é a melhor prova de estar dentro da humanidade. Já então se invocavam contra a vitaliciedade do Senado os principios liberaes, como se fizera antes. Algumas vozes, vibrantes cá fóra, calavam-se lá dentro, é certo, mas o germen da reforma ia ficando, os programas o acolhiam, e, como em varios outros casos, os successos o fizeram lei.

Nenhum tumulto nas sessões. A attenção era grande e constante. Geralmente, as galerias não eram frequentadas, e, para o fim da hora, poucos espectadores ficavam, alguns dormiam. Naturalmente, a discussão do voto de graças e outras chamavam mais gente. Nabuco e algum outro dos principaes da casa gosavam do privilegio de attrahir grande auditorio, quando se sabia que elles rompiam um debate ou respondiam a um discurso. Nessas occasiões, mui excepcionalmente, eram admittidos ouvintes no proprio salão do Senado, como aliás era commum na Camara temporaria; como nesta, porém, os espectadores não intervinham com applausos nas discussões. A presidencia de Abaeté redobrou a disciplina do regimento, porventura menos apertada no tempo da presidencia de Cavalcanti.

Não faltavam oradores. Uma só vez ouvi falar a Eusebio de Queiroz, e a impressão que me deixou foi viva; era fluente, abundante, claro, sem prejuizo do vigor e da energia. Não foi discurso de ataque, mas de detesa; falou na qualidade de chefe do partido conservador, ou *papa*; Itaborahy, Uruguay, Sayão Lobato e outros eram *cardeaes*, e todos formavam o *consistorio*, segundo a celebre definição de Octaviano no *Correio Mercantil*. Não reli o discurso, não teria agora tempo nem oportunidade de fazelo; mas estou que a impressão não haveria diminuído muito, posto lhe falte o effeito da propria voz do orador, que seduzia. A materia era sobretudo ingrata: tratava-se de explicar e defender o accumulo dos cargos publicos, accusação feita na imprensa da opposição. Era a tarde da oligarchia, o crepusculo do dominio conservador. As eleições de 1860, na capital, deram o primeiro golpe na situação; se tambem deram o ultimo, não sei; os partidos nunca se entende-



EUSEBIO DE QUEIROZ



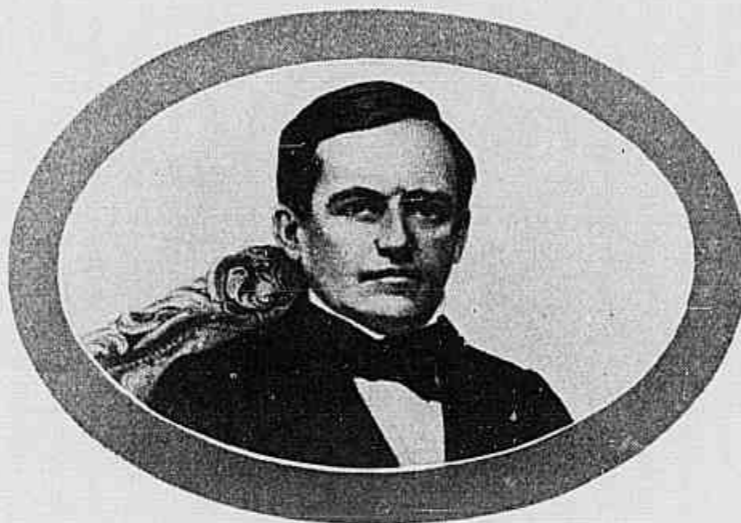
NABUCO DE ARAUJO



SOUZA E MELLO



SILVEIRA DA MOTTA



BARÃO DE MURITIBA

ram bem acerca das causas immediatas da propria queda ou subida, salvo no ponto de serem alteradamente a violação ou a restauração da carta constitucional. Quaesquer que fossem, então, a verdade é que as eleições da capital naquelle anno podem ser contadas como uma victoria liberal. Ellas trouxeram á minha imaginação adolescente uma visão rara e especial do poder das urnas. Não cabe inseril-a aqui; não direi o movimento geral e o calor sincero dos votantes, incitados pelos artigos da imprensa e pelos discursos de Theophilo Ottoni, nem os lances, scenas e brados de taes dias. Não me esqueceu a maior parte delles; ainda guardo a impressão que me deu um obscuro votante que veio ter com Ottoni, perto da matriz do Sacramento. Ottoni não o conhecia, nem sei se o tornou a ver. Elle chegou-se-lhe e mostrou-lhe um maço de cedulas, que acabava de tirar ás escondidas da algibeira de um agente contrario. O riso que acompanhou esta noticia nunca mais se me apagou da memoria. No meio das mais ardentes reivindicações deste mundo, alguma vez me despontou ao longe aquella bocca sem nome, acaso verídica e honesta em tudo o mais da vida, que alli viera confessar candidamente, e sem outro premio pessoal, o fino roubo praticado. Não mofes dessa insistencia pueril da minha memoria; eu a tempo advirto que as mais claras aguas podem levar de enxurro alguma palha pôdre, — se é que é pôdre, se é que é mesmo palha.

Eusebio de Queiroz era justamente respeitado dos seus e dos contrarios. Não tinha a figura esbelta de um Paranhos, mas ligava-se-lhe uma historia particular e celebre, dessas que a chronica social e politica de outros paizes escolhe e examina, mas que os nossos costumes, — aliás demasiado soltos na palestra, — não consentem inserir no escripto. De resto, pouco valeria repetir agora o que se divulgava então, não podendo pôr aqui a propria e extremada belleza da pessoa que as ruas e salas desta cidade viram tantas vezes. Era alta e robusta; não me ficaram outros pormenores.

O Senado contava raras sessões ardentes; muitas, porém, eram animadas. Zacharias fazia reviver o debate pelo sarcasmo e pela presteza e vigor dos golpes. Tinha a palavra cortante, fina e rapida, com uns effeitos de sons naturaes, que a tornavam mais penetrante e irritante. Quando elle se erguia, era quasi certo que faria deitar sangue a alguém. Chegou até hoje a reputação de *debatir*, como opposcionista, e como ministro e chefe de gabinete. Tinha audacias, como a da escolha "não acertada", que a nenhum outro acudiria, creio eu. Politicamente era uma natureza secca e sobranceira. Um livro que foi de seu uso, uma historia de Clarendon (*History of the rebellion and civil wars in England*), marcado em partes, a lapis encarnado, tem uma sub-linha nas seguintes palavras (vol. I, pag. 44) attribuidas ao conde de Oxford, em resposta ao duque de Buckingham, "que não buscava a sua amizade nem temia o seu odio". É arriscado ver sentimentos pessoais nas simples notas ou lembranças postas em livros de estudo; mas aqui parece que o espirito de Zacharias achou o seu parceiro. Particularmente, ao contrario, e desde que se inclinasse a alguém, convidava fortemente a amal-o; era lhano e simples, amigo e confiado. Pessoas que o frequentavam dizem e affirmam que, sob as suas arvores da rua do Conde ou entre os seus livros, era um gosto ouvir-o, e raro haveria esquecido a graça e a polidez dos seus obsequios. No Senado, sentava-se á esquerda da mesa, ao pé da janella, abaixo de Nabuco, com quem trocava os seus reparos e reflexões. Nabuco, outra das principaes vozes do Senado, era especialmente orador para os debates solemnes. Não tinha o sarcasmo agudo de Zacharias, nem o epigramma alegre de Cotegipe. Era então o centro dos conservadores moderados que, com Olinda e Zacharias, fundaram a liga e os partidos progressista e liberal. Joaquim Nabuco, com a eloquencia de escriptor politico e a affeição de filho, dirá toda essa historia no livro que está consagrando á memoria de seu illustre pae. A palavra do velho Nabuco era modelada pelos oradores da tribuna liberal franceza. A minha impressão é que preparava os seus discursos, e a maneira por que os proferia realçava-lhes a materia e a fórma solida e brilhante. Gostava das imagens literarias: uma dessas, a comparação do poder moderador á estatua de Glauco, fez então fortuna. O gesto não era vivo como o de Zacharias, mas pausado, o busto cheio era tranquillo, e a voz adquiria uma sonoridade que habitualmente não tinha.

Mas eis que todas as figuras se atropelam na evocação commum, as de grande peso, como Uruguay, com as de pequeno ou nenhum peso, como o padre Vasconcellos, senador creio que pela Parahyba, um bom homem que alli achei e morreu pouco depois. Outro, que se podia incluir nessa segunda categoria, era um de quem só me lembram

duas circumstancias, as longas barbas grisalhas e sérias, e a cautela e pontualidade com que não votava os artigos de uma lei sem ter os olhos pregados em Itaborahy. Era um modo de cumprir a fidelidade politica e obedecer ao chefe, que herdara o bastão de Eusebio. Como o recinto era pequeno, viam-se todos esses gestos, e quasi se ouviam todas as palavras particulares. E, comquanto fosse assim pequeno, nunca vi rir a Itaborahy—creio que os seus musculos difficilmente ririam — o contrario de S. Vicente, que ria com facilidade, um riso bom, mas que lhe não ia bem. Quaesquer que fossem, porém, as deselegancias phisicas do senador por S. Paulo, e máo grado a palavra sem sonoridade, era ouvido com grande respeito, como Itaborahy. De Abrantes dizia que era um canario falando. Não sei até que ponto merece a definição; em verdade, achava-o fluente, acaso doce, e, para um povo mavioso como o nosso, a qualidade era preciosa; nem por isso Abrantes era popular. Também não o era Olinda, mas a autoridade deste sabe-se que era grande. Olinda apparecia-me envolvido na aurora remota do reinado, e na mais recente aurora liberal ou "situação nascente", mote de um dos chefes da liga, penso que Zacharias, que os conservadores glosaram por todos os feitos, na tribuna e na imprensa. Mas não deslismos a reminiscencias de outra ordem; fiquemos na surdez de Olinda, que competia com Beethoven nesta qualidade, menos musical que politica. Não seria tão surdo. Quando tinha de responder a alguém, ia sentar-se ao pé do orador, e escutava attento, cara de marmore, sem dar um aparte, sem fazer um gesto, sem tomar uma nota. E a resposta vinha logo; tão depressa o adversario acabava, como elle principiava, e, ao que me ficou, lucido e completo.

Um dia vi alli apparecer um homem alto, suíssa e bigodes brancos e compridos. Era um dos remanescentes da Constituinte, nada menos que Montezuma, que voltava da Europa. Foi-me im-



VISCONDE DE ITABORAHY

possivel reconhecer naquella cara barbada a cara raspada que eu conhecia da lithographia Sisson; pessoalmente nunca o vira. Era, muito mais que Olinda, um typo de velhice robusta. Ao meu espirito de rapaz affigurava-se que elle trazia ainda os rumores e os gestos da assembléa de 1823. Era o mesmo homem; mas foi preciso ouvir-o agora para sentir toda a vehemencia dos seus ataques de outr'ora. Foi preciso ouvir-lhe a ironia de hoje para entender a ironia daquella rectificação que elle pôz ao texto de uma pergunta ao ministro do Imperio, na celebre sessão permanente de 11 a 12 de Novembro: "Eu disse que o Sr. ministro do Imperio, por estar ao lado de Sua Magestade, melhor conhecerá o "espirito da tropa", e um dos senhores secretarios escreveu "o espirito de Sua Magestade", quando não disse tal, porque deste não duvido eu."

Agora o que eu mais ouvia dizer d'elle, além do talento, eram as suas infidelidades, e sobre isto corriam anedotas; mas eu nada tenho com anedotas politicas. Que se não pudesse fiar muito em seus carinhos parlamentares, creio. Uma vez, por exemplo, encheu a alma de Souza Franco de grandes alleluias. Querendo criticar o ministro da Fazenda (não me lembra quem era) começou por affirmar que nunca tivemos ministros da Fazenda, mas tão sómente ministros do Thesouro. Encarecia com adjectivos: excellentes, illustrados, conspicuos ministros do Thesouro, mas da Fazenda nenhum. "Um houve, Sr. presidente, que nos deu alguma cousa do que deve ser um ministro da Fazenda; foi o nobre senador pelo Pará." E Souza Franco sorria alegre, deleitava-se com a excepção, que devia doer ao seu forte rival em finanças, Itaborahy; não passou muito tempo que perdesse o gosto. De outra vez, Montezuma atacava a Souza Franco, e este novamente sorria, mas agora a expressão não era alegre, parecia rir de desdem. Montezuma empina o busto, encara-o ir-

ritado, e com a voz e o gesto intima-lhe que recolha o riso; e passa a demonstrar as suas criticas, uma por uma, com esta especie de estribilho: "Recolha o riso o nobre senador!" Tudo isto acceso e torvo. Souza Franco quiz resistir; mas o riso recolheu-se por si mesmo. Era então um homem magro e cansado. Gosava ainda agora a popularidade ganha na Camara dos Deputados, annos antes, pela campanha que sustentou, sósinho e parece que enfermo, contra o partido conservador.

Contrastando com Souza Franco, vinha a figura de Paranhos, alta e forte. Não é preciso dizel-o a uma geração que o conheceu e admirou, ainda bello e robusto na velhice. Nem é preciso



VISCONDE D'ABAETÉ

lembrar que era uma das primeiras vozes do Senado. Eu trazia de cór as palavras que alguém me confiou haver dito, quando elle era simples estudante da Escola Central: "Sr. Paranhos, você ainda ha de ser ministro." O estudante respondia modestamente, sorrindo; mas o propheta dos seus destinos tinha apanhado bem o valor e a direcção da alma do moço.

Muitas recordações me vieram do Paranhos de então, discursos de ataque, discursos de defesa; mas uma basta, a justificação do convenio de 20 de Fevereiro. A noticia deste acto entrou no Rio de Janeiro, como as outras desse tempo, em que não havia telegrapho. Os successos do exterior chegavam-nos a braçadas, por atacado, e uma batalha, uma conspiração, um acto diplomatico eram conhecidos com todos os seus pormenores. Por um paquete do sul soubemos do convenio da villa da União. O pacto foi mal recebido, fez-se uma manifestação de rua, e um grupo de populares, com tres ou quatro chefes á frente, foi pedir ao governo a demissão do plenipotenciario. Paranhos foi demittido, e, aberta a sessão parlamentar, cuidou de produzir sua defesa.

Tornei a vel-o naquelle dia, e ainda agora me parece vel-o. Galerias e tribunas estavam cheias de gente; ao salão do Senado foram admittidos muitos homens politicos ou simplesmente curiosos. Era uma hora da tarde quando o presidente deu a palavra ao senador por Matto Grosso; começava a discussão do voto de graças. Paranhos costumava falar com moderação e pausa; firmava os dedos, erguia-os para o gesto lento e sobrio, ou então para chamar os punhos da camisa, e a voz ia sahindo meditada e colorida. Naquelle dia, porém, a anc'ia de produzir a defesa era tal que as pri-



SOUZA FRANCO

meiras palavras foram antes bradadas que ditas: "Não a vaidade, Sr. presidente..." Dahi a um instante a voz tornava ao diapasão habitual, e o discurso continuou como nos outros dias. Eram nove horas da noite, quando elle acabou; estava como no principio, nenhum signal de fadiga nelle nem no auditorio, que o applaudiu. Foi uma das mais fundas impressões que me deixou a eloquencia parlamentar. A agitação passara com os successos, a defesa estava feita. Annos depois do ataque, essa mesma cidade acclamava o autor da lei de 28 de Setembro de 1871, como uma gloria nacional; e ainda depois, quando elle tornou da

Europa, foi recebê-lo e conduzi-lo até á casa. Ao clarão de um bello sol, rubro de commoção, levado pelo enthusiasmo publico, Paranhos seguia as mesmas ruas que, annos antes, voltando do Sul, pisara sósinho e condemnado.

A visão do Senado foi-se-me assim alterando nos gestos e nas pessoas, como nos dias, e sempre remota e velha: era o Senado daquelles tres annos. Outras figuras vieram vindo. Além dos cardeaes, os Muritibas, os Souza e Mellos, vinham os de menor graduação politica, o risonho Penna, zeloso e miúdo em seus discursos, o Jobim, que falava algumas vezes, o Ribeiro, do Rio Grande do Sul, que não falava nunca, — não me lembra, ao menos. Este, philosopho e philologo, tinha junto a si, no tapete, encostado ao pé da cadeira, um exemplar do dictionario de Moraes. Era commum vel-o consultar um ou outro tomo, no decorrer de um debate, quando ouvia algum vocabulo, que lhe parecia de incerta origem ou duvidosa acceitação. Em contraste com a abstenção d'elle, eis aqui outro, Silveira da Motta, assiduo na tribuna, opposicionista por temperamento, e este outro, D. Manoel de Assis Mascarenhas, bom exemplo da geração que acabava. Era um homemzinho secco e baixo, cara lisa, cabello raro e branco, tenaz, um tanto impertinente, creio que desligado de partidos. Da sua tenacidade dará idéa o que lhe vi fazer em relação a um projecto de subvenção ao theatro lyrico, por meio de loterias. Não era novo; continuava o de annos anteriores. D. Manoel oppuz-se, por todos os meios, á passagem d'elle, e fazia extensos discursos. A mesa, para acabar com o projecto, já o incluia entre os primeiros na ordem do dia, mas nem assim desanimava o senador. Um dia foi elle collocado antes de nenhum. D. Manoel pediu a palavra, e francamente declarou que era seu intuito falar toda a sessão; portanto, aquelles de seus collegas que tivessem algum negocio estranho e fóra do Senado podiam retirar-se: não se discutiria mais nada. E falou até o fim da hora,



D. MANOEL DE ASSIS MASCARENHAS

consultando a miúdo o relógio para ver o tempo que lhe ia faltando. Naturalmente não haveria muito que dizer em tão escassa materia; mas a resolução do orador e a liberdade do regimento davam-lhe meio de compor o discurso. Dahi nascia uma infinidade de episodios, reminiscencias, argumentos e explicações; por exemplo, não era recente a sua aversão ás loterias; vinha do tempo em que, andando a viajar, foi ter a Hamburgo; alli offereceram-lhe com tanta instancia um bilhete de loteria, que elle foi obrigado a comprar, e o bilhete sahio branco. Esta anedota era contada com todas as minucias necessarias para amplial-a. Uma parte do tempo falou sentado, e acabou diante da mesa e tres ou quatro collegas. Mas, imitando assim Catão, que tambem falou o dia inteiro para impedir uma petição de Cesar, foi menos feliz que o seu collega romano. Cesar retirou a petição, e aqui as loterias passaram, não me lembra se por fadiga ou omissão de D. Manoel; annuencia é que não podia ser. Taes eram os costumes do tempo.

E após elle vieram outros, e ainda outros, Sapucahy, Maranguape, Itaipua, e outros mais, até que se confundiram todos e desapareceu tudo, cousas e pessoas, como succede ás visões. Pareceu-me vel-os enfiar por um corredor escuro, cuja porta era fechada por um homem de capa preta, meias de seda preta, calções pretos e sapatos de fivela. Este era nada menos que o proprio porteiro do Senado, vestido segundo as praxes do tempo, nos dias de abertura e encerramento da assembléa geral. Quanta cousa obsoleta! Alguem ainda quiz obstar á acção do porteiro, mas tinha o gesto tão cansado e vagaroso que não alcançou nada; aquelle deu volta á chave, envolveu-se na capa, sahio por uma das janellas e esvaiu-se no ar, a caminho de algum cemiterio, provavelmente. Se valesse a pena saber o nome do cemiterio, iria eu catal-o, mas não vale; todos os cemiterios se parecem.

Um estudioso dos episodios da Historia do Brasil, desses que se distraem, bastante, folheando alfarrabios e memorias e frequentando, com regular assiduidade, livrarias e archivos, para augmentar os seus conhecimentos, observava, de uma feita, e, aliás, com alguma dose de razão, que os estrangeiros cultos eram mais lidos nas chronicas do Brasil que os proprios brasileiros.

Realmente, o ensino da Historia do Brasil, sobre ser ministrado de uma maneira que não offerece vantagens pedagogicas, por isso os methodos de que se servem os professores não são daquelles que despertam, nos alumnos, o enthusiasmo pelos brasileiros illustres, nem tão pouco aquella curiosidade que os leva a percorrer os meandros da Historia Universal, para estabelecer um parallelo entre os seus patricios illustres e os grandes vultos do exterior, resente-se, ainda, do grande defeito de circumscrever-se a umas determinadas épocas.

Parece-me a mim, obscuro estudante de Historia Universal, que prestaria relevante serviço ao Brasil, quer sob o ponto de vista da sua propaganda no estrangeiro, quer com o escopo de fortalecer o moral da geração de hoje, o governo que mandasse abrir cursos gratuitos de Historia do Brasil; muito lucraria a mocidade brasileira ao ouvir a narração de episodios, que revelam a superioridade moral dos seus ancestraes e que poderiam, quiçá, influir, decisivamente, na educação dos seus sentimentos; e... muito aprenderiam, tambem, aqueles que desdenham das qualidades civicas do brasileiro.

O Sete de Setembro de 1822 — gloriosa jornada que exalta e dignifica o brasileiro, que soube reagir, com a maxima altivez, contra aquella cruel e humilhante oppressão, ordenada pelos perfidos conselheiros de D. João VI, que se aproveitavam da sua situação de real abatimento physico e moral para exercer virgancas mesquinhas; o Sete de Setembro de 1822 — bellissimo quadro que revelou ao mundo civilizado, ainda perturbado com a quèda da aguia, longo tempo illuminada e guada pelos sóes de Marengo e Austerlitz, a existencia de uma pequenina, mas altiva nacionalidade, que reivindicou, com galhardia, os brios nacionaes, conculcados por pygmèus, fantasiados de tyrannos, costuma ser estudado de uma fórma que exalta, apenas, as figuras de José Bonifácio e D. Pedro I, incontestavelmente vultos que cooperaram, bastante, para se obter aquelle resultado, mas que encontraram, tambem, collaboradores intelligentes e destemidos, que souberam despertar o mais decidido enthusiasmo nas camadas populares, exactamente aquellas que olhavam com pavor para o barão, o cutelo e o degredo nas adustas colonias da Africa.

O *me oportet ante omnia esse justum* (convem-me antes do mais ser justo) é o lemma de que se não deve esquecer o historiador imparcial; e, para que a Historia deixe de ser um amontoado de mentiras, de incongruencias, e possa contribuir, efficientemente, para o avigoramento das gerações que se succedem, tornando-se, assim, o espelho que reflecte o passado e offerece os melhores ensinamentos, é imprescindivel esmagar a conspiração do silencio, que, criminosamente ou não, se ha feito em torro de algumas individualidades de real valor, para que triumphem com esplendor a verdade, a qual, na opinião do inesquecivel espirito que concebeu a *Cabana Indiana* e o *Paulo e Virginia*, só se encontra nos corações simples. Coube á invicta Bahia — que ha servido de berço aos mais notaveis vultos do Brasil, torrar-se o fulcro da mais energica resistencia ás manobras e artimanhas adoptadas pelo partido lusitano para inutilisar a campanha nacionalista, que, ardente como o sol que brilha e vivifica os sertões americanos, despertava as energias daquella gente honesta, interessando-a pelo futuro politico da sua terra natal.

E, offerecendo ás demais provincias que, então, constituíam o Reino Unido do Brasil e aos paizes da America, que acabavam de proclamar a sua independencia politica, exemplos de uma rara coragem civica, de uma abnegação irrisavel, imitaram os bahianos os habitantes daquellas colonias inglezas, que reuniram diversos congressos para assentar os mais seguros meios de alcançar a sua emancipação politica.

A então villa de Cachoeira, situada nas margens do rio Paraguassú e proxima da serra Timolôia, foi o local escolhido pelo advogado Antonio Pereira Rebouças para se preparar a resistencia ao partido lusitano, que usava, então, dos mais condemnaveis recursos para sopitar o enthusiasmo dos altivos bahianos. Insultando os brasileiros que se rebellavam, abertamente, contra a attitude dos aulicos portuguezes, e proclamavam, sem reservas, as suas opiniões; desrespeitando as senhoras brasileiras que chegavam á janella para se distrahir, e della se retiravam cheias da mais justa indignação,

PRELUDIO DO 7 DE SETEMBRO NA BAHIA POR Alfredo Balhasar da Silveira

taes as scenas que testemunhavam e as phrases e propostas que escutavam; supplicando os infelizes que lhes cahiam nas mãos e nunca mais eram vistos na cidade, os officiaes e soldados lusitanos, que estavam destacados na guarnição da Bahia, attraíram uma grande odiosidade popular, que só serviu para agrupar, em torno do sagrado ideal da independencia do Brasil, não só nacionaes, como tambem diversos estrangeiros.

Em chegando, ao amanhecer do dia 21 de Fevereiro de 1822, aquella villa, já bastante populosa e como que preparada para auxiliar a obra dos grandes patriotas, o advogado Rebouças tratou logo de avistar-se com o padre Valentim, illustre prelado que gosava de merecida popularidade, o qual, por seu turno, o apresentou ás mais influentes pessoas dalli.

Deliberou-se, então, endereçar-se uma longa representação ao governo provincial, sollicitando-se as mais severas providencias contra os officiaes e praças de uma canhoneira portugueza, os quaes haviam praticado, em terra, tropelias e desatinos, que justificaram uma grande reacção popular. Redigiu a mensagem José Joaquim de Souza Leite, e José Antonio da Silva Castro encarregou-se de alcançar as assignaturas dos habitantes da villa; o governo provincial não se preoccupou com aquella representação e os portuguezes continuaram a hostilisar os brasileiros, os quaes não esmoreciam na execução daquella nobre cruzada, nem se deixavam, tão pouco, corromper pelo ouro das tropas portuguezas. Firmes nos seus projectos e esperançosos no seu completo triumpho, o advogado Rebouças e os seus valentes companheiros, e dentre elles é justo destacar — Ignacio Joaquim Ferreira Lisboa (ulteriormente Ignacio Joaquim Pitomba) e José Antonio da Silva Castro, percorreram, em viagens de propaganda, — e, sabem-n'o todos que conhecem aquellas paragens, a que série de perigos se não expuzeram elles! — as villas circumvisinhas, afim de angariar adeptos e obter auxilios pecuniarios para realizar o roseo sonho, embalado desde 1640 pelos paulistas e acariciado depois pelos brasileiros, que começaram de pensar na necessidade da sua emancipação politica. E, assim, no dia 25 de Junho de 1822, o povo daquella heroica villa, guado pelo illustre advogado Pereira Rebouças, estacionou em frente ao paço da Camara Municipal, e sob o mais delirante e frenetico enthusiasmo, proclamou Regente do Brasil o principe D. Pedro. Quiz o vigario de Santo Estevão de Jacuibe que o advogado Pereira Rebouças, incontestavelmente o principal fautor daquele importante acontecimento, que contribuiu, enormemente, para o feliz exito do Sete de Setembro de 1822, fosse designado para redigir a acta daquele memoravel episodio, tão pouco conhecido dos nossos patricios; e o povo não quiz dissolver-se sem ir, primeiramente, á Matriz, na qual se ia celebrar um *Te-Deum-Laudamus*.

O illustre vigario de Santo Estevão de Jacuibe proferiu, então, um eloquente sermão acerca das reivindicações populares e exhortou o povo a não transigir com os encarregados dos negocios politicos. Organizou no dia immediato a *Junta Interina Conciliatoria da Defesa*, a qual ficou composta das seguintes pessoas: — Presidente, capitão Antonio Teixeira de Freitas Barbosa; secretario, advogado Antonio Pereira Rebouças, e membros: capitão José Paes Cardoso, substituído pelo Dr. José Joaquim da Silva Azevedo, madre Manoel José de Freitas (mais tarde padre Pedro Manoel Dendelres), e Antonio de Souza Bastos. Não obstante a conducta altiva, porém serena, da *Junta Interina Conciliatoria da Defesa*, a qual procurava evitar conflitos entre portuguezes e brasileiros, resolvendo, outrossim, com a rectidão do juiz calmo e lucido, todas as contendas entre os moradores da villa, exaltaram-se os animos dos subditos de D. João VI, e a dita canhoneira, que se achava fundada entre o porto daquella villa e o da povoação de S. Felix, começou de bombardear aquelles dois povoados. Exacerbaram-se os brasileiros, e, ao cahir da noite (25 de Junho de 1822), foi a canhoneira aprisionada e trazida para a terra o seu commandante, officiaes e a tripulação. Esse feito alegrou os bahianos e repercutiu, enthusiasmicamente, no norte do Brasil; cantou-o em versos patrioticos o major Titára, inspirado autor do poema épico — *Paraguassú*; celebrou-o, em chronicas candentes, a pe-

quena imprensa do Rio de Janeiro e de São Paulo. E o principe D. Pedro, á vista daquella demonstração real do que se passava, então, no coração dos bons brasileiros, comprehendendo que lhe não era permittido conservar-se no campo da duvidade, prolongando o soffrimento dos brasileiros e concorrendo para o esphacelamento do Reino, que abrigou seu pae da furia napoleonica e cujos habitantes depositaram na sua mocidade cavalheiresca a mesma confiança que inspirára George Washington aos seus compatriotas. Não cessaram as lutas e, principalmente, as escaramuças naquella provincia, que me merece a maior veneração, por haver servido de berço ao meu inesquecivel pae; os patriotas organisaram batalhões para combater a perversidade, a malicia e a bestialidade de que se serviam os lusitanos para suffocar os pronunciamentos nacionalistas, e data dessa época agitada a criação do *batalhão dos periquitos*, cujos relevantes serviços não podem ser condemnados ao esquecimento.

E nelle se alistou, depois de Sete de Setembro de 1822, a intemerata Anna Quitéria de Jesus, cujas façanhas fazem recordar as amazonas da antiguidade grega.

A companhia de Belloa, organizada na cidade da Cachoeira, em Julho de 1822, por suggestão e esforços de Ignacio Joaquim Ferreira Lisboa; a companhia de Mavorte, composta de um batalhão de caçadores e duas companhias de cavallaria, suggerida pelo capitão-mór Antonio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, então abraçado pelo amor da Patria e desejando empregar todas as forças em defesa della (palavras que se lêem no officio que dirigiu ao coronel-commandante José Garcia Pacheco de Moura Pimentel e Aragão); a conducta spartana das senhoras bahianas, que se desfizeram das suas jóias para sustentar a luta contra o exercito portuguez, e outros tantos factos que ninguém ignora, constituem os foraes da *Princesa das Montanhas* e justificam o orgulho e o enthusiasmo dos seus dignos filhos.

As villas da Bahia adheriram com intenso jubilo á proclamação da villa da Cachoeira, e o principe D. Pedro de Bragança viu-se então aclamado pelas seguintes villas:

Maragogipe (29-Junho-1822); Inhambupe (30-Junho de 1822); Santo Amaro (29-6-1822); Itapicuru (7-7-1822); Cammamú (25-8-1822); Caiteté (15-8-1822); S. Francisco da Barra de Sergipe do Conde (29-6-1822); Jaguaripe (30-7-1822); Valença (5-8-1822); Jacobina (12-7-1822); Paratagy (12-9-1822); Santarem (18-8-1822); Cayrú (20-10-1822); Rio de Contas (29-7-1822).

Labatut, portanto, ao desembarcar na Bahia, verificou que a causa nacional, esposada com rara habilidade pelo principe D. Pedro de Bragança, se encontrava naquelle arrebatamento de enthusiasmo, que precede a victoria definitiva dos ideaes de uma nacionalidade.

Sua tarefa foi, por certo, delicadissima; os methodos bellicos, que empregou para anniquilar o furor das brigadas de Madeira de Mello, foram excellentes e abriram-lhe os caminhos da victoria; mas a abnegação e o heroismo dos que abraçaram a independencia do Brasil facilitaram a arriscada empreitada, que lhe commetteram os ministros de D. Pedro I e cujas consequencias encheram de justa alegria os ultimos dias da sua existencia.

Lutou a Bahia para, definitivamente, expulsar os batalhões que Madeira de Mello commandava, e gosar, alfin, daquella tranquillidade que desenvolve no homem o amor ao trabalho e o torna cada vez mais devotado á terra em que nasceu; lutou alguns mezes, porque o elemento portuguez era grande e gosava do prestigio que nasce da união das forças e do ouro que possuem ellas; mas venceu os seus inimigos, porque immenso era o patriotismo que abrazava os corações dos seus dedicados filhos, e resistente, como os diamantes que se encontravam nas margens do Jequitinhonha, era o patriotismo que os guiava.

A proclamação da villa de Cachoeira é uma de paginas brillantes da Historia do Brasil, pois revela a grandeza dos sentimentos da sua população, que, acostumada a lutar contra as frequentes inundações do rio Paraguassú, adquiriu aquella fortaleza de animo e aquella indestructivel coragem, que não de-xam, jámais, o homem desertar dos postos de responsabilidade.

Recordando-a, nas vesperas da commemoração do primeiro centenario da nossa emancipação politica, e numa occasião em que os vultos de nomeada entenderam de reanimar os sentimentos nacionalistas do Brasil, procuro mostrar aos meus patricios que não ha razões de ordem historica que os tornem descrentes do futuro radioso que nos reservou a Providencia.

Anemica contribuição historica, essas linhas foram escriptas com aquelle enthusiasmo sadio que cresce todas as vezes que me defronto com um livro de Historia do Brasil.



DNDE MORA O CHEFE DA IGREJA CATHOLICA NO BRAZIL

De estylo romano, o Palacio de S. Joaquim, com as suas columnas características e as suas classicas janellas chamadas *olhos de bois*, offerece duas fachadas, uma externa com faces para o jardim da Gloria e rua Benjamin Constant, outra interna com as duas faces para o parque interior. A entrada principal está do lado direito, com a face para o jardim da Gloria. Rampas suaves dão ingresso a carros e automoveis, que podem parar na porta principal, sob uma *terrasse*. Muito amplo é o *hall*, tendo ao fundo um artistico biombo que o separa da entrada para o segundo pavimento. Nos dias de festa pôde se abrir esse biombo, vendo-se então, no fundo do *hall*, a sumptuosa escadaria nobre, toda de marmore branco, uma das mais bellas obras do esculptor genovez Sr. José Navonne. No primeiro pavimento, em toda a ala esquerda, estão os aposentos do Sr. Bispo Auxiliar, sala de espera, salão de visitas, gabinetes de trabalho e quartos particulares. A ala direita do primeiro pavimento é occupada por dois salões de visitas e pelo salão da bibliotheca. Ao fundo, dando face para a rua Benjamin Constant, estão seis apartamentos. Em seguida está a sala de bilhar, que serve tambem de sala de leitura. Ainda no primeiro pavimento, a cozinha, copa com elevador de comida, despensa, escada de serviço e o porão para guardar generos. No primeiro andar deparam-se ao alto, á esquerda, dois bellos vitraes, com as armas de S. S. Pio X e de Sua Eminencia o Sr. Cardeal D. Joaquim Arcoverde, la-deando um vitral maior, que representa a Historia e registra a creação do primeiro cardinalato na America Latina. Esses vitraes foram feitos na fabrica *Conrado*, de S. Paulo, e offertados a Sua Eminencia pelo Sr. Senador Indio do Brasil. Ao alto da escadaria nobre e no centro da grande galeria está a finissima imagem do Sagrado Coração de Jesus, offerecida ao Sr. Cardeal pelas irmãs do *Sacré Coeur* do Externato da rua da Gloria. Em face á entrada estão dois salões de recepções: um verde e outro amarello. Na ala direita de quem sóbe, sobre os aposentos do Sr. Bispo Auxiliar, está a Capella, esplendido salão com doze metros de comprimento por oito de largo, o tecto em estuque, nas portas e janellas pesados reposteiros em seda carmezim. O altar em madeira de lei e marmore, todo decorado a bronze, tem ao alto um painel, a Virgem de Muller, feito em Roma por Gonnella. A virgem de Muller é assim chamada por ter sido um pintor allemão desse nome o seu autor. Representa Maria Santissima sobre a bahia de Guanabara. Ao lado do painel, dois Anjos da Guarda, em bronze, sustentam candelabros. O sacrario é uma fina joia em esmalte florentino, representando S. João Evangelista baptizando a Virgem Santissima. Esse lindo altar foi offerecido a Sua Eminencia pelos Srs. Condes de Araujo Maia, Contigua á capella está uma sala de espera, cuja decoração foi confiada ao pintor patricio Sr. Carlos Oswald. Nessa sala figura um painel que representa a expulsão dos francezes do Rio de Janeiro pelos indios Tamoyos. S. Sebastião, revestido de armadura romana do tempo de Deocleciano, incita a tropa portugueza ao combate. Ao lado de S. Sebastião estão Estacio de Sá e o Cacique Cabo Frio. Completam o quadro guerreiros portuguezes, indios Tamoyos e os invasores francezes. Na parede fronteira, o artista pintou outro painel, recordando a primeira missa no Rio de Janeiro, que foi mandada rezar por Villegaignon. No alto das paredes ha um friso reproduzindo os principaes episodios da Historia da Igreja Catholica. Esta sala dá para a *terrasse*, sobre a entrada principal; na porta, vê-se um vitral feito em S. Paulo: o Palacio de S. Joaquim coroado de rosas por anjos da guarda, que carregam uma faixa em que se lê o lemma de Sua Eminencia: *Domini fortitudo nostra*. No alto dessa *terrasse*, ao centro da fachada principal, estão as armas em bronze de D. Joa-

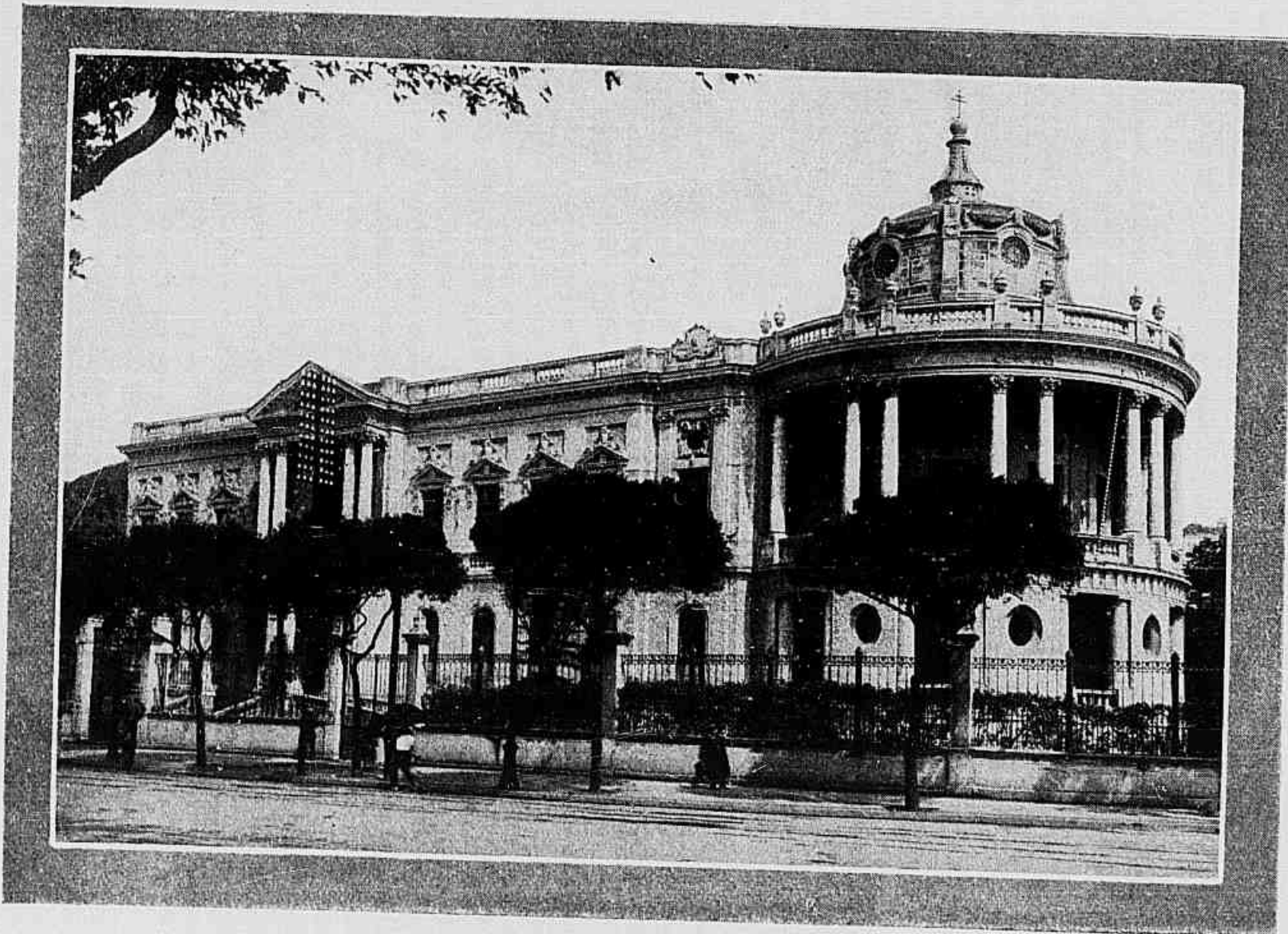
quim Arcoverde, feitas em Roma, pelo esculptor Mastruzzi. A' esquerda, no angulo das duas fachadas principaes, está o *salão do throno*. No centro o throno em madeira de lei, bronze e purpura vermelha. Nos lados, dois lindos paineis do pintor paulista Benedicto Calixto, evocando o da direita *S. Paulo depois da visão maravilhosa, sendo curado da cegueira por Ananias*; do outro lado, *Jesus entregando as chaves da igreja a S. Pedro*. Nas outras paredes outros dois paineis: no da esquerda, o Padre Manoel da Nobrega abençoando o Padre José de Anchieta, na occasião de sua partida com Estacio de Sá, do porto da Bertioga, em Santos, para vir ao Rio de Janeiro defendel-o da invasão franceza; no da direita vê-se a partida de Martim Affonso, do porto fluvial de Piassaguera, para os campos de Piratininga, onde se assenta hoje a linda capital de S. Pedro. João Ramalho, ao lado do chefe Tibyriçá, ensina o caminho aos viajores. Esses quatro paineis do *salão do throno* foram offerecidos pela Federação das Associações Catholicas de S. Paulo. O tecto do *salão do throno* é em estuque e bronze, desenho do esculptor Schroeder. Esse salão tem amplas portas para a galeria externa, onde estão as entradas para tres dormitorios nobres, de grande conforto, para hospedes illustres. Ao lado desses apartamentos, no centro da galeria interna, estão os aposentos particulares do Sr. Cardeal; são aposentos muito sobrios; uma sala de trabalho, quarto de dormir, *toilette* e outras dependencias. O gabinete de trabalho tem as portas de bella madeira *cutucahen*, de uma arvore que existia no terreno em que foi construido o Palacio. Contiguos aos aposentos particulares do Sr. Cardeal estão os do seu secretario. No primeiro pavimento, dando janellas para o parque interno e para a rua Benjamin Constant, está o salão de jantar, decorado com uma barra alta de madeira esculpida e com lindo tecto, trabalho do esculptor Lavail. Na galeria interna fica o magnifico vitral feito em Paris: *S. Joaquim conduzindo a Virgem Santissima na passagem de um regato*. Em todo o bello edificio figuram lustres de



S. E. O SR. CARDEAL D. JOAQUIM ARCOVERDE.

bronze, feitos sob desenho e com as armas de Sua Eminencia. A fachada interna tem a forma de um angulo recto. Na directriz desse angulo foi edificado, no parque, bello monumento, que vae servir de sala de chá e de palestra ao ar livre. No alto desse monumento apparece a imagem de N. S. da Conceição. O parque está magnificamente ajardinado e tem estatuas de marmore, representando a Fé, a Esperança e a Caridade e as quatro esta-

ções. Vêem-se tambem, artisticamente collocados, bellos jarrões de pedra de Lióz, de Lisboa. Os altos do Palacio foram transformados em vastas *terrases*, magnifico *belvedere*, de onde se avista a cidade, junto do mar, á beira dos montes. Foi no Palacio de S. Joaquim que o Sr. Cardeal Arcoverde recebeu, ha dias, em audiencia especial, os Srs. Conde de Affonso Celso, Almirante José Carlos de Carvalho, engenheiros Francisco de Góes e Saturnino Gomes, que foram convidar Sua Eminencia para designar um seu representante na comissão executiva da organização do ceremonial com que serão recebidos nesta Capital os restos mortaes dos ex-imperantes, quando trasladados do sarcophago de S. Vicente de Fóra, em Lisboa. Sua Eminencia, depois de ouvir a exposição feita pelo Sr. Almirante José Carlos de Carvalho do ceremonial projectado, declarou que se en-



O PALACIO DE S. JOAQUIM, NA GLORIA.

tenderia com Monsenhor Pio, para que, de accordo com a comissão do Instituto Historico, fossem feitas as accommodações necessarias e mais preparativos para receber tão preciosos restos mortaes, e, mais ainda, que bem fizessem celebrar em suas dioceses exequias solemnes, no mesmo dia em que fosse celebrado o Pontifical na Igreja-Cathedral do Arcebispado do Rio de Janeiro.

EMQUANTO se discute e prepara no aconchego dos círculos officiaes, com a morosidade inseparavel das cousas burocraticas, a criação do Theatro Nacional, continuamos, directa ou indirectamente, tributarios da scena franceza. Ainda bem.

O justo desejo de possuirmos um theatro nosso, bem nosso, na apparencia e no fundo, não é empreza de facil realisação. Se existem, aqui, alguns ensaios auspiciosos, ensaios de drama e comedia, elles estão, ainda, muito longe de constituir algo de verdadeiramente brasileiro, e que o seja, não sómente pela lingua, mas por todos os seus elementos. Phases, como a actual, de entusiasmo e trabalho artistico, já o nosso theatro tem atravessado; mas as tentativas, mais ou menos brilhantes, têm todas malogrado.

Após esses rapidos surtos, rolamos, novamente, na vasa das revistas de anno, na sem-saboria das burletas sertanejas, a que tudo falta para ser theatro: ideal, logica, acção, technica e até a lingua.

Ponhamos de margem essas tristezas.

Por agora, duas companhias, mais ou menos nacionaes, disputam a posse do publico: a do Sr. Fróes, no Lyrico, a do Sr. Alexandre Azevedo, no Trianon, com elementos cosmopolitas, que os cartazes se apressam de nacionalisar. São, em todo o caso, dois grupos aceitaveis, sobretudo pelas suas intenções, e pelo desejo de estimular os autores brasileiros, entre os quaes se encontram, já, tendencias bem definidas, e dignas de acolhimento. Como representante dessa corrente, limitamo-nos a citar um nome que integral e brilhantemente a representa: o Sr. Claudio de Souza.

Entretanto visitam-nos as companhias portuguezas, apparelhadas em geral de bons repertorios e artistas das melhores tradições.

Visitou-nos o illustre Brazão, e chegou a demonstrar que a idade do artista não acompanha a idade do homem, ou mede-se differentemente. Ao seu lado estava Lucinda Simões, que tambem nos pertence um pouco, pois boa parte dos seus triumphos foi colhida em theatros brasileiros. Continúa a ser a artista de todos os tempos, que se mantém impassivelmente, a ver passarem as gerações, sem que arrefeça o vigor da sua arte sempre nova e viva, enriquecendo-a á medida que avança, com a intelligencia sempre moça e com a mesma scentelha sagrada. Entre ambos se impoz a juventude perenne da Sra. Palmyra Bastos, com a sua graça medida e quasi fria, mas ainda envolvente de seducção.

Ao passo que estes partiram, permaneceu entre nós o correctissimo Chaby, a interpretar peças portuguezas e peças francezas, de Molière a Brioux, com o mesmo talento e a mesma impeccavel arte de dizer.

Duas companhias francezas trabalharam em nossos palcos. No Municipal, Huguenet e Vera Sergine. No Phenix, um grupo de artistas do "Odeon", com Grumbach e Desfontaines.

Tivemos, assim, simultaneamente, duas faces do theatro francez: A tradição e o vi-

Theatro



VERA SERGINE, NO PAPEL DE JOANNA D'ARC, SUA ULTIMA CREAÇÃO EM PARIS.



LEOPOLDO FRÓES.

ent de paraiter; Racine e Bataille; a pompa do alexandrino classico e a nervosidade da prosa quente e viva. São dois mundos differentes, mas não oppostos, antes contiguos, e tendo de commum o mesmo ideal de belleza pura.

O Sr. Huguenet é um velho conhecido.

Foi dos primeiros artistas parisienses que nos visitaram, desde que começámos a receber systematicamente troupes francezas. E os applausos que o publico agora lhe dispensou conservavam o calor das primeiras palmas com que o acolhemos, em outras épocas. Elle, em compensação, trouxe-nos o mesmo escrupulo de apresentação, o mesmo rigor interpreta-

tivo, as mesmas qualidades num apuro maior de minucias, e, ao mesmo tempo, mais sobrio.

A Sra. Vera Sergine, ao contrario, foi uma hospede nova, que chegou e se impoz.

Veu, foi vista e venceu. Venceu pela sua rara vibratibilidade de nervos, pela clara intelligencia, pela sympathia insinuante, pelo poder de transfiguração scenica, que é a virtude primordial em sua arte, a um tempo, impetuosa e subtil. Em torno destes figuravam outros artistas de fina raça.

A companhia do Phenix apresentou-nos alguma coisa do repertorio classico, e muitas do moderno que se conserva dentro das mesmas tradições. E se nem tudo é optimo nesse repertorio, a sua interpretação foi sempre exacta e, muitas vezes, mesmo, impeccavel.

Mas, se muitas das figuras desse theatro não trazem, na frente, como a Phedra, um raio de luz olympica, nem como ella falam, como deviam falar os deuses, se vissemos na corte de Versailles, todavia Griselide é uma herdeira digna, mais humana e, portanto, mais imperfeita, daquella estirpe real e semi-divina.

E quando sahimos de uma peça de Bernstein ou Brioux, com a alma sangrando de emoção e a testa vincada de um suicido doloroso, é util que nos assistam os poetas e nos collo-

quem no coração, como um balsamo, um pouco de sonho. A menos que se não prefira Robert de Flers ou... Sachá Guitry.

Os artistas do Odeon foram substituidos no Phenix pela senhora Maud Allan, artista das attitudes e dos rythmos silenciosos.

Esta creadora de esculpturas vivas nos fez evocar, numa grande saudade, a figura maravilhosa de Isadora Duncan, que passou pelo Rio como um sonho grego na moldura tropical de nossa paisagem!

A senhora Maud Allan teve o poder de despertar uma vibração adormecida na alma carioca, como se ella fosse, no ambiente crepuscular dos seus scenarios, a sombra, projectada de longe, da interprete genial das *reveries* do grande melancolico polaco.

E embora a arte da senhora Maud Allan não seja propriamente theatral, com ella fechamos estas notas sobre a temporada de 1920, — a grande temporada, — que a outra, de todas as noites, nos theatros menores, onde se deleita metade da população, não nos interessa...

AINDA naquella tarde elle esteve aafiando o seu largo punhal, que na safra corrente já havia abatido quarenta e cinco mil cabeças.

Era uma lamina curta e bigumea, encavada em chifre preto. Depois de amolal-a, correu magistralmente a papilla do pollegar, a provar-lhe os gumes renovados, ao passo que olhava, distraído, para os lados da vasta mangueira de pedra, onde se estavam encerrando duas grandes tropas de novilhada escolhida, "passadas por debaixo do poncho", em ludibrio do fisco. Ergueu-se em seguida de sobre os tornozellos onde abancára, encurvado para a pedra de afiar. Concertou sobre o ventre o sujo avental de estopa e passou novas cordas de tento nas joelheiras de couro. Cantarolando quadras creolas, repassadas de saudades dos pagos, mescladas de fañanhas de amor e tremendas rixas sangrentas em que trovejavam tiros abundantes e relampejavam claros pontacos, poz-se gulosamente a assar uma costella ao calor da fogueira accesa em frente ao rancho de beira chão.

Erguera-o á margem da estrada, no topo de um cocuruto. Vindo da outra banda, ninguem sabia donde, morava para ali, solitario, desconfiado e suspeito. Ignorante da sua procedencia e da sua vida gaúcha, a multidão dos trabalhadores do saladeiro creou logo lendas, imaginou informações fantásticas, cuja veracidade era jurada nos cochichos dos ranchos e dos bolichos. Corria, pois, que tinha nas costas um *ror* de mortes, accusação que o seu ar taciturno e os olhos sempre baixos estavam confirmando, murmurava-se. Outros diziam-n'o um peão comprado por um fazendeiro para assassinar um outro seu lindeiro, por questões de divisas, e que alli estava disfarçado, espreitando occasião. Outros, olhando-o de soslaio, com as carotidas mal seguras, apontavam-n'o como o degolador celebre que tinha servido ás ordens de um caudillo revolucionario. O certo, porém, era que Pancho — D. Pancho, como lhe chamavam respeitosa e reverentemente — viera no esbofado grupo suarento e tropego de fugitivos que a ultima *patriada* revessára para dentro das nossas fronteiras. E ficou saladeiro, arredio, aninhado no seu rancho nas horas de folga e empoleirado no tronco durante a lide carniceira, como uma ave de rapina calculadamente arisca e friamente sanguinar a.

Era retrahido e calado. Tinha a soturnidade feroz dos perversos que fazem dó e dos desgraçados que mettem medo. Mas ponto era que recebesse féria. Transformava-se, sociabilisava-se. Na sua cara cerrada abria-se um sorriso vago e constante. Os olhos desfiavam-se do chão e se fixavam nas cousas estranhamente, como se tivessem estado muito tempo sem ver nada, mergulhados na escuridão. Abrandava-se a dureza da sua alma. Tornava-se communicativo e franco, conversava muito com os camaradas ao balcão do fornecedor, bebericando tragos ou á mesa do jogo apontando ao sete em porta. Tratava logo de trazer ao conto as fañanhas das guerrilhas e dos *pronunciamentos* em que se fazia figurar como parte saliente.

— Tivesse bem em conta, diz'a então exaltado, que muitas vezes — por Deus — tinha sido a salvção dos seus companheiros, como naquella "embrietada" de Nico Perez de que até tirára "su teniente herido en la garupa de su flete, no más", batendo na bocca.

As suas novellas guerrilheiras, meio fantasticas, narradas de tropel e animadas de gestos abundantes e figurativos, terminavam-se sempre por uma *agachada*, s'bilantemente cortada por um — *no más* — incisivo e fustigante como um laço. Obtido o effeito na sociedade, sentia a int'ima satisfação, a convicção reflexa de ser guapo e temido. E, por entre o silencio pensativo e o momentaneo estupor dos ouvintes, abalava de arranco e seguia para a sua toca, ameaçadoramente, envolto no mysterio, cuja ponta levantára aos que o escutavam, com a lamina da sua faca embebida no sangue da sua fantasia.

Era um caso singular de exhibicionismo. Aos que o ouviam mostrava intencionalmente uma alma brutal e sanguinaria. Para frisar esse traço rubro e cruel do seu caracter, tinha mesmo escolhido o posto de desnucador, em cujo desempenho requintava de frieza e de gosto pelo sangue, acompanhando cada golpe de um sorriso arreganhado de cão

D. PANCHÔ, o Matador

Por Vieira Pires

arremettente. A's vezes, do alto do tronco, gritava aos carneadores, lambendo o punhal e esfregando os punhos com sangue fumante — que não escolhia, fosse homem ou fosse boi. Quer'a ver sangue correr.

Assim, ia elle existindo meio romanescamente entre essa turba anonyma, fluctuante e brutal, de advenas mesquinhos e gananciosos, que constitue o proletariado semi-barbaro dos saladeiros.

Certa vez um camarada lhe perguntou se elle não receiava que, uma noite, na estrada deserta ou no rancho solitario, lhe apparecessem almas doutro mundo, almas das rezes que elle intemeratamente desnucava.

Pousando nelle os olhos duramente fixos, respondeu-lhe com pausa e a energia dominadora de uma convicção calma e fria:

— Cuidao, amigo! Dejate de novellerias... La



O MATADOR APUNHALAVA O VAZIO, BATENDO-SE, FURICO E QUIXOTESCO...

llave de tu sangre está en la punta de mi cuchillo! A ver, no más, ché!

Pois D. Pancho ainda naquella tarde esteve aafiando o seu largo punhal de dois gumes.

Emquanto a costella assava, chiando ao fogo, D. Pancho vagamente olhava a estrada, superiormente pousando o seu cocuruto, com um pedestal sobranceiro e evidente. A tarde era calma. O sol já se havia sumido por traz dos serros, dando tons de braza ao céu cinzento e monotono que cobria monotonamente um grande tedio. Pela estrada desfilavam de vagar os turmeiros que iam render o quarto da noite. Caminhavam mollemente, como se estivessem carregando grandes fardos pesados. Uns iam em tanga, com as carellas envoltas em flanela vermelha, ligada á maneira romana. Eram os rendedores da *pilha vola*, da *resalgada* ou da *tumbada*.

Outros vestiam cheripás de aniagem ou de algodãozinho e iam substituir os do quarto da *enfadada*.

Subiam lentamente a ladeira do saladeiro, charrando e rindo. Atiravam-se uns aos outros pontacos com as mãos feitas em laminas, livrando-se aos saltos desengonçados. Aproveitavam os ultimos momentos de folga. Que lá naquella bruto serviço, horas a fio, té alto dia, era um "vá e vá e o

supplicante carecia folego", nem falava nem ria, abichornado. Arcava quieto, que nem boi na canga.

Chegavam as carretas que vinham de levar o xarque e a courama á estação de ferrovia. As juntas caminhavam tardas, aos gritos instigadores dos carneiros que, a par das altas rodas bosinudas e rechinantes, montavam cavallos lerdos, de passo consoante com o do boi. Uns empunhayam longas agulhadas, outros picavam fumo na palma da mão, com a palha presa aos grossos beiços. Tinha-se uma visão breve e grosseira dum suave trecho de velha poesia georgica, cujo encanto a quietude da tarde e o aspecto ondeado da paizagem augmentavam.

Tropeiros de largo sombreiro galopavam para a cidade. Levavam o laço das lidas enrodilhado aos tentos e tinham, por gauchada e garbo, "quebrado o cacho do pingo" em topes de diversas fórmas.

Atacado do accesso hereditario e feroz do carnívoro egoista, o matador, solitariamente abancado num velho lombilho, clareava ás dentadas as "ripas" da costella. Limpava-as, deixando o puro osso que atirava á fogueira mortíca, onde borbulhava a sua chocolateira.

Em torno era uma grande paz mal allumiada pelo crepusculo que, detrás dos serros, se expandia em claridade desmaiada. O gado mugia tristemente nas mangueiras de pedra, donde nada podia ver senão o céu de um azul fino e macio e, arisco, redemoinhava, tatalando os chifres e batendo e estalando os cascos bifidos e as unhas molles. A noite veio lenta, preguiçosa, amollentada pela calma estival.

Mal se salientavam agora sobre o alto as massas negras dos galpões do estabelecimento. A chaminé, cintada de branco, cortava o céu, como um esguio posto admirativo, deitando uma fumaça alva e direita.

Pela encosta, no baixo, entre o vimal quedo e soturno, reluziam fogueiras diante dos ranchos e á sua luz mortíca viam mover-se sombras, vagamente. A's vezes ouviam-se restos de phrases, trechos de conversas. Estalavam risos rinchavelados. Cães ora ladravam, ora rosnavam, atracando-se. Uma cordeona fanhosa soava e uma voz ensaiava, desafinadamente, uma milonga. O motor arfava rapido e, subito, irromperam as lampadas electricas, pontilhando claramente a área lobrega do saladeiro.

O matador resomnava ruidosamente, atirado para cima dos arreios, enquanto o fogo diante do rancho amorteceia em cinzeiro. Ao longe, para os lados de uma tropa em pastoreio, ouviu-se o relinchar de um cavallo saudoso da tropilha. A's vezes vinham da carpeta ruidos de algazarra e um homem "pellado" surgia na estrada.

O Chico Trapeiro passou meio ebrio, esfarrapado na sua tanga de aniagem esverdeada, aos urros, atirando os punhos cabelludos para o céu limpido. O pennacho da fumaça, agora meio rubra, estendia-se por sobre o galpão da *praia*, como um rubro e ondeante pégão de chacina.

Antes do primeiro signal de chamada, já o Matador estava de pé, chupando o seu amargo á frente do rancho.

A madrugada era calma. Alguns fogos pontilhavam a escuridão. Passou-lhe vagamente pelo espirito inclinado á superstição a idéa de assombraamentos, lembrando-lhe até o que alguns dias antes lhe dissera um camarada. Elle se poz a pensar naquellas palavras a que respondera com uma das suas *agachadas*, e começou a achar alguns fundamentos nellas.

— Pois, caramba! A rez vivia como nós e, de certo, como nós, havia de ter uma alma. Mas logo pensava que isso era absurdo. Qual! Mentiras! Elle nunca tinha visto cousa alguma. E que fosse verdade, tinha á mão aquelles ferros recém-afiados como "aspa de boi brazino". Fosse para o diabo o Venancio com as suas pêtas de aparições. Viessem, no mais!

Um clarão começou a allumiir o lombo irregular dos serros proximos. Augmentou a pouco e pouco e a lua, muito colorida, irrompeu, ficando por algum tempo um fresco coagulo de sangue cahido na lombada do serro. Pareceu logo ao Matador um presagio implacavel de secca ou de desgraça, a luzir rubra e agoureira na altura. A

sua luz avermelhada de incendio aclarava os campos silenciosos, a massa negra dos estabelecimentos é a rancharia palhaça construida a granel. Elle olhou fixamente para a lua, e disse:

— Caramba! Por Deus! Guerra sem duvida ou praga, que lua assim não negava fogo.

Attentando no tom afogueado da sua luz, imaginou que já estava escorrendo sangue por cima daquelles pagos. Elle já estava farto "de bolear boi". Agora devia vir a revolução de outra banda, a que elle tanto aspirava para fazer materia dos seus contos heroicos. E logo começaram a desfilar diante de seus olhos quadros de lutas tremendas em que elle se desquitava da realidade, fuzilando e golpeando rijamente o inimigo que fazia fugir numa debandada de ovelhas acuaçadas.

Mas não tirava os olhos da lua, que lentamente se erguia no céu. A mancha caprichosa, que semelha uma mulher a cavallo, foi-lhe parecendo antes uma cabeça de boi, desenhada a negro sobre um fundo vermelho. Parecia-lhe até uma cabeça decepada, revestida ainda do seu corpo preto, atirada para o meio da quente sangueira da praia. Tornaram ao seu espirito as lembranças de assombramentos. E com esse pensamento sahiu para o saladeiro. Em descendo o barranco, para tomar a estrada, fitou-se de novo na lua. E, a seguir, a paisagem se lhe deparou com tons de ouro matizados que salientavam a negrura dos troncos das arvores, das massas dos cochilões e dos serros fantasticamente.

A cabeça de boi tomava attitudes estranhas. Vinham das mangueiras os ruidos dos chocalhos e das vozes dos encerradores que embretavam o primeiro lote. Depois, tudo voltou ao silencio que a espaços os animaes cortavam com mugidos dolorosos, farejando a liberdade através das cercas. Ouvindo esse monotonico mugir de queixume e de saudade, o Matador sentiu uma consternação que jámais o abalára. A sua cabeça pareceu-lhe ter dado um violento gyro rapido em torno de si mesma e correu-lhe um grosso arrepijo por todo o corpo.

Elle ia descer para a estrada que passava, vermelha, cortada entre fundos barrancos de tabatinga colorada, e viu um rio de sangue que espessamente corria entre essas altas ribas. Esgazeou os olhos para se certificar se estava diante da realidade ou se sonhava. Tudo, no emtanto, estava quieto e silencioso, e só o rio espesso de calida sangueira corria. Havia no ar um cheiro acre que o estonteava, dando-lhe a vertigem impulsiva de embriaguez incompleta que fazia despertarem as suas tendencias de bruto e os impetos homicidas de conducticio das guerrilhas.

Era talvez aquelle o sangue represado de todas as victimas que elle havia feito no tronco, milhares e milhares de cabeças cahindo deslocadas e molles ao golpe certo do seu punhal bigumeo. Agora elle se soltava de repente calido e borbulhante, por entre esses barrancos esborcinados e poeirentos, nessa ante-manhã encalmada.

D. Pancho tentou reagir, passando os punhos pelludos pelos olhos, sacudindo a cabeça com violencia. Olhou para o alto. A lua corria pelo céu immaculo, guardando o seu colorido intensamente rubro. A sua sombra agora figurava melhor uma cabeça bovina que se movia, revirando os olhos amortecidos de guilhotinado esvaído, decahindo para o lado, o focinho ao alto, a modo de ferida por um subito golpe certo em plena nuca. As lembranças de assombramentos se accentuaram. Elle ouviu logo sons vagos, mugidos mysteriosos, vindos de longe, cansados e doloridos. A principio não os distinguiu bem, parecendo-lhe ter ouvido apenas um rumor vago e confuso. Mas este se accentuava, aproximando-se, e como se mugidos sahissem do sangue escorrendo pela barranqueira.

— Sim, era do fundo delle que os gemidos partiam. Mas que era que mugia no fundo desse sangue? Que era? Era a tepida sangueira que mugia como passava, guardando em si, impregnada delles, os mugidos das gargantas por que se esvaira. Já as vozes não se ouviam do fundo do sangue. O Matador prestou attenção

a um tropel forte, que se levantou proximo a elle e um berro repentino, dilacerado e rouco, solto aos seus ouvidos, o espavoriu. Seguiu-se um coro de berros entrecortados, que logo sobrepairou á sangueira fluente, como se vaccums invisiveis estivessem, diffusos na escuridão da noite, lamentando tumultuaria, funereamente em volta de uma carniça.

Sacou de um punhal e poz-se a esgrimil-o nas trevas, bradando a cada arremetida:

— Viessem, almas d'outro mundo! Teriam que ver com elle, no tóco, no mais! Viessem, *sotretas!*

Via tudo rubro: — era uma visão de incendio, de flamma compacta e de purpura aberta. Perpassavam nella formas bovinas, fugaces e baralhadas, levemente traçadas em negro. Os seus contornos indecisos se apagavam no ambiente cruento, em que ellas mal se salientavam em debuxos dissipados.

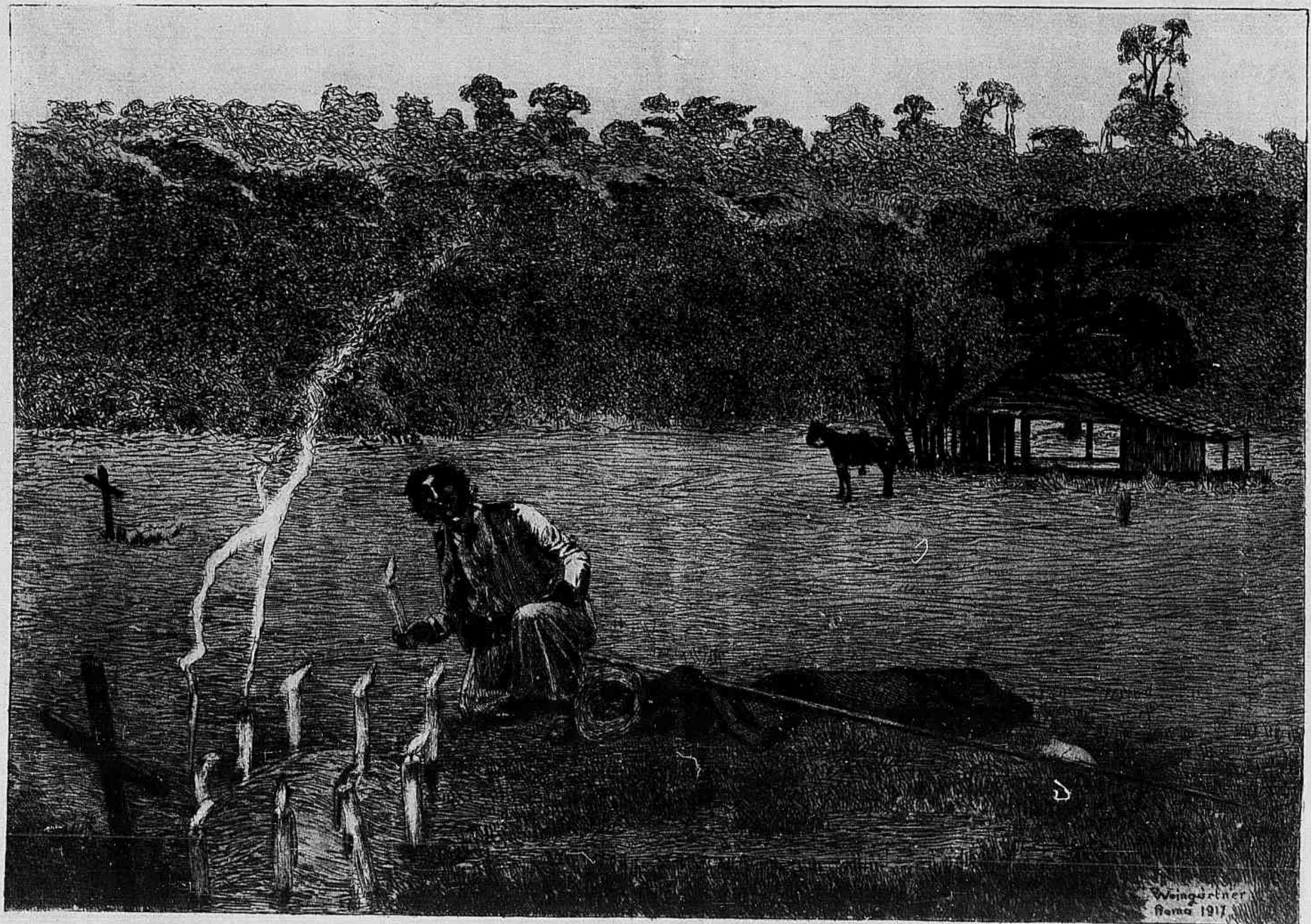
O Matador apunhalava o vazio, batendo-se, furioso e quixotesco, contra as alimarias inocuas de fantasia e de lenda. Do mesmo passo a sangueira crescia, desbordava das barrancas e já elle patinhava nella, fugindo-lhe, mas lutando sempre.

A corrente subiu, tomando até o peito, fazendo-o perder pé. Uma tropa que vinha do outro lado, nadando, alcançou-o. As rezes o apertavam de todos os lados, escornavam-n'o, imprensavam-n'o. Elle perdia os movimentos, submergia-se e afluava atordoadamente, a deitar o sangue bebido ao afundar. Lutou muito, sem lograr safar-se do tumulto das rezes que o perseguíam. Sentiu-se exausto e deixou-se levar. Cahiu, debatendo-se nas massegas e no capinzal resequido, apertando ao alto o largo punhal bigumeo manchado do sangue das suas victimas, para desferir ainda o derradeiro golpe.

A mão cahiu mollemente e o punhal apenas se encravou na terra secca.

Nunca mais, diante do rancho erguido sobre o cocuruto da estrada, flammejou a fogueira de Dom Pancho.

(Desenho de Mario Tullio)





ZOLA AMARO

MUSICA

A platéa car'oca passa por ter grandes exigências e ser muito severa nos seus julgamentos. Até que pontos taes attributos resultam de uma cultura systemática e bem orientada é impossível precisar. Não ha duvida, porém, que tudo quanto se refere á musica interessa-nos vivamente. O gosto apura-se rapidamente entre nós. Ha quinze annos, ha talvez menos, contentavamo-nos com um repertorio de opera em que apenas figuravam cousas italianas, e das peores, entre as quaes se insinuavam, timidamente, uma partitura franceza de Gounod, ou Bizet. Wagner é uma

de Bonn uma interpretação até agora inedita para o publico carioca.

Intermeado nas execuções de opera, appareceu-nos o Sr. Fernand Francell, da *Opera-Comique*, um dos mais finos cantores que já nos têm visitado. Francell fez-nos ver, pelo contraste, quanto andamos desviados, em materia de canto, da verdadeira arte, viciados pelos grandes tenores ruidosos. O illustre artista francez poz as cousas no seu lugar, numa série de concertos deliciosos e numa interessante conferencia, a que deu o titulo suggestivo: *Vo ulez-vous chanter, Mesdames?* — em que nos prodigalisou interessantes lições de estylo e de interpretação. Sua passagem pelo Rio foi de extrema utilidade para todos: para os que cantam e para os que ouvem cantar.



HEDY IRACEMA

acquisição recente, e pôde-se afirmar que nunca o genio allemão encontrou allures um publico mais bem disposto para o receber, comprehender e amar. Hoje quasi não comprehendemos uma temporada theatral sem dois ou tres dramas wagnerianos. E já isso não basta á esthesia nacional. Pedimos os compositores francezes modernos, de Massenet a Debussy, e as maravilhas quasi ineditas do genio slavo, em parte reveladas e postas em voga pelas companhias de baile de Karsavina, Nijinsky e Pavlova.

Outro symptoma, digno de registro, é o ex'ito cada vez maior dos concertos symphonicos, que nos têm descoberto as maravilhas das creações orchestraes, desde Beethoven até os symbolistas e impressionistas da França. Simples influencia da moda? Não o acreditamos. O phenomeno é por demais persistente e continuo para filiar-se a uma suggestão momentanea e ephemera. Haverá, sem duvida, uma parte de snobismo, nas exageradas manifestações exclusivistas de um certo grupo. Nem é estranho que o *snob* viva no Rio como em toda a parte. Mas é tão facil reconhecê-lo e o identificar! Elle seria capaz de applaudir Debussy ou Borodine sem os comprehender, mas não se aventuraria a patear Puccini...

Esse movimento intellectual repercutiu na organização das estações de opera, que melhoraram de anno para anno, na escolha das partituras e na dos artistas, que são attrahidos para o Rio, como os emprezarios, pela perspectiva dos grandes lucros.

Além do pianista Rubinstein e do inexcédível Veczey, tivemos uma temporada lyrica digna de nota. Ouvimos *Parsifal* e *Lohengrin*. De *ra*m-nos Strauss, Debussy.

Desse prodigioso manejador de orchestraes, que é Ricardo Strauss, ouvimos *Salomé*, com uma interprete incomparavel, a Sra. Geneviève Vix, cuja passagem pelo nosso theatrô é preciso sempre assignalar como um bello acontecimento artistico. Os criticos não se entenderam bem em relação á eximia artista. Qual apothéosou-a, qual teve desejos de pateal-a, num esteril conflicto de escolas. O publico, que assistiu de palanque á disputa dos pontifices, applaudiu a magnífica *Salomé*, perturbadora na sua paixão, e a encantadora *Melisande*, que constituiu um dos exitos da estação.

Com effeito, apezar da attitude reaccionaria dos commentadores jornalistas, *Peleas* foi ouvido com respeito, com intelligencia e com um esforço de comprehensão que honram os nossos *dilettanti*. Citemos ainda o barytono Rossi Morelli, que ficará, em nosso palco, estreitamente ligado ao papel de Artorias, do *Parsifal*; o Sr. Gigli, um bravo tenor pucciniano, e Sarah Cesar, *Walkyria* e *Kundry* admiravel. Relembramos, igualmente, como um dos mais brilhantes triumphos da época, a presença da illustre cantora brasileira Zola Amaro, que está se fazendo notavel pelos magnificos dotes naturaes de que é possuidora.

Ao lado disso, ficou indelevel a impressão empolgante dos concertos symphonicos, sob a direcção de Weingartner, que nos revelou as profundas riquezas do genio de Beethoven, com a sua interpretação exacta, dando do artista



GENEVIÈVE VIX

theatro lyrico a senhora Muzzio veiu collocar-se ao lado de Storchi, Darclee e Belincioni, cuja arte resume.

Em *Thais* apresentou-se-nos a Sra. Mireille Berthon, de magnífica figura, elegante e flexivel, cantora finissima e artista de grande raça.

Uma das novidades promettidas foi a *Phedra*, tragedia de D'Annunzio, para a qual o maestro Pizzete escreveu um longo commentario musical. O compositor esforçou-se, com muito talento e muita sciencia musical, por crear uma partitura em que vibrasse o mesmo sopro ep'ico que anima os versos do poeta da *Nave*, procurando crear uma linguagem propria e nova. E essa linguagem é de um vigor, de uma energia, e de um accento tão profundo, que faz crer no apparecimento de um grande musico. — F. B.

Citamos ainda, no curso da estação musical, um outro nome brasileiro, ou melhor, o nome grego de uma artista brasileira, artista na mais larga accepção do vocabulo, artista pela intelligencia, pela intuição, pela technica: a Sra. Vera Janacopulos. Mas ainda não está encerrada a época lyrico-theatral. Ali temos a companhia Bonetti, que se apresenta com uma série de operas dos mais notaveis autores, e apresentando nomes feitos e de prestigio na scena: a Sra. Rakowska, notavel interprete de Wagner; Mireille Barthon, da Opera de Paris, Fraiganni, do theatro de La Monnaie, de Bruxellas, entre outros. Além destes — a musa nacional é-nos favoravel este anno — uma outra cantora brasileira, de fama européa: a Sra. Hedy Iracema, ex-cantora da corte de Wurtemberg, cantora da Opera de Stuttgart, e que, ainda agora, passou dois annos na Opera de Vienna, onde recolheu triumphos inolvidaveis. A seu cargo estão duas partituras nacionaes: *Salvator Rosa*, de Carlos Gomes, e uma obra inedita, *Iracema*, de Octaviano Gonçalves.

Juntam-se a estas novas promessas: *Mona Vanna*, *Iwan le Terrible*, *Phedra*; concertos orchestraes, sob a regencia do prodigioso Ricardo Strauss, que é de esperar nos faça conhecer algumas das joias, de magnifica sinzeadura do seu escritorio symphonico. *Heldeleben*, *Till Eulenspiegel*, *Tod und Verklarung*, *Don Quixote*, *Zarathrust*, *Macbeth* são obras dignas de serem ouvidas com o mesmo recolhimento com que recebemos *Salomé*. Nellas, mais do que na partitura theatral, os multiplos recursos estheticos de Strauss se evidenciam e despertam o desejo de o admirar e applaudir.

A companhia da Empreza Nacional de Opera não encontrou, é certo, um ambiente favoravel.

Julgada antecipadamente por alguns criticos, fiados em tendenciosas noticias telegraphicas, cercou-a, de chegada, uma atmospher de desconfiança e má vontade.

Teve que vencer esta e outras difficuldades materiaes pouco animadoras. Mas a estrêa desfez as intrigas.

Bastou que a senhora Claudia Muzzio se apresentasse, na *Traviata*, para arrebatara a platéa num enthusiasmo vehemente. Nas tradições do nosso

Os grandes Estados que o Rei Alberto vae visitar

Minas Geraes

ENTRE Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo, Matto Grosso e Goyaz estende-se uma vasta região em que culmina o systema orographico brasileiro, com 574.855 kilometros quadrados de area, região em que parece quiz reunir a natureza todos os mineraes mais preciosos. D'ahi o nome que lhe deram os seus descobridores — Minas Geraes.

Foi justamente a pesquisa das riquezas mineraes nesse vasto territorio que fez com que, mal para elle se dirigissem os primeiros povoadores, logo outros se lhes seguindo, incrementasse tão rapidamente a sua população, que ainda hoje, dous seculos decorridos, ainda é o territorio da antiga Capitania das Minas Geraes o mais povoado de todo o Brasil.

Esse vasto territorio é dotado de uma grande variedade de climas, desde o caracterisadamente tropical das margens do S. Francisco e alguns dos seus afluentes, do Rio Doce, do Jequitinhonha, até os climas temperados dos altiplanos onde prosperam todas as culturas europeas.

Coração de ouro em peito de ferro — disse o sabio geologo e mineralogista Dr. Henrique Gorceix, o organisador do ensino do curso de minas no Brasil, do territorio mineiro, ligando em delicada lembrança as riquezas do seu solo ás qualidades caracteristicas dos seus habitantes.

As suas fabulosas riquezas mineraes, a uberidade das suas terras agricolas, as suas immensas pastagens, em que vive uma grande parte da riqueza pecuaria do Brasil, a extraordinaria quantidade de quedas d'agua dos seus rios, a variedade dos seus climas implicando na variedade de suas producções fazem de Minas Geraes um dos Estados da Federação Brasileira destinados a um maior desenvolvimento, a um mais rapido progresso.

A produção do ouro das minas, veeiros, afloramentos, terrenos alluviaes em Minas Geraes calcula-se (á mingua de uma estatistica exacta) em setecentas toneladas.

Somente duas empresas exploram em alta escala os minerios auriferos, nas minas do Morro Velho e da Passagem.

O diamante é ainda hoje explorado em Minas Geraes, se bem seja muito mais difficil que na Africa do Sul esse trabalho, devido á natureza da formação geologica em que é encontrado. A produção das minas brasileiras, no periodo colonial, produziu milhares de quilates. Em 1919 a produção do Municipio de Diamantina regulou quarenta mil quilates, no valor de 6 mil contos, calculadamente.

Das jazidas mineiras sahiram dous diamantes celebres: *Esmeralda do Sul* encontrado em 1853, com o peso de 254,5 carats e o *Diamante de Dresden* achado em 1857, com 117,5 carats.

Em Minas encontram-se em extraordinaria abundancia minerios de ferro do mais alto theor. Centenas de kilometros de terrenos formam inesgotaveis depositos em varios municipios mineiros, especialmente os de Itabira e os servidos pela Estrada de Ferro Central, no ramal que demanda Ouro Preto.

Em um raio de dez kilometros em torno dessa cidade calculou o Dr. Henrique Gorceix existirem minerios capazes de produzir cem milhões de toneladas de ferro.

O theor medio dos minerios de ferro de Minas Geraes, conforme as analyses feitas aqui e nos laboratorios europeus, excede de 60 por cento de ferro metallico.

A analyse por exemplo do minerio do Pico de Itabira, que é uma montanha cuja exploração nem em cem annos poderá ser concluida, foi feita em Anvers e concluia afirmando: *Minerio fóra do commum e dos mais puros conhecidos. As pequenas proporções de enxofre e sobretudo de phosphoro o tornam proprio á fabricação do aço Bessemer.*

A produção de ferro gusa em Minas pode ser actualmente calculada entre doze e quinze mil toneladas.

Conjunctamente com o ferro, a exploração do manganez faz-se com grande vigor, nos mesmos municipios mineiros. As necessidades da guerra incrementaram grandemente a exploração das jazidas mineiras, que tiveram um surto prodigioso, graças ao alto preço obtido pelo precioso minerio. No anno de 1919 a exportação accusou já declinio, tendendo a normalisar-se depois do grande augmento havido de 1914 a 1918. A media do theor metallico do manganez de Minas Geraes é de 50 por cento. As grandes riquezas mineraes que deram o nome ao Estado não são só essas, porém. Grande commercio se faz ainda com as chamadas *pedras coradas* (turmalinas, topazios, aguas marinhas etc.) que são normalmente encontradas nas ourivesarias do Rio de Janeiro; os marmores, calcareos, areias monaziticas, mica e finalmente as aguas mineraes.

São varias as estancias de aguas mineraes de Minas procuradas todos os annos por grande numero de veranistas; dellas as principaes

são: Poços de Caldas (thermaes), Caxambú, Lambary, Cambuquira, S. Lourenço e Araxá (thermaes).

O valor da industria extractiva no balanço da exportação de Minas Geraes attingiu em 1910 a 42.171.031\$300 ou 8,5 da exportação total.

A extensão das estradas de ferro que cortam o Estado de Minas Geraes attingiu em 1919 a 6.706 kilometros. Servem essas estradas aos municipios de quasi todo o Estado, explorando umas empresas a zona agricola, a pastoril outras, e ainda outras zonas onde maior é a exploração das riquezas mineraes.

O valor da exportação de Minas Geraes vae em um crescendo extraordinario, como se póde verificar pelos seguintes algarismos:

Em 1915	221.099.000\$000
Em 1916	297.705.000\$000
Em 1917	356.344.000\$000
Em 1918	374.861.000\$000
Em 1919	492.387.000\$000

que convertidos em libras sterlinas, á razão de 20\$000 por libra, dão o seguinte resultado:

Em 1915	£ 11.054.950
Em 1916	£ 14.852.500
Em 1917	£ 17.817.200
Em 1918	£ 18.743.050
Em 1919	£ 24.619.350

Para o valor da exportação contribuíram: A industria agricola com 217.435.107\$267 (£ 10.871.755); a industria pastoril com 200.052.328\$130 (£ 10.002.616); a industria manufacturera com 32.728.836\$668 (£ 1.636.441); a industria extractiva com 42.171.031\$300 (£ 2.108.551).

O café, que é a maior produção agricola do Estado, concorreu com 189.807.759\$837 (£ 9.490.387) para o valor da exportação. Em quantidade, esse precioso producto agricola exportado por Minas foi de 153.644.064 kilogrammas.

Ao lado do café, como productos de sua lavoura que contribuíram para o valor de sua exportação, concorreram o assucar, o fumo, o algodão, o cacão, o feijão, o arroz e o milho.

Como Estado criador occupa Minas Geraes o 2º lugar no Brasil, em relação ao gado bovino, e o 1º em relação ao suino. E' Minas Geraes que fornece ao mercado da Capital Federal todo o gado necessario á população carioca. Dos seus saladeiros tambem vem para este mercado a maior parte do xarque aqui consumido. Seus gados alimentam ainda os frigorificos paulistas e fluminenses, e sua industria de lacticinios alimenta com os seus productos, queijo e manteiga, não só essas praças como outras ainda do norte e sul do Brasil.

O gado bovino vendido nas feiras que o Estado mantem attingiu o numero de 153.981 cabeças com o peso medio bruto de 454 kilogrammas, o que é um attestado bastante lisonjeiro para o progresso da pecuaria de Minas.

As zonas criadoras do Estado, dantes só o Triangulo e o Sul, estendem-se já até a zona agricola por excellencia, a da Matta, onde a industria de lacticinios é bastante prospera.

A melhoria do gado pela introdução de reproductores estrangeiros tem-se feito com toda a regularidade e é a isso devido que o rebanho mineiro, augmentando em numero, vae augmentando proporcionalmente em valor.

Espalhado como está o habito, nas zonas criadoras, da construcção de banheiros carrapaticidas, que o governo anima por meio de premios, as epizootias, dantes muito frequentes, vão a pouco e pouco se tornando mais raras.

A guerra europeia, augmentando o consumo mundial da carne, ao mesmo tempo que diminuia o numero dos rebanhos europeus; a franca accettazione em varios paizes da carne brasileira refrigerada ou congelada, incentivaram os criadores mineiros, que melhoraram as suas pastagens pelo plantio de forragens seleccionadas, sendo esta uma das causas ainda do melhoramento dos rebanhos do Estado.

A instrucção publica tem merecido dos governos mineiros uma desenvolvida attenção. No Estado existem 1.655 escolas singulares, 2.166 grupos escolares, muitos delles funcionando em dois turnos, sendo a ma-



SR. DR. ARTHUR BERNARDES, PRESIDENTE DO ESTADO DE MINAS GERAES.

trícula da população escolar de 144.467 alumnos no 1º semestre e de 164.269 alumnos no 2º semestre de 1919.

Além disso existem no Estado 508 escolas municipais e 701 particulares, com uma matrícula total de 43.615.

Existem em Minas 2 Escolas Normas Modelo e 36 equiparadas, mantidas pelas Camaras Municipaes ou institutos particulares.

Para o curso secundario mantem o Estado o Gymnasio Mineiro, com dois externatos: um em Bello Horizonte e o outro em Barbacena, equiparados ambos ao Collegio D. Pedro II.

O ensino agricola é dado em estabelecimentos do governo, em estabelecimentos particulares subvencionados e pelo professorado ambulante, sendo que este é constituído por technicos contratados e que percorrem todo o Estado, ensinando os modernos processos de agricultura, pecuaria, veterinaria e industrias agricolas.

O ensino profissional é dado em varios institutos localizados em diferentes zonas do Estado, convindo entre elles citar o *João Pinheiro*, nas proximidades de Bello Horizonte, *D. Bosco* em Itajubá e o *Bueno Brandão* em Mar de Hespanha.

IMMIGRAÇÃO E COLONISAÇÃO

Para o recebimento de colonos que demandem o territorio de Minas tem o governo grande quantidade de terras devolutas; — onze são os nucleos colonias existentes, com produção approximada de 7 mil contos por anno.

A zona de Oeste do Estado, até aqui muito pouco povoada, sendo entretanto nella que existem os valles feracissimos do Paracatú e do Urueyua, está atrahindo a atenção do governo de Minas, que á margem da Estrada de Ferro Paracatú adquiriu uma grande fazenda com mil e dusetos alqueires de terra, para a instalação de um novo nucleo.

Além disso, aos nucleos existentes, pensa a actual administração mineira annexar novas

areas de terras, de sorte a ampliar em nucleos já prosperos a colonisação.

Em pareceres apresentados ao Congresso Nacional e que tiveram larga repercussão, o deputado paulista Cincinato Braga afirmou estar o futuro do Brasil na pecuaria e na siderurgia. Falando sobre esta, disse ser necessaria uma espinha de aço ao Brasil.

Nenhum outro territorio como o da antiga Capitania de Minas Geraes, para quem as esperanças daquelle parlamentar se traduzem em realidade.

A pecuaria é em Minas uma realidade. Os seus rebanhos na proporção do desenvolvimento que estão tomando bastarão em dez annos para supprir as necessidades do Brasil inteiro, sobrando-lhe recursos ainda para uma formidavel exportação para todos os mercados mundiaes.

No seu sub solo... não, afflorando o seu solo, forrando as suas estradas, culminando nas suas montanhas, ahi está o ferro aos bilhões de toneladas, para fabricar essa espinha dorsal de aço reclamada para a garantia do futuro e do progresso do Brasil.

L'ÉTAT DE MINAS GERAES

ENTOURÉ par Bahia, Espirito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo, Matto Grosso et Goyaz se developpe une vaste contrée, avec une surface de 574.855 kilometres, où le système orographique du Brésil prend sa principale puissance et où se trouvent les plus hauts sommets de son relief.

C'est là que la nature s'est plu d'amoncèler tous les minéraux les plus précieux qui justifient le nom donné par les premiers explorateurs au pays: Minas Geraes (Mines Générales).

Ce n'est que la richesse minérale de cette vaste région qui a fait accourir des foules d'explorateurs, foules qui se succedaient sans cesse, et qui ont donné, à present deux siècles écoulés, le premier rang sous le rapport à la population, à l'ancienne capitania de Minas Geraes.

Cette vaste contrée jouit d'une grande variété de climats, depuis le climat nettement tropical, au bords du fleuve S. Francisco, et de quelques uns de ces affluents, du Doce, du Jequitinhonha, jusqu'à les doux climats des plateaux, où réussissent tous les cultures européennes.

"C'est un cœur d'or dans une poitrine de fer", comme a dit le savant géologue et mineralogiste Dr. Henri Gorceix, l'organisateur de l'enseignement du cours de mines au Brésil dans la province de Minas Geraes, rattachant, avec une touchante attention, l'idée de la richesse minérale du sol aux qualités de ses habitants. Minas Geraes est un des états de la fédération brésilienne "appelés" à un progrès rapide et un développement extraordinaire, parce qu'il dispose de fabuleuses richesses minérales, de vastes extensions de terres d'une miraculeuse fertilité, de pâturages sans bornes, où se nourrit le bétail, qui est la principale richesse animale du Brésil.

La richesse hydraulique des catarates, et la variété de climats qui trahit la variété de la production, sont encore des dons de la nature qui décèlent l'avenir qui attend cette contrée. La production de l'or des mines, filous, efflorements et aluvions, en Minas Geraes est avalée (à défaut d'une statistique rigoureuse) en sept cents tonnes.

Il n'y a que deux entreprises qui explorent sur une vaste échelle les gisements auriferes dans les mines de "Morro Velho" et de "Passagem".

Le diamant est encore exploré dans l'état de Minas Geraes, quoique l'exploration en soit bien plus difficile que dans l'Afrique du Sud, à cause de la formation géologique où il est trouvé. La production des mines brésiliennes de la période coloniale a donné des milliers de carats. En 1919 la production du district de Diamantina a été stipulé en quarante mille carats, soit de six mille conte de réis, à peu près.

Parmi les pierres célèbres trouvés dans l'état de Minas Geraes, nous devons citer la fameuse "Estrella do Sul" (L'étoile du Sud) qui a été découverte en 1853, pesant 254,5 carats, et "le Diamant de Dresde", découvert en 1857, pesant 117,5 carats.

Les gisements de fer sont d'une richesse extraordinaire. On compte par de centaines de kilometres les régions qui renferment inépuisables mines, dans plusieurs districts; et au premier rang sont ceux d'"Itabira", et ceux dont l'écoulement est fait par le Chemin de Fer Central du Brésil, dans l'embranchement qui rejoint Ouro Preto. Selon l'affirmation du docteur Henri Gorceix, autour de cette ville il y a des minéraux de fer sur une étendue de 10 kilometres, qui pourront donner cent millions de tonnes.

La moyenne de la richesse des minerais de fer, est aduessus de 60 par 100, se'on les analyses faites au Brésil, et aux laboratoires de l'Europe.

L'analyse, par exemple, des minerais du pic d'"Itabyra", qui est une montagne dont l'exploration ne peut pas finir dans un siècle, a été faite à Anvers et finissait par cette conclusion:

"Mineral extraordinaire et un des plus purs connus. La faible quantité du soufre, et surtout du phosphore, le rend convenable à la fabrication de l'acier Bressemer".

La production de la fonte de fer en Minas Geraes peut être estimée aujourd'hui entre douze et quinze mille tonnes. Avec le fer, l'exploration du manganese, qui se trouve dans le mêmes districts miniers, est faite dans une grande échelle. Les besoins de la guerre ont donné un extraordinaire essor à l'extraction des ces gisements et la production s'est

accrue d'une façon très rapide, à cause des prix rémunérateurs obtenus par les précieux minerais. Pendant l'année de 1919 l'exportation a déjà révélé une certaine décadence, et une propension vers l'équilibre antérieur à la période de 1914-1918.

La moyenne de la quantité métallique du mineral de manganese dans l'état de Minas Geraes est de 50 pour 100.

Les grandes richesses minérales qui ont donné le nom de l'état ne sont pas seulement celles dont nous avons à parler. Il y a encore les "pedras coradas", c'est à dire, les cristaux connus sous les noms de tourmalines, topazes, eaux marines, corindons, beryls, que nous voyons couramment dans les orfèvreries de Rio de Janeiro. On peut ajouter encore le marbre, les calcaires, les sables monazitiques, le mica, et les eaux minérales.

Les villes thermales de Minas Geraes attirent toutes les années une foule de "veranistas". Les principales stations d'eaux minérales (thermales) sont Poços de Caldas, Caxambú, Lambary, Cambuquira, S. Lourenço et Araxá.

La valeur de l'industrie extractive de Minas Geraes a atteint, en rapport à l'exposition en 1919, 42.171:030\$300, soit 8,5 de l'exportation totale.

La longueur des voies ferrées de Minas Geraes était en 1919 de 6.706 kilometres. Ces chemins de fer joignent presque tous les "municipes" de l'état; telle entreprense exploite la zone agricole, une autre la zone d'élevage et encore d'autres celles où excellent les richesses minérales.

L'exportation de Minas Geraes croit dans une progression extraordinaire, comme on voit facilement par le tableau suivant:

1915	221.099.000\$000
1916	297.705.000\$000
1917	356.344.000\$000
1918	374.861.000\$000
1919	492.387.000\$000

Ce tableau converti en livres sterlines donne:

1915	11.054.950
1916	14.852.500
1917	17.817.200
1918	18.743.050
1919	24.619\$350

En classant par industries nous avons:

Agriculture	217.435:107\$267
Élevage	200.052:328\$130
Industrie manufacturière	32.728:836\$668
Industrie extractive	42.171:031\$300

Converti en livres sterlines, donne:

Agricultura	10.871.755
Élevage	10.002.616
Industrie manufacturière	1.636.441
Industrie extractive	2.108.551

Le café, la principale production agricole de l'état, coopère avec 189.807:759\$837 dans le chiffre de l'exportation. Les récoltes de ce précieux produit ont figuré sur la liste de l'exportation régionale avec 153.644.064 kilogrammes. Le sucre, le coton, le cacao, le haricot, le riz et le maïs ont contribué avec le café pour élever le total de l'exportation.

Minas Geraes tient le second rang au Brésil, sous le rapport de l'élevage de la race bovine, et le premier pour le marché des ports. C'est cette région qui fournit au marché de Rio de Janeiro tout le bétail nécessaire à la population "carioca".

Les "sa'aderos" de Minas envoient aussi la plus grande partie du "xarque" consommé par la Capitale.

C'est encore le bétail de la même provenance qui fournit les frigorifères de S. Paulo, et ceux de l'état de Rio de Janeiro. L'industrie laitière approvisionne avec le fromage et le beurre non seulement ces marchés, mais aussi les villes du nord et du sud du Brésil.

Les bêtes bovines vendues dans les foires instituées par l'état se comptent par 153.981, avec le

poids brut moyen de 454 kilogrammes, ce qui est un resultat flatteur pour Minas Geraes.

Les zones d'élevage, autrefois limitées aux régions du "Triangulo" et du "Sud", se développent maintenant jusqu'à la zone spécialement agricole, celle de la Matta, où l'industrie des produits dérivés du lait est florissante.

L'amélioration des races par les reproducteurs importés de l'étranger est faite avec régularité, et c'est pour cela que le bétail de Minas, en augmentant en nombre, augmente aussi progressivement en valeur.

Les épizooties deviennent de plus en plus rares, à cause de la construction d'étangs ixocides maintenant généralisée par l'encouragement des prix décernés par l'état.

La guerre européenne, en augmentant la consommation de la viande, a mesuré qu'elle appauvrisait les troupeaux, le succès obtenu par la viande congelée du Brésil, poussèrent les éleveurs à améliorer leurs pâturages par la culture des plantes fourragères choisies. Cette culture a contribué pour rendre meilleurs les troupeaux de l'état.

L'instruction publique a mérité du gouvernement une minutieuse attention.

Il y a 1.655 écoles et 2.166 groupes scolaires, dont beaucoup fonctionnent doublement, comme écoles diurnes et nocturnes.

La fréquence scolaire en 1.919 était de 144.467 écoliers au premier semestre et 164.269 au second.

L'état maintient encore 508 écoles municipales et 701 écoles particulières, avec une fréquence de 43.615 élèves.

Il y a en Minas Geraes deux écoles Normas Modèles et 36 écoles officialisées entretenues par la Chambre Municipale, ou par des associations particulières. Pour le cours secondaire l'état maintient le "Gymnasio Mineiro" avec deux externats: un à Bello Horizonte et un autre à Barbacena, jouissant des mêmes avantages officiels que le "Collegio Don Pedro II".

L'enseignement agricole est fait dans des instituts du gouvernement, dans des établissements particuliers subventionnés et par un professeur ambulante, composé de spécialistes qui parcourent l'état enseignant l'élevage, la vétérinaire, l'industrie agricole selon les procédés modernes.

L'enseignement professionnel est donné par quelques instituts qui se trouvent dans plusieurs zones de l'état. Nous citerons le "João Pinheiro", aux alentours de Bello Horizonte "D. Bosco" à Itajubá, et "Bueno Brandão" à Mar de Hespanha.

Immigration-Colonisation — Pour recevoir les immigrants qui se destinent à Minas Geraes, le gouvernement a une grande extension de terres en friche.

Les colonies se comptent au nombre de onze, avec une rente de sept mille contos de réis, à peu près.

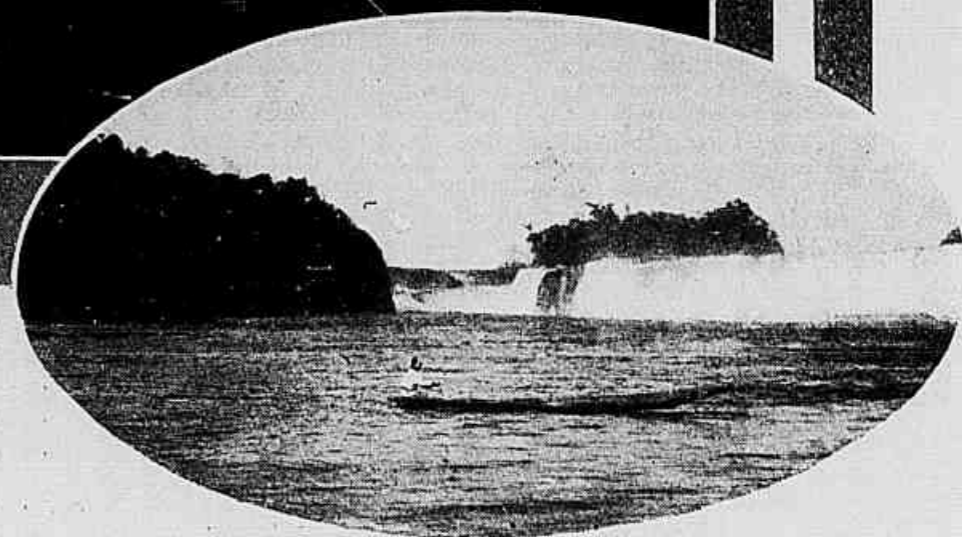
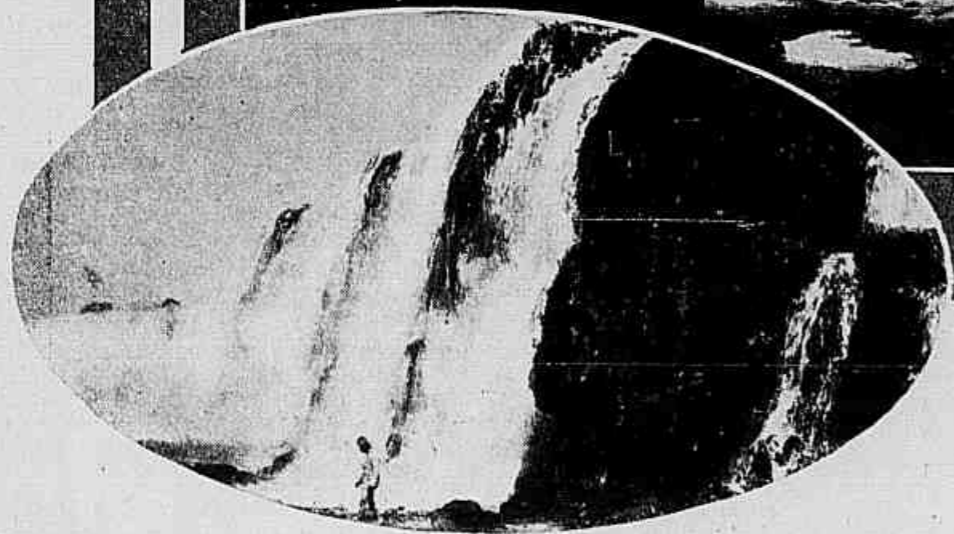
La region de l'ouest qui n'était pas recherchée jusqu'à une époque bien proche, quoique renferme les vallées du Paracatú et de l'Urucuaia, d'une fertilité extraordinaire, attire maintenant l'attention du gouvernement.

Le long de chemin de fer de Paracatú une grande ferme avec 1.200 "alqueires" de surface a été établie pour localiser une nouvelle colonie. En outre, le gouvernement songe à augmenter l'extension des colonies déjà établies avec des terres nouvelles pour leur donner un nouvel essor.

Dans les études présentées au Congrès National par le député de l'état de S. Paulo, Dr. Cincinato Braga, expositions qui ont eu un grand retentissement dans tout le Brésil, il assure que l'avenir de notre patrie est dans l'élevage et dans la siderurgie. Sur la siderurgie, il a dit que le Brésil avait besoin d'une colonne vertebrale d'acier. Aucun autre état mieux que Minas Geraes ne peut changer ces espoirs en réalités. L'élevage est une industrie florissante en Minas Geraes et ses troupeaux pourront navitailler tout le Brésil et suffire à une exportation considerable pour l'étranger si la progression actuelle se soutient.

Dans ses entrailles, à la surface de son sol, sur les cimes les plus élevés se trouve le fer nécessaire pour forger la colonne vertebrale dont le Brésil a besoin, et qui sera la garantie de son progrès et de son avenir.

A CACHOEIRA DOURADA



TRES ASPECTOS DA MARAVILHOSA CACHOEIRA.

A duzentos kilometros de Uberabinha, ponto mais proximo da estrada de ferro, magestoso e imponente, formando verdes, enormes e pittorescas ilhas, o Paranahyba, precipite, crespo, barulhento, precipita-se nas lombadas e gargantas de pedra, se desfazendo em cachões enormes, num ronco soturno, formando a Cachoeira Dourada, marco divisorio de Goyaz e Minas. O seu volume é colossal; a sua força, ainda não explorada, pôde ser avaliada com pessimismo em 500 mil cavallos.

Depois de atravessar os campos semeados de gado em poeticas malhadas, entre Uberabinha e a graciosa cidade do Prata, galgada a serra, attinge-se a prospera e rica Ituyutaba. Toda a viagem é feita por magnificas estradas de automovel. De Ituyuta-

ba á Cachoeira, tambem de auto, atravessam-se terras de uma uberidade espantosa, iguaes ás melhores de São Paulo. São riquezas: terra e catarata, ainda não exploradas.

Do fragor das aguas revoltas eleva-se densa neblina, produzindo innumerous arco-iris, ao brilhar de um sol magnifico de ser-tão.

Tal é a quantidade de peixes de fina qualidade, em cardumes na flor d'agua, que temos a impressão de poder andar sobre os seus lombos. O peixe que salta fica pranchado sobre os outros, lutando até achar uma aberta para novo mergulho.

De fiska em punho, escolhe o pescador o peixe que quer: um *dourado*, uma *pyracanjuba*, uma *caranha*.

Um só caboclo, no anno passado, salgou

nada menos de 100 arrobas de peixes caros! E a industria da pesca, do peixe em conserva, está até hoje inexplorada! E' pena!

Os *saltos* d'agua são innumerous; as quedas têm kilometros de extensão, e bom será que o governo não entregue a exploradores estrangeiros toda aquella riqueza.

Um dos desportos preferidos por pescadores delectantes é o tiro á *caranha*; é na época em que os *ipês*, á margem do rio, de momento a momento, desprendem uma flor, que, balouçante e graciosa, desce pela corredeira. O atirador, de mira firme, mirando a flor, espera o momento em que a *caranha* a em apanhar, matando-a com um balazio. E é raro o caipira perder um tiro...

Estado de São Paulo

ENTRE o Oceano e as grandes caudae que vão formar mais ao Sul a imensa massa d'água do Rio da Prata, situado mesmo na região em que as grandes temperaturas dos tropicos vão cedendo lugar a outras mais amenas, região que nas proximidades do mar apresenta o aspecto de grandes baixadas propicias ás culturas dos climas quentes e, bruscamente, ascendendo em vertentes abruptas para o altiplano, constitue o verdadeiro *habitat* do café, estende-se o Estado de S. Paulo, com uma superficie de 290.876 kilometros quadrados, área equivalente á de Belgica, Hollanda, Dinamarca, Suissa, Portugal e Grecia, reunidas.

E' este, entre os Estados do Brasil, o Estado *leader*, na ordem economica. A sua exportação em 1918 foi de £ 20.005.985. Em 1919 subiu a £ 64.457.869, um acrescimo, portanto, de £ 44.451.884. Nos mesmos periodos a importação foi de £ 13.756.510 e £ 22.297.985. Nos dois annos foi, pois, o saldo entre a exportação e a importação de £ 48.408.739.

Comparando esses algarismos com os referentes a varias nações independentes, vê-se que o Estado de S. Paulo, no seu commercio exterior, é superior aos seguintes paizes: Liberia, Haiti, Paraguay, Honduras, Nicaragua, S. Salvador, Panamá, Afeganistan, Guatemala, Costa Rica, Equador, Bolivia, S. Domingos, Columbia, Venezuela, Noruega, Grecia, Bulgaria, Reino de Siao, Portugal, Persia, Mexico, Perú, Uruguay, Rumania, Turquia, Hespanha e Chile.

E não se diga que esses algarismos só foram tornados possiveis pelas circunstancias oriundas da conflagração europea. Não. O commercio exterior de São Paulo vem se desenvolvendo extraordinariamente, desde os ultimos annos do regimen imperial, quando elle tomou francamente a frente de todas as outras divisões territoriaes do Brasil.

Prova-o o quadro junto, melhor do que quaesquer palavras:

Annos	Import.	Export.
1890 . . .	23.318.403\$	143.244.081\$
1895 . . .	72.422.479\$	279.615.833\$
1900 . . .	76.268.816\$	270.100.584\$
1905 . . .	78.372.959\$	220.230.469\$
1910 . . .	141.799.919\$	282.142.602\$
1915 . . .	156.886.816\$	465.212.904\$
1919 . . .	381.014.790\$	1.087.466.000\$

Reduzindo esse quadro a £, avaliadas a 20\$000:

Annos	Import.	Export.
1890	1.165.920	7.162.204
1895	3.621.123	13.980.791
1900	3.813.440	13.005.029
1905	3.918.647	11.011.523
1910	7.089.995	14.107.136
1915	7.844.340	23.260.645
1920	19.050.739	54.373.300

E' Santos o grande porto de São Paulo. Primeiro do Brasil que foi aparelhado com todos os melhoramentos modernos; seu movimento com os paizes estrangeiros offerece notaveis algarismos ao anno findo. Confrontada com os annos anteriores, e exportação quasi duplicou. Assim, em 1918, o valor dessa exportação foi de £ 20.005.365; o da importação foi de £ 13.756.510, que, no anno findo, attingiram, respectivamente, aos valores de £ 64.457.869 e £ 22.297.985, dando um saldo, no movimento commercial, de £ 42.160.000, o maior que se tem registrado até hoje e que proporciona ao Estado um saldo a seu favor de quasi o dobro do valor da importação.

E' isto explicado, principalmente, pelos altos preços do café.

Em papel a exportação de 1919 elevou-se a 1.087.466.000\$, contra 371.446.402\$000. O café, correu para isso, tanto em quantidade como em valor; durante o anno de 1919 exportou S. Paulo 9.426.335 saccas, valendo 946.576.671\$000; ao passo que em 1918 sahiram apenas 5.390.913 saccas, valendo 268.883.609\$000.

A carne congelada, segundo artigo de exportação, tambem figurou com maior valor; foram exportadas, em 1919, 32.033 toneladas, valendo 32.606.480\$000, contra 3.654 toneladas, valendo 32.757.400\$000 em 1918. Os frutos oleaginosos, como a mamona e os caroços de algodão, cuja ex-

portação principiou ha tres annos, proporcionaram, para essas permutas internacionaes, 25.667 toneladas, no valor de 10.996.852\$ em 1919, superando em muito os algarismos dos annos anteriores, os quaes ficaram em 2.847 toneladas, no valor de 2.653 contos.

A banha deu 13.139.376\$ em 1919, contra 4.454.456\$ em 1918; os couros foram, em 1919, a 9.322.107\$, contra 5.927.032\$ em 1918; arroz, em 1919, 7.036.399\$ por 4.100.661\$ em 1918.

O algodão, cuja safra foi consideravel no Estado, voltou a figurar no quadro da exportação por Santos, depois de uma interrupção de quasi meio seculo. E, assim, a sua exportação, encetada em 1918, com 13.897 kilos, subiu, em 1919, a 6.002.732 kilos, no valor de 17.665.408\$000.

Reprimida durante a guerra europea, a importação paulista subiu, em 1919, a 381.014.790\$ em papel, contra 257.699.609\$, em 1918. Restabeleceu-se naquelle anno a entrada de mercadorias estran-



SR. DR. WASHINGTON LUIS, PRESIDENTE DO ESTADO DE SÃO PAULO.

geiras, indispensaveis ao progresso economico. O carvão de pedra, por exemplo, passou de 43.938 toneladas em 1918 a 61.410 em 1919, e o kerozene, outro importante combustivel, foi de 4.978 toneladas a 24.029.

O cimento subiu de 8.005 toneladas a 56.576. Os trilhos, de que só entraram 100 toneladas em 1918, attingiram a 1.330, em 1919; tudo aliás, ainda é pouco para as exigencias das industrias de S. Paulo.

Na classe dos generos alimenticios, o trigo em grão e a farinha deste cereal continuam a manter o primeiro logar no movimento de importação pelo porto de Santos.

Todo esse movimento se refere apenas ao porto de Santos; tudo que se escoou pela Estrada de Ferro Central, para as exigencias do Rio ou para avolumar a exportação do porto do Rio, e que foi consideravel, não entra nesses algarismos.

A renda dos grandes Estados brasileiros no anno findo é a constante dos seguintes algarismos, que, comprovando o surto economico de todos, é a melhor demonstração do posto que entre elles occupa o de S. Paulo:

Pernambuco, 21.086.188\$040; Rio de Janeiro, 24.500.000\$000; Rio Grande do Sul, 29.498.607\$882; Bahia, 36.095.779\$290; Districto Federal, 51.082.108\$000; Minas Geraes, 51.639.969\$494; S. Paulo, 115.446.800\$000.

Este alto destaque financeiro entre os Estados brasileiros não destoa, em regra, da posição que S. Paulo guarda, da mesma sorte, em confronto com quaesquer outras divisões administrativas das grandes nações.

A receita estadual paulista já é, em regra, superior á que arrecadam as unidades analogas da Republica Argentina, da Australia, do Canadá, da União Sul-Africana, dos Estados Unidos da America do Norte, todas essas nações as mais descentralisadas e as mais ricas do planeta.

Compõe-se a Federação Norte Americana de 48 Estados. São Paulo tem receita estadual superior aos Estados de: — Alabama, Arizona, Arkansas, California, Colorado, Connecticut, Delaware, Florida, Georgia, Idaho, Iowa, Illinois, Kansas, Kentucky, Maine, Maryland, Michigan, Minnesota, Mississippi, Missouri, Montana, Nebraska, Nevada, New-Hampshire, New-Jersey, New-Mexico, North Carolina, North Dakota, Ohio, Oklahoma, Oregon, Rhode-Island, South Carolina, South Dakota, Tennessee, Texas, Utah, Vermont e Wyoming, isto é, 44 Estados; Louisiana rivalisa com S. Paulo; só Massachusetts, New York e Pennsylvania excedem S. Paulo fortemente em renda, mas têm a desvantagem, para elles, de territorios muitissimos menores do que o paulista, já integralmente em exploração, quando S. Paulo está com maior parte de suas terras ainda incultas ou pouco exploradas.

O CAFE' — Pelos ultimos calculos possui o Estado de S. Paulo 835 milhões de cafeeiros e a produção tem sido esta:

1909—1910	12.124.051
1910—1911	9.458.376
1911—1912	10.580.172
1912—1913	9.470.833
1913—1914	11.072.387
1914—1915	9.206.507
1915—1916	11.711.200
1916—1917	9.937.895
1917—1918	12.210.150
1918—1919	7.253.250

Somma em dez annos. 103.024.821

Quer dizer: uma média annual de 10.302.482 saccas, que correspondem a 41.209.928 arrobas, isto é, uma produção de 49 arrobas por mil pés.

PRODUÇÃO AGRICOLA — No anno agricola de 1918-1919, os 823.355.425 cafeeiros existentes no Estado produziram 29.013.000 arrobas de café ou, em média, 35 arrobas por mil pés. Essa pequena produção corresponde a 7.253.280 saccas, isto é, muito menos do que as 12.210.158 colhidas em 1917-18, conforme já previra o governo na sua mensagem de 14 de julho do anno passado, devido ás grandes geadas que, em julho de 1918, devastaram grande parte da nossa lavoura. Apesar, porém, da sensivel redução da nossa produção cafeeira, os lavradores tiraram grande vantagem na venda daquella safra, porque, desde junho de 1918, os preços alcançaram limites extremos, ao verificar-se que a produção da safra corrente (1919-20) ainda seria menor, faendo com que aquella safra fosse a mais bem vendida nos ultimos vinte annos.

Animada pelas cotações de um anno atraz, a lavoura algodoeira teve um maravilhoso incremento nessas terras tão proprias á cultura desse indispensavel textil. Em 1918-19 a safra paulista, superando ás outras dos Estados brasileiros, alcançou um total nunca obtido: o de 11.025.980 arrobas em caroço, contra 3.685.182 arrobas em 1917-18.

Ao preço médio de 11\$000 a arroba em caroço, o valor da produção montou á importante quantia de 121.285.780\$000.

A lavoura de canna de assucar já se mostra quasi restabelecida dos damnos soffridos com as geadas de 1918. A safra de 1918-19 rendeu 489.425 saccas ou o dobro das 238.141 produzidas em 1917-18. A produção de aguardente e alcool elevou-se a 84.336.259 litros em 1918-19, contra

62.729.698 em 1917-18. Pouco maior do que a anterior, a colheita do arroz proporcionou 3.365.000 saccas do producto em casca no anno de 1918-19, contra 3.071.484 saccas em 1917-18.

Superando á anterior, a producção de feijão subiu a 3.522.780 saccas em 1918-19, contra..... 3.129.868 em 1917-18.

A colheita do milho produziu 13.775.500 saccas em 1918-19, contra 13.638.700 apuradas em 1917-1918.

A safra do fumo, em 1918-19, rendeu 130.316 arrobas em rolos, excedendo um pouco á de 1917-18, que produziu 116.700 arrobas.

INDUSTRIA ANIMAL — O surto da pecuaria em S. Paulo, se bem que não seja antiga, tem feito agigantados progressos. A creação das *packing houses*, instituindo a industria do frio em regiões diversas do Estado, animou os criadores,

que dia a dia augmentam e melhoram os seus rebanhos.

INDUSTRIA PASTORIL — Ficou terminada a estatística pastoril do Estado, bem como a da superficie de terras occupadas com pastagens. Esse trabalho demonstra que, actualmente, o Estado de S. Paulo possui: Bovinos, 3.108.205; equinos, 551.005; asininos e muars, 428.348; caprinos, 336.048; ovinos, 106.061; suínos, 4.989.574. Ou seja um rebanho de 9.542.241 cabeças.

No "Haras Paulista" foram introduzidas grandes modificações, todas com o fim de tornar cada vez mais perfeito o tipo do cavallo destinado aos serviços militares.

Ao lado da criação de cavallos foi estabelecida uma secção para a criação de jumentos, os quaes, em momento opportuno, serão vendidos aos criadores do Estado.

O gado bovino, constituído em grande parte

por mestiços das melhores raças europeas e pelo tipo creoulo puro — o caraçú — é já uma das grandes riquezas paulistas. Os productos das industrias derivadas da carne são comprovados pelo successo lisonjeiro da sua introducção em todos os mercados, onde são apreciadissimos. O fabrico da banha, presuntos, comparaveis aos melhores estrangeiros, faz progressos diarios.

A INSTRUÇÃO PUBLICA — Para essas competencias do progresso prepara S. Paulo os seus filhos por meio dos seus estabelecimentos de instrucção, cuidados com o maior carinho por suas administrações.

Grande parte das rendas estaduais é empregada em diffundir a instrucção por todo o territorio paulista. Rara a cidade que não possua o seu grupo escolar de construcção adequada, feita de accordo com os mais rigorosos ensinamentos de pedagogia.

L'ÉTAT DE SÃO PAULO

ENTRE l'Océan et les grands fleuves qui vers le sud vont réunir leurs eaux pour former le grand estuaire du Rio de la Plata se trouve une region où les températures élevées des tropiques se changent peu à peu en des climats plus doux. Cette région, qui, au bord de la mer, présente l'aspect de grandes plaines favorables aux cultures des pays chauds et qui, vers l'intérieur, brusquement se dresse en de plateaux élevés, véritable habitat du café, est l'état de S. Paulo. Son étendue est de 290.876 kilomètres carrés, superficie égale à celles de la Belgique, de la Hollande, du Danemark, de la Suisse, du Portugal et de la Grèce réunies. Au point de vue économique S. Paulo occupe la première place parmi les états du Brésil. Son exportation qui était en 1918 de..... £ 20.005.985, s'éleva pendant l'année de 1919 à £ 64.457.869, ce qui fait un accroissement de..... £ 44.451.884. Pendant ces mêmes années l'importation se chiffrait: £ 13.756.510 et £ 22.297.985. Ce qui nous donne une différence en faveur de l'exportation de £ 48.408.739. Si nous comparons ces résultats à ceux obtenus par les autres pays nous constatons que l'état de S. Paulo l'emporte, dans son commerce extérieur, sur les suivants pays: Liberia, Haiti, Paraguay, Honduras, Nicaragua, S. Salvador, Panama, Afghanistan, Guatemala, Costa Rica, Equateur, Bolivie, S. Domingue, Colombie, Venezuela, Norvège, Grèce, Bulgarie, Siam, Portugal, Perse, Mexique, Pérou, Uruguay, Roumanie, Turquie, Espagne et Chili. Et, pour que l'on ne prétende pas que ces résultats sont uniquement dus aux circonstances créées par la guerre européenne, nous prouverons par le tableau suivant, mieux que par n'importe quelles paroles, le développement progressif de l'état de S. Paulo depuis les dernières années de l'Empire, époque où il commença à se détacher nettement en tête des autres états brésiliens.

Années	Import.	Export
1890	23.318.403\$000	143.244.081\$000
1895	72.422.479\$000	279.615.833\$000
1900	76.268.816\$000	270.100.584\$000
1905	78.372.959\$000	220.230.469\$000
1910	141.799.919\$000	282.142.602\$000
1915	156.886.816\$000	465.212.894\$000
1919	381.014.790\$000	1.087.466\$000\$000

Si nous réduisons ce tableau en £. au change de 20\$000 la livre, nous avons:

Années	Import.	Export
1890	1.165.920	7.162.204
1895	3.621.123	13.980.791
1900	3.813.440	13.005.029
1905	3.918.647	11.011.523
1910	7.089.995	14.107.130
1915	7.844.340	23.260.645
1919	19.050.739	54.373.300

Santos est le principal port de l'état de São Paulo. Ses installations maritimes ont été récemment modernisées et son commerce extérieur a fait l'année dernière de si grands progrès que si nous comparons les résultats obtenus en 1919 à ceux des années antérieures, nous constatons que l'exportation a triplé, tandis que l'importation a presque doublé. En effet: l'exportation fut en 1918 de £ 20.005.365 et l'importation 13.756.510. En 1919 ces chiffres s'élevèrent à £ 64.457.869 et 22.297.985; ce qui fait un accroissement dans le mouvement commercial de £ 42.160.000, le plus grand qui ait été enregistré jusqu'ici et qui a donné à l'état un surplus du double, à peu près de la valeur de l'importation. La hausse du café a été une des principales causes de ce succès. L'exportation s'éleva pendant l'année 1919 à 1.087.467.161\$ au lieu de 371.446.402\$000 en 1918 (papier monnaie). Le principal facteur de cette augmentation a été comme nous l'avons déjà dit le café, non seulement par sa quantité, mais surtout par sa valeur. Pendant l'année 1919 l'état de S. Paulo a exporté 9.426.335 saccas de café dans la valeur de 946.576.671\$000, tandis qu'en 1918 l'exportation fut de 5.390.913 saccas à peine, valant 268.883.609\$000. La viande frigorifiée, autre article de grande exportation, a figuré en 1919 avec 32.033 tonnes valant..... 35.606.480\$000 au lieu de 22.654 tonnes valant 32.757.400\$000 en 1918. Les fruits oleagineux comme le ricin et le noyau du coton, dont l'exportation commença à peine il y a trois ans, contribuent avec 25.667 tonnes valant 10.996.852\$000 pendant l'année 1919, surpassant de beaucoup les

productions des années précédentes qui étaient de 2.847 tonnes valant 2.653 contos. La graisse, les cuirs et le riz inscrivirent sur le tableau d'exportation en 1919: 13.139.376\$000, 9.322.107\$000 et 7.036.399\$000 respectivement au lieu de..... 4.454.456\$000, 5.927.032\$000 et 4.100.661\$000 en 1918. La production du coton ayant été abondante, son exportation, interrompue depuis près d'un demi siècle, fut reprise en 1918. On en expédia 13.987 kilos à l'étranger et l'année suivante, faisant de rapides progrès son exportation, atteignit 6.002.732 kilos valant 17.665.408\$000. L'importation, qui avait considérablement diminué pendant la guerre, s'éleva de 257.699.609\$000 en 1918 à 381.014.790\$000 (papier monnaie) en 1919. C'est que pendant l'année 1919 recommença l'importation des marchandises étrangères nécessaires à notre développement industriel. L'importation de la huile, par exemple, s'éleva de 43.938 tonnes en 1918 à 61.410 en 1919; celle du pétrole, autre combustible important, passa de 4.978 tonnes à 24.029; celle du ciment de 8.005 tonnes à 56.576 et enfin celle des rails, dont nous avions reçu à peine 100 tonnes en 1918 atteignit, en 1919, le total de 1.330 tonnes. En égard au développement constant de nos usines, cette importation est encore bien insuffisante. Parmi les comestibles, le blé en grains et sa farine continuent en tête de la liste d'importation par le port de Santos, auquel se rapporte d'ailleurs tout le mouvement dont nous venons de parler. Nous n'avons pas compris dans ces chiffres l'exportation considérable faite par voie ferrée, soit pour ravitailler la ville de Rio de Janeiro, soit pour augmenter le mouvement l'exportation de son port. Pour mieux montrer la prépondérance économique de S. Paulo sur les autres états du Brésil nous donnons ci-après la rente des principaux d'entre eux: Pernambuco, 21.086.188\$040; Rio de Janeiro, 24.500.000\$000; Rio Grande do Sul, 29.498.607\$882; Bahia..... 36.095.779\$290; District Fédéral, 51.082.108\$000; Minas, 51.639.969\$494; S. Paulo, 115.446.800\$000. Cette suprémacie financière de l'état de S. Paulo dans la Fédération brésilienne ne se trouve en rien diminuée, si nous le comparons aux divisions administratives d'autres pays de constitutions équivalentes. La recette de S. Paulo est généralement supérieure à celle des unités analogues de la République Argentine, de l'Australie, du Canada, de l'Union Sud-Africaine et des Etats Unis d'Amérique du Nord, toutes des nations commerciales et riches. La Fédération de l'Amérique du Nord se compose de 48 états; S. Paulo a une recette supérieure à celles des états suivants: Alabama, Arizona, Arkansas, Californie, Colorado, Connecticut, Delaware, Floride, Georgie, Idaho, Iowa, Illinois, Kansas, Kentucky, Maine, Maryland, Michigan, Minnesota, Mississippi, Missouri, Montana, Nebraska, Nevada, New-Hampshire, New-Jersey, New-Mexico, Caroline du Nord, Dakota du Nord, Ohio, Oklahoma, Oregon, Rhode-Island, Caroline du Sud, Dakota du Sud, Tennessee, Texas, Utah, Vermont, et Wyoming; c'est à dire 44 états. La Louisiane rivalise avec S. Paulo et à peine Massachusetts, New-York et Pennsylvania ont une rente supérieure à la sienne, mais, par contre, ils ont des territoires beaucoup plus petits et déjà complètement explorés, tandis que l'état brésilien possède encore des richesses inépuisables et des terres incultes ou peu connues.

LE CAFÉ — Les derniers calculs statistiques fixent à \$35 millions le nombre des caféiers de l'état de S. Paulo. La production de café de ces dernières années est la suivante:

Sacs.	
1909-1910	12.124.051
1910-1911	9.158.376
1911-1912	10.580.172
1912-1913	9.470.833
1913-1914	11.072.387
1914-1915	9.206.507
1915-1916	11.711.200
1916-1917	9.937.895
1917-1918	12.210.150
1918-1919	7.253.250

Total en 10 années 103.024.821

Ce qui fait une moyenne annuelle de 10.302.482 sacs ou 41.209.928 "arrobes", soient 49 "arrobes" par pied.

PRODUCTION AGRICOLE — Pendant l'année agricole 1918-1919, les 823.355.425 caféiers de l'état de S. Paulo produisirent 29.013.000 "arrobes", de café, soit, en moyenne, 35 "arrobes" par mille pieds. Cette production relativement faible correspond à 7.253.280 sacs, c'est à dire beaucoup moins que les 12.210.158 sacs cueillis en 1917-1918. Le gouvernement avait d'ailleurs prévu, dans son message du 14 Juillet de l'année dernière, cette diminution sensible due aux grandes gellées qui au mois de Juin de 1918 dévastèrent une grande partie de nos campagnes. Cependant, malgré cette grande diminution dans la production du café, les agriculteurs réalisèrent de gros bénéfices dus à la hausse exceptionnelle qui eut lieu en Juin de 1918; car, devant les prévisions pessimistes pour l'année suivante, cette récolte fut vendue à des prix qui n'avaient plus été atteints pendant ces vingt dernières années. La culture du coton, encouragée par les taux élevés obtenus pendant l'année précédent, prit un nouvel essor, et, grâce à la fertilité d'un sol qui lui convient admirablement, sa production en 1918-1919 surpassa, dans S. Paulo, celle de tous les autres états et donna un résultat qui n'avait pas encore été atteint: 11.025.980 "arrobes", au lieu de: 3.685.182 en 1917-1918. Au prix moyen de 11\$000 l'"arrobe", la valeur totale de cette récolte fut de: 121.285.780\$000. La culture de la canne à sucre s'est déjà presque complètement rétablie des dégâts soufferts pendant les gellées de 1918; sa production de 1918-1919 s'éleva à 489.425 sacs, soit le double des 238.141 sacs produits en 1917-1918. L'industrie de l'alcool et de l'eau de vie produisit en 1918-1919: 84.336.259 litres au lieu de 62.729.698 en 1917-1918. La récolte du riz, qui surpassa de peu celle de l'année antérieure, fournit 3.365.100 sacs en 1918-1919, contre 3.071.484 en 1917-1918. La production des haricots passa pendant ces mêmes périodes de 3.129.868 sacs à 3.522.780 et celle du maïs de 13.638.700 sacs à 13.775.500. Enfin on obtient en 1918-1919 130.316 "arrobes" de tabac en rôles au lieu de 116.070 en 1917-1918.

INDUSTRIE ANIMALE — Quoique pratiqué depuis peu d'années dans l'état de S. Paulo, l'élevage y a cependant déjà fait de gigantesques progrès. L'établissement des "packing houses" dans diverses contrées de l'état a grandement contribué pour encourager les éleveurs à augmenter et améliorer leurs troupeaux. D'après la dernière statistique animale qui vient d'être terminée et qui détermina la superficie occupée par les pâturages, l'état de S. Paulo possède actuellement les effectifs suivants: bœuf, 3.108.205; chevaux, 551.005; anes et mulets, 428.348; chèvres, 366.048; moutons, 106.061; porcs, 4.989.574. Soit un troupeau de 9.542.241 têtes. Dans le but d'améliorer autant que possible le type du cheval destiné au service de l'armée, de grandes modifications ont été réalisées au "Haras Paulista" où une section spéciale destinée à l'élevage des anes a été annexée à celle des chevaux, afin de fournir aux agriculteurs les étalons nécessaires. La race bovine, constituée en grande partie de méteils des meilleures races européennes et du type "creoulo" pur — le caraçú — est une des plus grandes richesses de l'état. Les produits des industries dérivées de la viande exporté par S. Paulo ont une acceptation générale dans les marchés du monde entier où ils sont très appréciés. On fabrique dans l'état de S. Paulo la graisse et le jambon et ces produits, dont l'industrie fait chaque jour de sensibles progrès, peuvent rivaliser avec ceux de n'importe quel autre pays.

INSTRUCTION PUBLIQUE — L'instruction publique a toujours attiré spécialement l'attention des gouvernements de l'état de S. Paulo et une grande partie des rentes publiques est uniquement destinée à répandre de plus en plus l'enseignement sur tout son territoire. Bien rare est la ville où l'on ne trouve un groupe scolaire établi dans une école moderne construite selon les règles de l'hygiène et de la pédagogie.

Salomé

por DA COSTA E SILVA

... Volta o escravo trazendo, enfim, na aurea bandeja,
A cabeça de João. Ergue-a, jitando-a, e beija,
Com ardor, Salomé, cheia de commoção
Ante a posse do bem que ambicionára em vão.

E hoje tem, afinal, como unico conforto
Ao desvairado amor... E a cabeça do morto,
De novo erguendo, beija, olha-a outra vez, a ver
Si elle ainda pôde amar, si ainda pôde viver;

E parece que vê na pupilla incendiada
Um reflexo de luz, num lampejo de vida...
Nessa doce illusão, que engana o seu olhar,
Voluptuosa, a sorrir, não cansa de beijar,

Num transporte feliz de jubilo e de pena,
Aureolada de sangue, a cabeça morena
Do propheta christão, indefeso e revel,
Cujos gritos de dôr eram favos de mel.

Ergue-a, beijando e dansa; e, em delirio dansando,
Em colleios, sensuaes, volteia, ondeando... voando...
Voando qual si tivesse uma aza em cada pé...
E' uma serpente humana a linda Salomé,

Em ageis contorsões, em lubricos meneios,
Agitando os quadris, as espaduas, os seios,
Semi-núa, a ostentar o corpo virginal
Que vibra de emoção na lascivia carnal

Do amor, com que ella vae, numa febre imprevisite,
Beijando a fronte, a face, a bocca a João Baptista;
Tragica e bella assim, num rythmo emballador
Dansa, á cadencia ideal dos osculos de amor,

A' musica febril dos beijos repetidos
Que confundem num só todos os seus sentidos;
Num goso emocional de amorosa embriaguez
Não distingue, nem vê os que a applandem, talvez...

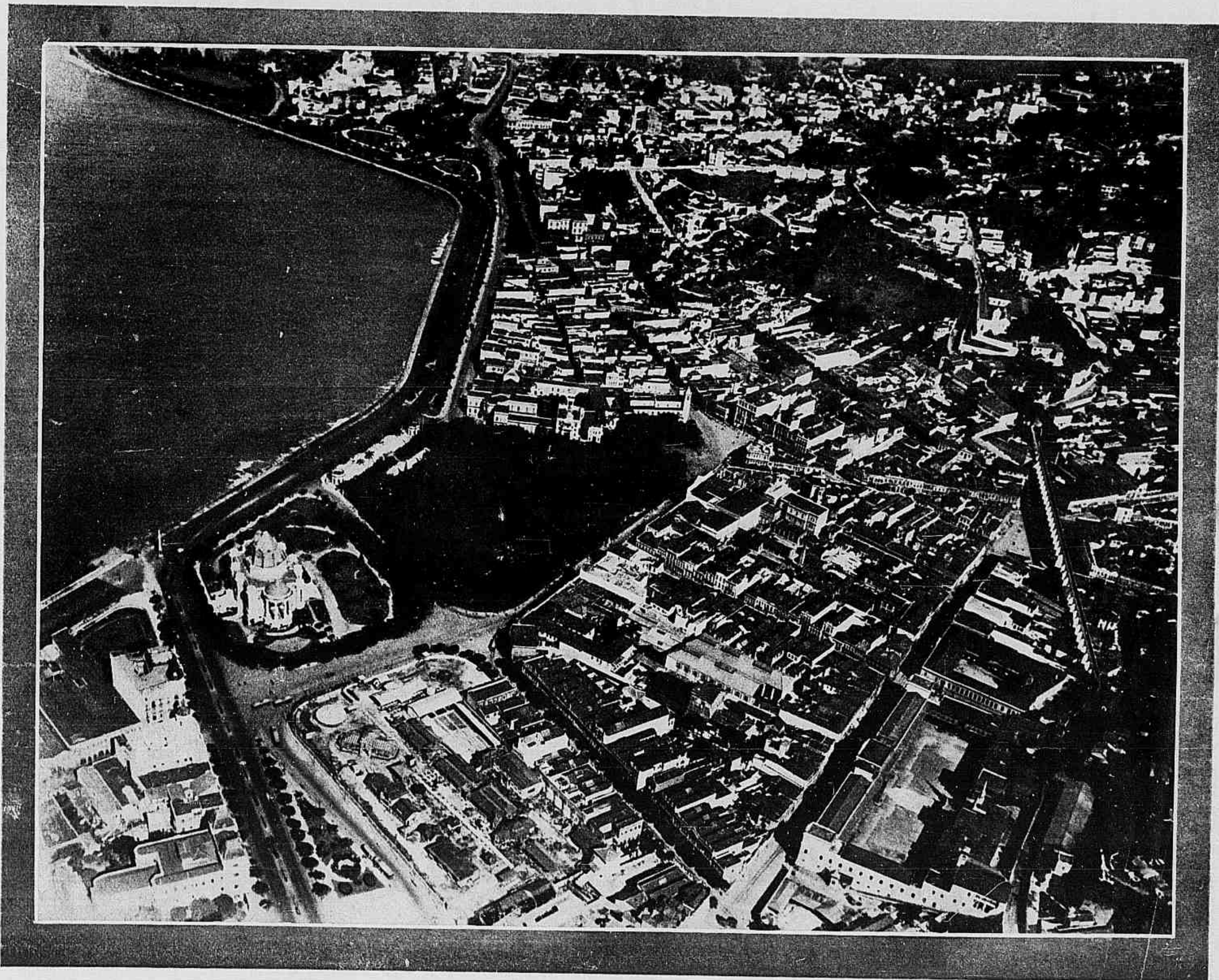
Vive só para João... É a cabeça do Santo,
O olhar boiando em luz, inundado de pranto,
Pelo poder que o amor, mesmo na morte, tem,
De repente se anima, a fital-a tambem;

E o labio frio é agora insaciado e faminto,
A beijar e a morder na volupia do instincto;
Virgem durante a vida, agora, morto, quer
Nesta bocca nervosa e ardente de mulher

Beber de um trago só, de um sorvo, de um só hausto,
A alma de Salomé, em sublime holocausto,
Na victoria da morte, á victoria do amor,
Emquanto em convulsões de alegria e de horror,

A' luz daquelle olhar, á ancia daquelle bocca,
Vôa, no ar, Salomé, rindo e cantando, louca,
A erguer, como um trophéo, a cabeça de João.
Olhando-o em vão, chamando-o em vão, beijando-o em vão.

O RIO, DOS ARES



OS BAIROS DA LAPA E DA GLORIA VISTOS A 1.500 PÉS DE ALTURA DO BOTE 17 DA ESCOLA NACIONAL DE AVIAÇÃO.

SPORT

FOOTBALL

APESAR dos desejos máos que acompanharam os nossos jogadores enviados ao Chile, para a conquista do Campeonato Sul Americano de Foot-Ball, o combinado nacional, parece, não ficará mal collocado na classificação derradeira.

Até a hora em que escrevemos, os Brasileiros tinham 2 pontos, contra 3 dos Uruguayos, 2 dos Argentinos e 1 dos Chilenos. O empate dos Argentinos com os Uruguayos collocou em situação magnifica a *équipe*, da qual S. Paulo não quiz fazer parte. Basta um empate com os Argentinos para que o segundo logar seja do Brasil.

do Botafogo, nas posições de *center-half*. Ambos os *players* actuaram de excellente maneira, parecendo jogadores que ha muito occupam estas posições.

TURF

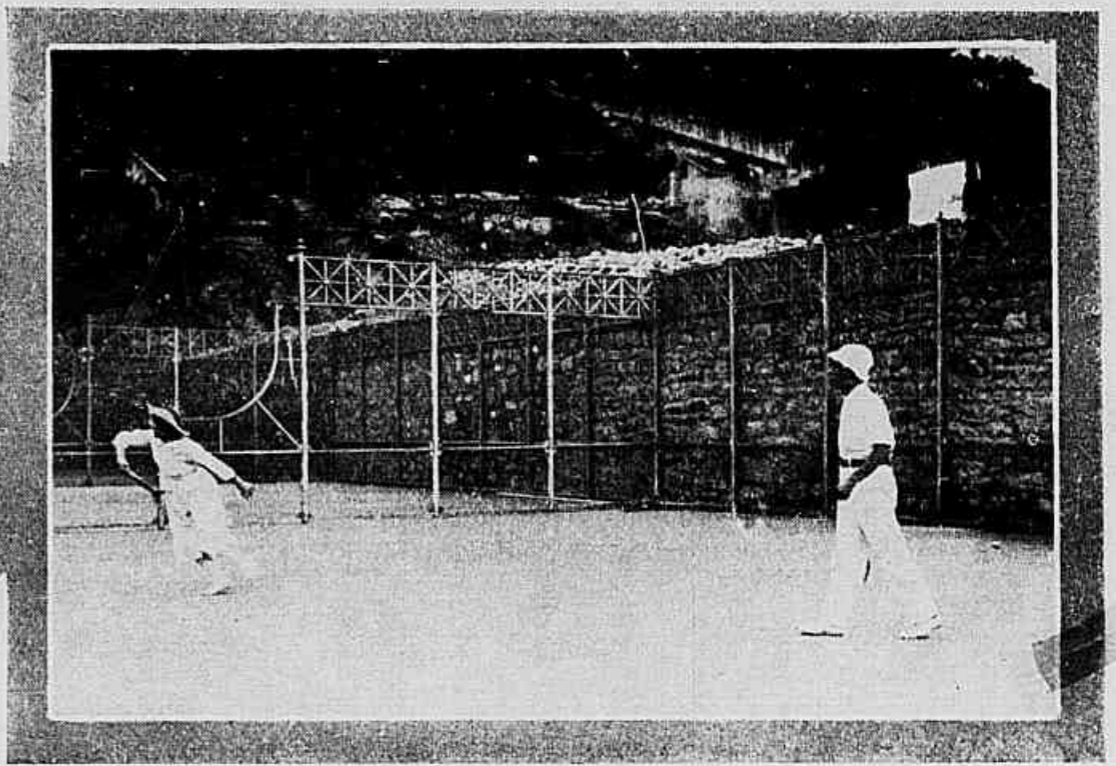
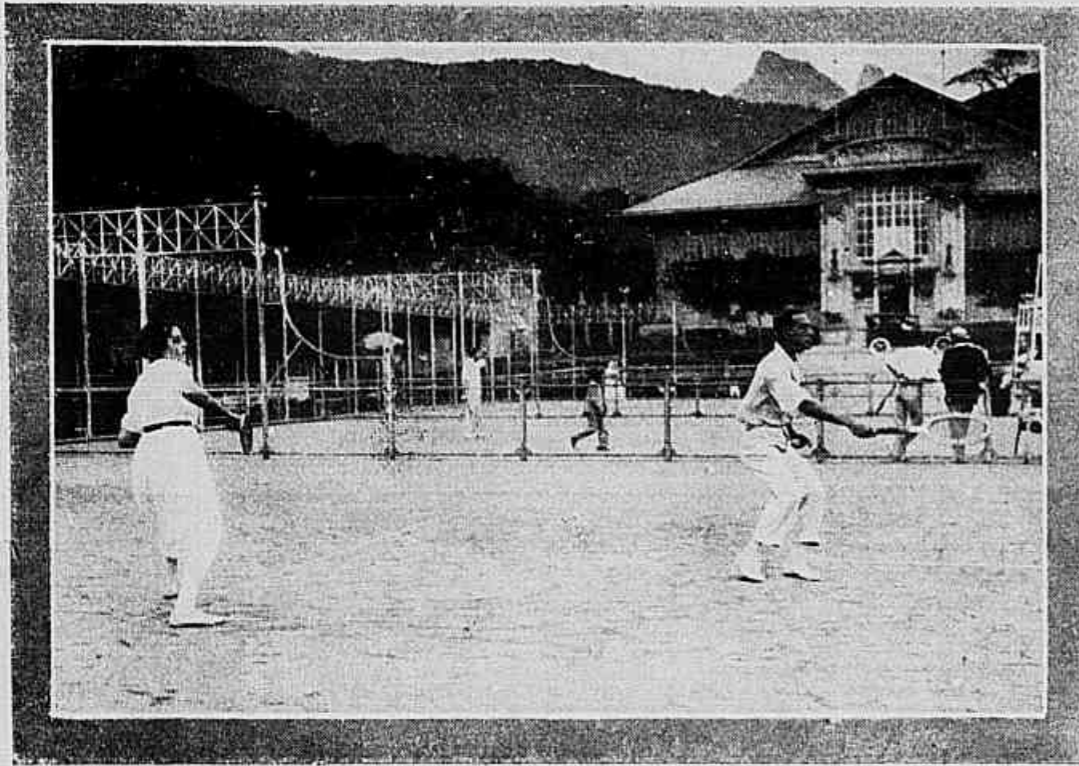
Estão realisadas as grandes provas do anno, ficando, incontestavelmente, como *crack* o valente uruguayo *Liniers*, por *Pilla* e *La Cigale*, importação do competente Sr. Carlos Coutinho e propriedade do distincto *turfman* Sr. José Carlos de Figueiredo.

Liniers foi o vencedor dos grandes premios 16 de Julho, *Cosmos*, *Dr. Frontin* e *Jockey-Club* e dos classicos *Prefeitura Municipal*, *Ou-*

Liniers, que chegou a esta Capital por cerca de 56:000\$000, já levantou em premios 95:400\$000. E' um animal de grande classe, portador de excellentes correntes de sangue, perfeito e ainda tendo diante de si um brilhante futuro, confiado, como se acha, a um habil *entraineur* e com a direcção do jockey P. Zabala, que não duvidamos em classificar como o melhor profissional do nosso *turf*.

Entre os nacionaes figura como *crack* da nova geração a valente *Lampeira*, por *Novelly* e *Engeitada*, criação do Sr. Dr. Linneo de Paula Machado e propriedade dos Srs. R. Lopes & Pino.

Lampeira está entregue a Miguel Penalva



INSTANTANEOS DE UM DOMINGO DE "TENNIS", NO FLUMINENSE F. C.

O Campeonato Carioca, desfalcados diversos clubs das mais importantes figuras dos seus quadros, a bem dizer está suspenso. Houve um encontro ainda do America com o Botafogo, que terminou por um empate. Mesmo não indo ao fim a peleja, o titulo de campeão da cidade pertence, com toda a gloria e toda a justiça, ao Flamengo, que voltou a ser o campeão de terra, sendo já, ha muito, o campeão do mar.

tono e S. Francisco Xavier, só tendo soffrido tres derrotas, nos grandes premios *Rio de Janeiro*, *Presidente do Jockey Club* e *Taça Nacional* (prova official), nas quaes foi o segundo collocado, batido, respectivamente, por *Madrugada*, *Ramalero* e *Miau*, em carreiras em que o valente pensionista do emerito *entraineur* Christiano Torres não produziu corrida normal,

e tem sido pilotada por D. Suarez. Em oito vezes que foi apresentada ao publico conta outras tantas victorias, tendo ainda uma inscrição classica a cumprir, a do *G. P. Taça dos Productos* (25:000\$000 e 5:000\$000) ao criador), — que parece estar á sua mercê.

Da velha geração de nacionaes, continúa como *crack* o valente cavallo *Othelo*, por *Hall Cross* e *Onix*, que, desde o anno passado, vem se impondo como tal. *Othelo*, que pertence ao distincto *turfman* Sr. Dr. Accacio Antunes Pereira, provém do *haras* do Sr. Coronel F. de Macedo Couto, do Estado do Rio Grande do Sul.

A FESTA DA PRIMAVERA

No dia 20 realisou-se, no campo do Flamengo, a disputa do quinto campeonato de football, promovido pela Alliança Academica.

As provas foram bem interessantes e movimentadas, dada a constituição dos quadros contendores.

Os quadros da Escola Militar, Faculdade de Medicina, do Rio; Collegio Mackenzie e Escola Polytechnica, do Rio, foram, sem duvida, os mais fortes concorrentes ao titulo de campeão, pois nelles figuravam jogadores de nomeada desta cidade e de S. Paulo. As revelações do campeonato do dia 20 foram Candiota e Palamone, meia-direita do Flamengo, e *full-back*



ALGUMAS DAS LINDAS "TORCEDORAS" DO BOTAFOGO F. C.

UM SPORT

NA MODA

O Rei Alberto, logo no dia seguinte da sua chegada ao Rio, foi, de manhã cedo, para Copacabana e atirou-se ao mar, nadando. A noticia sensacional correu logo pelo bairro, e, em poucos minutos, a praia estava apinhada... Palmas, vivas, aclamações. Todas as manhãs, lá volta o Soberano Belga, e nada, nada, sempre entre palmas, vivas, aclamações. E a natação tornou-se o sport da moda...

Agora, toda gente nada no Rio...

1 DE DEZEMBRO

1 DE DEZEMBRO

1822 — *Sagração e coroação do imperador D. Pedro I* — “O plano do ceremonial (diz Porto Seguro) foi apresentado por uma comissão composta de José Bonifácio, Santo Amaro, bispo D. José Caetano da Silva Coutinho, monsenhor Fidalgo e frei Antonio de Arrabida, antigo mestre do imperador. Adoptou-se parte do que tivera lugar na sagração de Napoleão I, combinado com o que se praticava na Austria, inclusive a cerimonia da Hungria, de fender o ar com a espada” (*Historia da Independencia*, manuscritos). Debret pintou um grande quadro representando a cerimonia na Capella Imperial. No t. III da sua *Voyage Pittoresque au Brésil* ha uma reprodução lithographica do quadro, e no texto o artista indica quaes os principaes personagens ali retratados. Na falta de um esboço explicativo, que em todos os museus é annexado ás telas em que ha retratos, o commentario do pintor, no citado tomo tem grande valor historico.

— Decretos de criação da Ordem Imperial do Cruzeiro e de nomeação dos primeiros brasileiros admittidos nessa Ordem. O tenente-general Curado e o deputado Antonio Carlos foram nomeados grã-cruzes. O imperador quiz dar o mesmo grão ao ministro José Bonifácio, mas este recusou, declarando que não lhe ficava bem, sendo ministro, receber uma condecoração, creada por proposta sua. “Condecure V. M. o Antonio Carlos, se quizer, pois tambem é Andrada e não é ministro”, accrescentou elle.

1824 — Juramento da Constituição do Imperio no Recife.

1844 — Na cidade do Rio de Janeiro, onde nascera a 25 de Abril de 1767, fallece o literato e theologo conego Luiz Gonçalves dos Santos. A sua obra compõe-se de 10 livros e 8 opusculos, comprehendendo as *Memorias para a Historia do Reino do Brasil* (2 volumes), 3 trabalhos publicados por occasião da nossa luta da Independencia (um delles é simples traducção) e 13 sobre assumptos theologico-canonicos.

1861 — Fallecimento de Antonio Gonçalves Teixeira e Souza, na cidade do Rio de Janeiro. Nascido em Cabo-Frio, a 28 de Março de 1812, foi carpinteiro e depois mestre-escola. Publicou um poema epico *A Independencia do Brasil* (1847 e 1855), um poema romantico *Os tres dias de um noivado* (1844), 2 volumes de cantos lyricos (1841-1842), 2 tragedias (além de uma traduzida) e 6 romances, o melhor dos quaes é a *Providencia* (5 volumes, 1854). Deixou outros trabalhos ineditos.

1864 — O Exercito Brasileiro, commandado pelo general João Propicio Menna Barreto (depois barão de S. Gabriel), deixa o acampamento do Pirahi-Grande e invade a Republica Oriental, dirigindo as suas marchas sobre Paysandú. Compunha-se apenas de 5.711 homens das tres armas, sem falar em 1.200 voluntarios de cavallaria, que formavam a brigada do general Netto e já estavam em marcha para Paysandú.

2 DE DEZEMBRO

1825 — No palacio da Boa-Vista, cidade do Rio de Janeiro, nasce o principe imperial do Brasil, D. Pedro de Alcantara, depois imperador com o nome de D. Pedro II.

1837 — Decreto do regente Araujo Lima (marquez de Olinda) creando no Rio de Janeiro o Imperial Collegio de Pedro II. Era ministro do Imperio o grande estadista Bernardo Pereira de Vasconcellos, a quem se deve a fundação desse estabelecimento, inaugurado no dia 25 de Março de 1838. As aulas abriram-se no dia 2 de Maio.

1858 — Fallece em São Domingos de Nictheroy o grande orador sacro frei Francisco de Mont'Alverne, natural da cidade do Rio de Janeiro.

— Inauguração dos trabalhos de construção da nova Casa da Moeda do Rio de Janeiro. Souza Franco era o ministro da Fazenda. O credito para as despesas fora pedido em 1853, ao Parlamento, pelo ministro Rodrigues Torres (visconde de Itaboraá). Em 1643 foram estabelecidas officinas para contramarcas as patacas no Rio de Janeiro, Bahia e Maranhão; mas a primeira Casa da Moeda que teve o Rio de Janeiro (provisoria) começou a trabalhar no dia 17 de Março de 1699 e encerrou-se no anno seguinte, passando para o Recife os seus officiaes, que já haviam estado na Bahia (1694-1698). Em Pernambuco trabalharam até 1702, e em 1703 tornaram ao Rio de Janeiro, onde ficou definitivamente assentada uma officina monetaria. De 1714 a 1830, a Bahia teve um estabelecimento do mesmo genero e Villa Rica outro, que funcionou de 1724 a 1735. Além dessas 3 casas para a cunhagem do numerario, houve casas de fundição de ouro em Villa Rica, S. João del Rey, Villa do Principe (Serro Frio), Sabará, Matto Grosso e Goyaz. Foram abolidas, pelo art. 23 da lei de 24 de Outubro de 1832. As moedas do tempo colonial, cunhadas nas officinas monetarias do Brasil, trazem as marcas R (Rio), B (Bahia), P (Pernambuco), M (Minas), apparecendo essas letras repetidas, cantonando a cruz de Christo (portanto, 4 letras, nas moedas que têm essa cruz). Depois da Independencia, enquanto esteve aberta a Casa da Moeda da Bahia, as marcas R e B subsistiram. Para a moeda de cobre houve outras marcas; mas seria longo enumeral-as. As mais antigas moedas cunhadas no Brasil foram as obsidionaes hollandezas do Recife, de 1646 (ouro) e 1654 (prata).

1861 — Abertura da primeira Exposição Nacional, no edificio da Escola Polytechnica.

3 DE DEZEMBRO

1852 — Inauguração do Hospicio Pedro II.

4 DE DEZEMBRO

1810 — Carta regia do principe-regente D. João (D. João VI), creando no Rio de Janeiro a Academia Militar, depois Escola Militar. As aulas foram abertas no dia 23 de Abril do anno seguinte.

LINGERIE ELEGANTE RUA DO CATTETE 138 RIO DE JANEIRO



Especialidade em fina lingerie, en-

xovaes para noiva e baptisados.

Lindos trabalhos em bordados á

mão. Variedades de rendas, verda-

deiras novidades em sedas. Tomam-

se encomendas de enxovaes.

Variado sortido de vestidinhos em lingerie

para crianças de 1 a 10 annos,

com rendas verdadeiras.



AS NOSSAS EXMAS.

LEITORAS

Prevenimol-as que para acompanharem rigorosamente a moda da presente estação, fazendo ao mesmo tempo grande economia, devem tingir seus vestidos somente com o afamado "GERMANIA", que dá resultados garantidos, custando só 1\$500.

Unicos representantes no Brasil

C. F. QUEIROZ (Dep. Imp.)

RUA S. PEDRO, 133

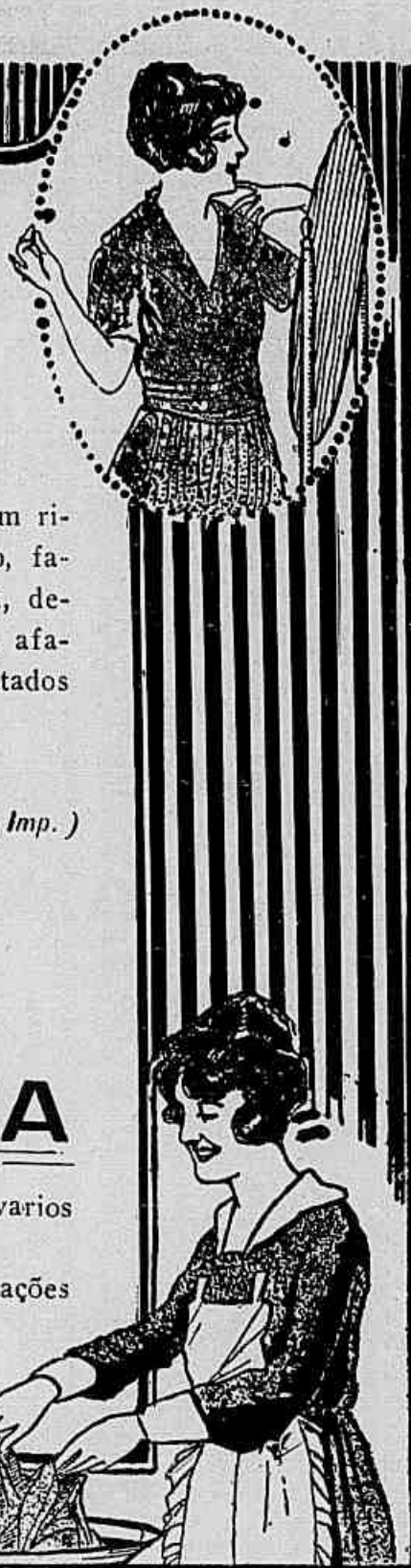
Caixa Postal 765

Exijam sempre marca allemã

GERMANIA

O artigo encontra-se á venda em varios pontos desta cidade e nos Estados.

Com muito prazer accetamos indicações de casas que queiram revender o artigo.



ADOLFO BENGELL

Casa de Pianos

LOJA E ESCRITORIO:
RUA DO PASSEIO, 42
OFFICINA ESP. DE CONCERT.
RUA DAS MARRECAS,
Nº 18
TELEPH. CENTR.
2336.

RIO DE JANEIRO.

Unico Representante
EM PIANOS
AUTOMATICOS:

Duca, PIANO
Electrico de reproducção
Ducanola
Ducanola-Combinação

"PHILIPPS"

PIANOS AUTOMATICOS ZEITNER & WINKELMANN
com Ducanola:

SCHIEDMEYER, Fiedler.



PIANOS
communs:
GRUNERT
SCHIEDMEYER
GEISLER

FLUMINENSE HOTEL

Praça da Republica, 207 e 209

Estabelecimento de primeira ordem, situado em ponto magnifico, ao lado da E. F. C. B.

Agua canalizada nos quartos, elevador electrico, mesa de ligações telephonicas.

Restaurante irreprehensivel

Aposento com pensão desde 12\$000

Aposento sem pensão desde 7\$000

End. Telegraphico
FLUMINENSE

RIO DE JANEIRO



SSS

Culta novidade



O melhor e mais fino dos Talcos; no acondicionamento o mais elegante.

O Frasco de vidro fosco é um verdadeiro adorno para a mesa de toilette. A quantidade de Talco

é quasi o dobro das latas communs.

Preço. 5\$000
A VENDA EM TODA A PARTE.

A maior fabrica do mundo de artigos dentarios.
O mesmo Talco em latas vende-se a.... 2\$500

S. S. White Dental Mfg. Co. of Brazil

Manufactura de Fumos



O ESTOMAGO E A EXPRESSÃO PHYSIONOMICA

PALAVRAS DE UM NOTAVEL MEDICO



"Todos conhecemos gente de agradável plastica, de boa personalidade, dizia o celebre medico francez Dr. H. D. Robin, em uma conferencia ultimamente celebrada em Paris. Gente que triumpha na luta pela vida, porque tem o dom de ser agradável á primeira vista; rostos que, mesmo sem serem bonitos, se impõem pela primeira boa impressão. Gente feliz, que devido á sua apparencia juvenil, aos seus olhos magneticos, cheios de vida, e ao gracioso conjunto de seu jogo physionomico, obtem vantagens sociaes, commerciaes e politicas entre as multidões que a admiram. Tambem sabemos de outras pessoas, continuava o Dr. Robin, que, muitas vezes, sendo bonitas, têm uma não sei que expressão que nos não agrada; dão a impressão de estar sempre irritadiças, abatidas, languidas e nervosas, falta-lhes aggressividade, e não têm vida nem expressão no olhar.

Estas pessoas muito soffrem, devido á difficuldade de poderem agradar, porque nunca fazem uma primeira boa impressão. Pois bem, VV. SS. não ignoram que está scientificamente provado que 90 % destas pessoas tristonhas, irritadiças, abatidas e nervosas devem seu lamentavel estado, que não poucas vezes lhes ocasiona sua infelicidade, á deficiencia digestiva e assimilativa de seu organismo. Os alimentos, que nos outros produzem energias, carnes e forças, nestas pessoas escassamente fornecem o nutrimento essencial para não morrerem por falta de sustento, ocasionando-lhes depois das refeições mal estar, lassidão, somnolencia, nervosidade, máo halito, azia, etc. Infelizmente, a maior parte destas pessoas ignora a causa de seu estado, e o justifica pensando que é essa sua natureza, e que assim têm de aturar toda a vida. Se essas pessoas tomassem com as refeições duas pastilhas Digestivas Picard, do especialista francez Dr. Ed. Picard, de Pepsina, Pancreatina e Diastasa, em breve notariam em seu systema um maravilhoso cambio. A vida e a alegria voltam ao rosto e aos olhos, desapparecendo todos os traços de abatimento e nervosidade, juntamente com os outros symptoms de doença do estomago, taes como acidez, peso no estomago, ventosidade, lingua suja, sabor desagradavel na bocca, dores de cabeça, magreza, máo halito, resfriamento das mãos e pés, e affecções da pelle".

As Pastilhas Digestivas Picard, a quem se refere o Dr. Robin, já se acham á venda em todas as drogarias do Brasil, e têm produzido resultados surprehendedentes, mesmo em casos de tisis intestinaes e antigas gastrites chronicas.

Unico Depositario: OSCAR A. VILLAFANE
QUITANDA, 50 — 2º — Depto. A. — RIO DE JANEIRO

CASA GUIMARÃES

ANTIGA E ACREDITADA AGENCIA DE LOTERIAS

Recommenda-se porque distribue diariamente premios pela sua grande freguezia, porque tem sempre bilhetes com bastante antecedencia, podendo assim satisfazer cabalmente a todos os pedidos dos Srs. freguezes do interior, cujas ordens são executadas no mesmo dia do recebimento.

Habilitae-vos desde já para os

500:000\$000 DO NATAL — Em 18 de Dezembro
— — — Bilhete inteiro 45\$000 — — —

PEDIDOS A **F. GUIMARÃES**
RUA DO ROSARIO N. 71

Canto do becco das Cancellas — Caixa 1273 — End. Tele-
graphico KASANOVA — RIO DE JANEIRO



REMINGTON

Além de ser a unica machina de escrever representada no Brasil por uma casa especialista neste ramo, é a que no maior numero de casas commerciaes, bancos, emprezas e repartições publicas produz incessantemente o maior e melhor trabalho, capacitando os dactylographos ao aproveitamento maximo das horas de trabalho.

A REMINGTON encerra o maior numero de aperfeiçoamentos praticos, muitos dos quaes exclusivos — São quarenta e tantos annos de ininterrupto successo que a recommendam.

Para informações mais detalhadas, escreva-nos

CASA PRATT

RUA DO OUVIDOR, 125

RIO DE JANEIRO

AGUA INGLEZA GRANADO

Desconfiar das imitações

Nas convalescências dos parlos e longas enfermidades,
estimula a digestão, evita as febres intermillentes e
tonifica o organismo

PREPARADA COM ESPECIAL VINHO GENEROSO DA QUINTA
DA SAPINHA (ALTO DOURO) PROPRIEDADE DO S. J. A. C. GRANADO

Com o mesmo vinho são tambem preparados os:

VINHO TONICO-RECONSTITUINTE
VINHO NOZ DE KOLA
VINHO IODO-TANNICO PHOSPHATADO
VINHO DE QUINIUM

FORMULA LABARRAQUE

Esles productos são os que melhores resultados offerecem

EXIJAM A NOSSA
MARCA



RECUSEM AS PREPARAÇÕES
SIMILARES

A VENDA EM TODAS AS
PHARMACIAS E DROGARIAS
DO BRAZIL

Os desportos
ao ar livre
EQUITACÃO



Em nenhuma época

a delicadeza da cutis das senhoras, tem estado tão exposta a acção demolidora dos intempéries como nesta. Em nenhuma época, entretanto, a cutis das senhoras appareceu tão bella como agora. Este facto deve se unicamente a que só agora se dispõe do delicioso

PO' GRASEOSO
MENDEL

que impede de modo absoluto as molestias, aformoseia o rosto, nutre, revigora e protege a cutis conservando a fresca, sa e juvenil

Finamente perfumado a Violeta, Jasmim e Heliotropo, preparados em côres Eranco Rosa, Rachel (crème) e Chair (carne), sendo esta ultima côr, a da moda, superam a todos os demais em efficacia, adherencia e impalpabilidade e os tornam sem rival na toilette das senhoras de bom gosto

A SUPERIOR QUALIDADE DO PÓ GORDUROSO

MENDEL

faz com que o imitem, por isso tenha muito cuidado com as substituições e exija o verdadeiro em caixas de metal ou de cartão e assim obterá V. S. o melhor.

VENDE-SE EM TODAS AS PARTES
Unicos introductores para a America do Sul

MENDEL & C



representantes autorizados: **Enrile y Picasso**
7 de Setembro, 193 sob. - Telep. 5525 - Rio de Janeiro

